

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Corpo e experimentações:
Por que desejamos nossa sujeição?

Thiago Pedro Monteiro

Orientadora: Prof. Dra Cecília Maria Bouças Coimbra.

Niterói-RJ

2017

THIAGO PEDRO MONTEIRO

**CORPO E EXPERIMENTAÇÕES:
POR QUE DESEJAMOS NOSSA SUJEIÇÃO?**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa Dra Cecília Maria Bouças Coimbra

Niteroi

2017

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

M772c Monteiro, Thiago Pedro
Corpo e experimentações: por que desejamos nossa
sujeição? / Thiago Pedro Monteiro ; Cecília Maria Bouças
Coimbra, orientadora. Niterói, 2017.
119 f.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2017.

1. Corpo. 2. Pensamento. 3. Sujeição. 4. Produção
intelectual. I. Título II. Coimbra, Cecília Maria Bouças ,
orientadora. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto
de Psicologia.

CDD -

Bibliotecária responsável: Angela Albuquerque de Insfrán -
CRB7/2318

THIAGO PEDRO MONTEIRO

**CORPO E EXPERIMENTAÇÕES:
POR QUE DESEJAMOS NOSSA SUJEIÇÃO?**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Cecilia Maria Bouças Coimbra (orientadora)
Universidade Federal Fluminense

Prof^ª. Dr^ª. Heliana Conde de Barros Rodrigues
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Auterives Maciel Junior
Universidade Veiga de Almeida

Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguichi
Universidade Federal Fluminense

Dedico esse texto às pessoas que passaram pela minha vida e que, ainda que esbarrando na rua, de longe, ainda que nunca tenha conversado com um/a ou outro/a provocaram transformações, mudanças, atos epiléticos, terremotos, brisas, furacões em minhas catatônicas formas de viver. Dedico esse texto a quem nunca vi e talvez nunca veja, mas que sabendo de vocês, algo aqui dentro mexe, muda, transforma. À minha mãe e ao meu pai, aos meus irmãos e irmãs, às irmãs e irmãos que fazemos pela vida e às mães e pais que nos acolhem pelo mundo afora – ainda que tais mães e pais sejam crianças. Dedico esse texto aos pretos e pretas velhas, aos orixás, aos seres encantados do céu da terra e do mar, às caboclas e aos caboclos, aos guias do oriente.. .

AGRADECIMENTOS

Lembro que certa vez conversava com uma amiga de faculdade. Estávamos no 2º período em um intervalo sentados numa escada com outros mais que por ali ficavam a comer, a fumar e a conversar entre uma aula e outra. Lembro que falei para uma amiga que tentaria mestrado etc e tal. Lembro também das vezes que sequer sabia o que era uma universidade e brincava com um amigo na rua perto da casa de minha mãe. Das vezes que saímos de bicicleta, da vezes que viajamos. Lembro que cresci. Nesse processo de crescer conheci o medo, a insegurança, vi injustiças. Viver não é fácil, exige mesmo muita coragem. Mas estamos vivos. Lembro de quando vi o mar pela primeira vez e depois que meu pai faleceu que minha mãe começou a viajar comigo e com minha irmã para o mar. Lembro da sensação do sol pela manhã, da temperatura da água e da praia vazia e deserta que íamos. Lembro dos meus amores de tenra infância.

O tempo nos olha distante ao mesmo tempo que parece que o vivemos quando respiramos e sentimos em nossas peles que envelhecemos. Vejo uma pedra respirar tal qual uma árvore ou um cão ofegantemente suave. Conheci muita gente. Também conheci a morte, desde criança a vi de perto várias vezes. A vida é demasiadamente complexa e simples. Cada passo que damos nos leva para caminhos que sequer temos ideia. Isso sem falar em gente que simplesmente pega em nossas mãos e nos leva, em gente que nos empurra, que sussurra sonhos em silêncio.

Olho para os lados e vejo as pessoas que conheci. Quanta pessoa maravilhosa, quanta gente fantástica. Isso sem falar em seus sonhos, seus esforços, nos momentos que tiveram medo e foram, naqueles instantes que não pestanejaram. Quanta delicadeza em suas coragens, em suas mudanças, em seus atos e transformações. Quanta gente se foi – muitos sequer conheci e queria muito conhecer. Eu próprio me vou, me abaroto e também me corto inteiro.

Esse gesto de gratidão pela vida, pelas vidas que me ensinaram e me ajudam em distintos momentos – ainda que não tenhamos noção disso é muito sutil e delicado. Dona Maria, ao meu pai (in memoriam), à dona Ana Fernandes de Oliveira (in memoriam) tia Raimunda, tia Geralda, tia Ruth, tio João, meus irmãos, Juninho bocó, Lucas, Mariana, Fernanda, Luma, lindeza de amor!, ao pessoal do NAVCV, do Cecilândia – essa verdadeira zona autônoma temporária – Cecília Coimbra, florizinha encantada e querida! Roger, à banca, aos amigos do mestrado, da vida, aos amigos que fiz sem saber o nome, Hudsooon.. Bibi, ao pessoal da Barquinha, e a muitos mais, gratidão.

“Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.”

Manoel de Barros

RESUMO

O presente ensaio acompanha fluxos, ritmos, cadências e decadências. Procura dizer sobre si à medida em que é feito, talhado, escrito, musicado, feito de silêncios – ainda que breves e curtos – e partículas pré-verbais. É disso que tal texto é feito ou pelo menos procura assim se fazer. Ensaio, erro, apago, continuo, vacilo, sou levado, esqueço uma contratura no ar, a mão queima, a coluna insiste em curvar para frente, as pernas doem, incham às vezes, alongo. Levanto para ir ao banheiro, vejo a paisagem. São quase 18h, horário de verão na sua cidade. Quinta-feira nove de novembro na sua internet mal paga. A vida urge e ruga. Ensaiar, ao invés de escrever sobre, eis ao que estou condenado.

Os fluxos deste ensaio seguem minha mudança de cidade, de Belo Horizonte para Niterói, mudança de proposta de projeto e a de colocar meu corpo como um ensaiante. Proposta de pesquisar enquanto escrevo, de ensaiar enquanto andando, bailo. De escrever enquanto na próxima linha, caio, de chamar um amigo, de esquecer que pesquisar pode ser um ensaio. Não pesquisar sobre, mas pesquisar com; pesquisar com meu corpo. Ou melhor, também com meu corpo. Observar, perceber em nós a opressão não é fácil. Pedimos a opressão? Uma vida triste? Um questionamento intriga: é isso que nos resta? O que nos coloca nesse estado *fantasmático*? Como? Quais insurgências, revoltas, guerras e desobediências são possíveis, necessárias, fundamentais?

O devir da ética e a ética do devir. Tudo acontece no exato momento em que menos se espera. As mudanças, os cortes. É tempo de ser, mas também é tempo de agora pouco já se foi e também é o tempo que ainda agora será: é o tempo da latitude do corpo. Depois do corpo, de experimentar com o corpo, saber escolher entre bons e maus encontros; transvalorar todos os valores: no seu dia-a-dia; contigo mesmo. É tempo já, segure tais páginas ou jogue fore, jogue pro alto, não feche, feche os olhos, ouça: é preciso ensaiar um caos dentro de si para dar a luz a uma estrela dançante

Palavras-chave: corpo, pensamento, experimentações

ABSTRACT

The present essay follows flows, rhythms, cadences and decays. It tries to say about itself as it is made, cut, written, music, made of silences - even brief and short - and pre-verbal particles. That is what this text is made of or at least it seeks to do so. Rehearsal, error, erase, continue, hesitate, I'm taken, I forget a contraction in the air, the hand burns, the spine insists on bowing forward, legs ache, sometimes swell, alongo. I get up to go to the bathroom, I see the landscape. It's almost 6:00 PM, daylight saving time in your city. Thursday, November 9, in his badly paid internet. Life urges and roars. Rehearse, instead of writing about, here is what I am doomed.

The flows of this essay follow my change of city, from Belo Horizonte to Niterói, change of project proposal and to put my body as a rehearsal. Proposed to research as I write, to rehearse while walking, I dance. To write while on the next line, I fall, to call a friend, to forget that researching can be an essay. Do not search on, but search with; search with my body. Or rather, with my body. To observe, to perceive oppression in us is not easy. Do we ask for oppression? A sad life? An intriguing questioning: is this what we have left? What puts us in this phantasmatic state? As? What insurgencies, revolts, wars and disobediences are possible, necessary, fundamental? The becoming of ethics and the ethics of becoming (devir).

Everything happens at the exact moment you least expect it. The changes, the cuts. It is time to be, but it is also time of now little is gone and also is the time that will still be now: it is the time of the latitude of the body. After the body, of experimenting with the body, knowing how to choose between good and bad encounters; transvalor all values: in your daily life; with yourself. It is time already, hold such pages or throw fore, play loud, do not close, close your eyes, listen: it is necessary to rehearse a chaos within itself to give birth to a dancing star

Keywords: body, thought, experiments,

Sumário

Prelúdio:	12
Corpo corpo, vasto corpo	14
as nuances das roupas e os corpos..que coragem é essa?	17
Cenas..territorios.. situações.....	32
<i>Corpos intensivos: microfascismos do dia a dia, como combatê-los?</i>	33
Sustos.. acontecimentos.....	46
Qualquer semelhança não é mera coincidência:	48
<i>Você tem medo? Acha que não é controlado? Esquece-se disso?</i>	49
Experimentações.....	51
Movimentos aberrantes.....	65
Acontecimentos	72
Ética	75
As experimentações como um modo de vida ético	83
Acerca da liberdade	86
Artefatos	88
Mi nombre es Carol	93
Mi nombre es Sisto Daniel Mozon	96
Andar, correr, nadar comer, cagar, foder.....	98
Ensaístico.....	100
Ó Brasil, Moema morreu no meio do mar.....	102
Queres criar?.....	113
Ato delirante	114

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
DISCOGRAFIA	119
FILMOGRAFIA.....	119

Prelúdio:

Durante muito tempo, andava às voltas pela casa na construção do pré-projeto para a inscrição no mestrado na uff. Pré carnaval em BH, o amor e a loucura escorrendo solto em todos os bares, todas as ruas, esquinas, sombras e bueiros em que até as ratazanas do centro da cidade davam um tempo em suas idas e vindas entre lojas e lanchonetes e também se amavam, amavam baratas e lacraias, também esqueciam-se do mundo fétido e cheio de merda produzido por nós, humanos, o tal e esquecido esgoto, e vivem toda suas pequenas glórias em alguns dias liberados para um prazer quase que obrigatório em que outra multidão caminhava, marchava, só que agora de um modo diferente entre ônibus, ruas e semáforos, manilhas, lugares estreitos, nas noites sem luz entre restos e pedaços inteiros, roendo as roupas velhas das rainhas e dos reis de todos os lugares... O carnaval continuava e ainda pulava solto pelas ruas de BH, carnaval em tal condado que há alguns anos se refez em marchinhas e bloquinhos de rua ou se redescobriu carnaval dos findados e ainda existentes anos 20, talvez 30 e 40, deixando de lado os velhos e estranhos trios elétricos e/ou desfiles de carnavais que tinham uma caricatura grotesca do sambódromo da cidade dita maravilhosa – serás mesmo maravilhosa? mas, “e agora.. o melhor lugar do mundo é aqui..e agora?”¹ (...) o projeto ficou pronto, breado de purpurina, atendimentos, reuniões, amor, cachaça e de todo esse tempo e do que ouvia lá ou cá.

Nesse tempo o projeto tinha como objetivo falar do local que trabalhei em Belo Horizonte chamado Núcleo de Atendimento às Vítimas de Crimes Violentos –

¹ Canção de Gilberto Gil:

O melhor lugar do mundo é aqui,
E agora

Aqui onde indefinido

Agora que é quase quando

Quando ser leve ou pesado

Deixa de fazer sentido

Aqui de onde o olho mira

Agora que ouvido escuta

O tempo que a voz não fala

Mas que o coração tributa.

NAVCV-MG² – que era problematizar o nosso modo de atendimento que se fazia essencialmente pelo viés da palavra. Ora – eis minha pergunta até então – como podemos atender somente pelo viés da linguagem e “esquecermos” do corpo, sendo que todas as violências que atendemos³ ocorrem diretamente no corpo?..

No entanto, transcorrida certa temporalidade, em reunião com meus coordenadores do trabalho na época, eles me disseram que seria incompatível trabalhar em BH e fazer o mestrado no RJ, que teria que escolher entre um ou outro. Porém, na semana seguinte, em plena segunda feira de reunião a tarde toda, a equipe recebe dos coordenadores a notícia de que eles tiveram uma reunião com o secretário estadual de direitos humanos, Nilmário Miranda, avisando-os que o NAVCV teria o convênio interrompido ao final do ano ao passo que o chamado Centro de Referência de Direitos Humanos seria o “substituto” para o NAVCV. .

Estupefados, começamos a semana com um ar de desânimo misturado com esperança, medo do futuro e entrega ao desatino dos encontros, ao mesmo tempo em que a greve na uff, no ano de 2015, permitiu minha continuidade no NAVCV durante seus últimos seis meses e preparou o terreno para que pudesse chegar com certa calma

² O NAVCV teve início a partir de um projeto de lei federal que problematizava o lugar das pessoas atingidas por violência durante o acompanhamento dos processos jurídicos. Como se sabe, no meio judicial, as pessoas que sofreram violências, tem um papel de apenas oferecer provas e falar apenas o que é mais objetivo em relação aos fatos ocorridos para os advogados e juízes, excluindo, ao máximo, sua singularidade e modos de ser e expressão. A partir de um conhecimento técnico que trata como objeto as pessoas que do processo fazem parte, viu-se a necessidade de um lugar de escuta e fala para que as questões subjetivas pudessem ser “tratadas”. A partir dos decretos de leis “Lei Estadual nº 13.188, de 20 de janeiro de 1999², alterada pela Lei Estadual nº 16.835, de 25 de julho de 2007” é que houve, por meio do governo federal e, em alguns casos, junto com o governo estadual, o direcionamento das verbas necessárias para a criação de tal programa. Funcionando por meio de repasse de verbas por meio de algumas ONG’s que participaram dos editais publicados pelo governo federal e estadual, profissionais do direito, serviço social e psicologia, faziam os atendimentos necessários para que houvesse o que muito se discute sobre “ressignificação da violência”. Cabe dizer que em vários momentos, não só cada NAVCV ou CEV(Centro de Atendimento às Violências) funcionavam de modos diferentes, mas também que um mesmo NAVCV ou CEV podia variar muito ao longo do tempo no que diz respeito à sua metodologia de atendimento

³ As violências que eram atendidas no NAVCV tinham a ver com o potencial ofensivo, de maneira que tínhamos que fazer uma escolha entre o que atender, pois ao mesmo tempo não tínhamos condições de atender todas as violências. Apenas em 2010 é que a violência estatal/institucional foi incluída na perspectiva de problematizar a nossa postura política ante a nossa história, passada e atual. Sendo assim, essas eram as tipificações penais que atendíamos na instituição: estupro, estupro de vulnerável, tentativa de assassinato ou assassinato consumado [nesse viés eram atendidos xs familiares, amigxs e pessoas com quem a pessoa que viera a óbito teve vínculos afetivos] tráfico de pessoas e violência estatal/institucional.

no início de 2016 e ver que teria que mudar muita coisa, não só efetivamente na vida, mas também no projeto. Isso tendo em vista que à medida que o tempo passava, percebia o distanciamento e a impossibilidade que ia se materializando para que pudesse realizar meu projeto tal como havia planejado inicialmente.

Tinha como objetivo realizar um ou dois grupos no NAVCV, com as pessoas que atendíamos no local, grupo este que não fazia distinção, crivo ou corte entre as pessoas e as diversas violências do que as levavam no NAVCV, mas que seria um grupo baseado em uma perspectiva transdisciplinar, com um caráter transversal, com o objetivo de criar e lançar mãos de alguns dispositivos que tinham o corpo como foco, trabalhar tanto as questões singulares, como também as políticas relativas às violências, bem como envolvendo a rede de serviços e equipamentos públicos que os usuários já tinham – ou em alguns casos, deveriam ter acesso. A cada dia que passava era nítida a distância entre a ideia inicial e minha realidade do campo de pesquisa e que urgia, cada vez mais, outra forma de abordar o que tanto me incomodava no campo psi, o que é quase um tabu (seja na psi ou na vida cotidiana de modo geral) como também o mais óbvio e mais concreto para a nossa existência: o corpo.

Corpo corpo, vasto corpo

*Mandou que me desatassem e me amarrassem as mãos por trás das costas, depois que me pusessem uma canga na nuca e me atrelassem ao arado. As diabinhas negras me levaram pelo campo. Uma delas conduzia o arado, a outra me guiava puxando-me com uma rédea, a terceira me batia com o chicote e a Vênus das Peles, ao lado, contemplava a cena.
G.Deleuze – Sacher-Masoch – o frio e o cruel.*

Não basta dizer que não se trata do corpo biológico, ou como diria Deleuze, – fazendo uma adaptação ao texto de Artaud⁴ – do organismo, de que falamos nesse texto, tampouco faremos do organismo um mero lixo a ser descartado, mas nos aproveitaremos dele, a partir do que é apontado na anedota de “que até na mais

⁴ Deleuze utiliza do termo organismo, enquanto Artaud fala dos órgãos, do corpos sem órgãos. O primeiro quer enfatizar que não é apenas do que diz respeito aos órgãos em si, mas sim do modo de funcionamento destes, que podem ser “como o Juízo de Deus”. Ver “Artaud, o artesão do corpo-sem-órgãos” (2016, LUMME EDITOR)

repugnante sopinha há algo de nutritivo”⁵ para tentar nos conectar com o que de intensivo tem nos corpos. De que intensidade é essa? Uma intensidade sadomasoquista? Primeiro, nos amarrem mãos e pés, pernas com um salgado e quente fio de arame farpado, roce em nossas orelhas brasas que aos poucos escorrem pelas línguas. Deem-nos chibatadas em nossos corpos nus, enquanto tentamos nos mexer e, a cada vez que isso acontece, o arame aperta ainda mais nossas mãos, pés e genitálias. Passem por nossos anus linhas de pescar que febrilmente causam dores e arrepios, calafrios e ao mesmo tempo adocicam de uma delicada dor a glândula do pênis ou o bico do seios, recortados de pequenos piercings e anzóis enquanto nos suspendem com ganchos pelas costas para que várias chibatadas facilitem o fim da costura dos lábios inferiores ao nariz... orgasmos múltiplos nos suscitam por meio de arrepios a cada “filete de sangue nas gengivas...”⁶. Não nos valeremos aqui de leituras freudianas sobre prazer e dor, sadismo, masoquismo, mas de uma leitura deleuziana sobre o sadismo na medida em que o que interessa ao sádico⁷ são as intensidades que lhe perpassam o corpo..

Do que se trata quando pensamos “o que pode um corpo?” de que intensidades ou afetos podemos nos valer para que nossas potências de vida sejam conectadas com o que podemos? Ainda assim, na atualidade, qual o motivo de aceitarmos, depois de tanta teoria e fato confirmado, certos e vários modos de governo opressivos, leis estranhas, maneiras de viver marcadas pelo medo e esperança (de um futuro melhor) – que nunca chegam, estão somente nesse porvir eterno, num futuro distante ou logo ali, quiça num passado nostálgico, findado, nos convocando a uma terrível aceitação do presente, e ao mesmo tempo nos distanciando do agora, do aqui agora, desse exato momento em que lê o que escrevo (mesmo que tenha transcorrido algum tempo, com seus olhos sobre a

⁵ Anedota contada por Gregório Barenblitt em suas aulas, palestras e seminários, para dizer sobre a imanência das coisas da vida e da vida.

⁶ Ana Cristina Cesar, 1952-1983;

“olho muito tempo:

olho muito tempo o corpo de um poema
até perder de vista o que não era corpo
e sentir separado entre os dentes
um filete de sangue
nas gengivas..”

In: A teus pés, Ed. Brasiliense. 1982

⁷ Ver Deleuze, Sacher-Masoch.

tela, ou sobre a folha, escrevemos juntos alguma coisa que ainda não sabemos, o texto, só é escrito quando alguém o lê...)

Podemos nos deixar seguir pelos ideais de uma vida democrática tal como nos sugerem há séculos? E que não passa de ilusões somente.. vemos a cada dia tais “acontecimentos, na vida de nossas retinas, tão fatigadas”⁸, vemos e falamos, e falamos apenas, quando não chegamos ao deplorável estado de tirar “selfies” de pessoas mortas, agonizantes, de acidentes vários, mimos, amores próprios, gatinhos e paisagens mil: umbigo meu, mundo meu, existe alguém mais foda do que eu?.

Que política corporal no cotidiano, do cotidiano? Haveria possibilidade de um *corpo menor*? Um corpo em devir, um corpo porvir?.. um corpo que afeta? pois se há esse tal afeto, vejam lá, *o afeto não é um sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência, de matilha, (de alcateia) que subleva e faz vacilar o eu (...) terrível involução que nos chama em direção a devires inauditos. Não são regressões, ainda que fragmentos de regressão e sequências de regressão juntem-se a eles..*⁹

Uma micropolítica com o corpo, um trabalho que se procura inserir-se nas ranhuras das relações mais banais e estranhas do cotidiano, pode o corpo, até então um mero subalterno da mente, corporear, dançar? Que experimentações podem lançar mão de dispositivos que nos façam criar máquinas de guerra, combates silenciosos,

⁸ Carlos Drummond, In, *Alguma poesia*, 2002 p. 36.

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra.

⁹ Deleuze e Guattari, In, *Mil platôs vol 4 2008 p. 21.*

imperceptíveis e abruptos, zonas autônomas temporárias¹⁰, pois certamente, há algo de podre, de muito podre e visível, não só no reino da Dinamarca, mas no modo em que se vive a vida. Temos a impressão de que uma característica dessa podridão – e assim nosso olfato percebe de longe – vem desses corpos mórbidos e pegajosos, desses corpos ressentidos. É nesse ponto que pretendemos trabalhar a partir de então no projeto: acerca do ressentimento e do desejo de servidão – nossa e do outro – para pensar em que medida é possível práticas de liberdade a partir do modo de subjetivação brasileiro marcado profundamente por posições eurocêntricas acerca da vida – vida em sua acepção mais ampla possível.

as nuances das roupas e os corpos..que coragem é essa?

Quando José Arcadio Segundo despertó estaba bocarriba en las tinieblas. Se dio cuenta de que iba en un tren interminable y silencioso, y de que tenía el cabello apelmazado por la sangre seca y le dolían todos los huesos. Sintió un sueño insoportable. Dispuesto a dormir muchas horas, a salvo del terror y el horror, se acomodó del lado que menos le dolía, y solo entonces descubrió que estaba acostado sobre los muertos.

No había un espacio libre en el vagón, salvo el corredor central.

G.G. Márquez.- Cien años de soledad.

,por aí nas ruas, esquinas, bares, ônibus, sempre penso no que diz respeito ao modo como cada um se implica com seus atos. várias pessoas quando não são agressivas, são indiscretas, mas também chegam a ser amáveis e muito carinhosas. são ofensivos, tensões aparecem, climas de brigas, flores, beijos, sorrisos, pequenas danças e afetos inomináveis, cambaleantes temperanças na confluência e a cada encontro, shorts curtos, turbantes, burcas, mini-saias, vestidos, meias-calças, terno-gravata, meia fina, sapato, tênis, chinelo, flutuando-descalço, o fato de mudar o modo de me vestir no

¹⁰ Digamos que, misturando um pouco Hakin Bay com Foucault, que tais zonas autônomas temporárias (tema problematizado por Hakin Bay em livro homônimo organizado pela editora Conrad, Coleção Baderna), são zonas livres das áreas de controle dos corpos e da gestão da vida, da população e dos modos de poder que reduzem nossa capacidade de agir no mundo, nossas potências. De acordo com Bay, cerca de 300 anos atrás, haviam espaços na Terra não pisados por sequer ser humano algum, como tampouco rastreado por qualquer tipo de tecnologia como os satélites, pois inexistentes. Havia lugares, ilhas, zonas autônomas temporárias em que, depois de feito os estupendos roubos, os piratas faziam festas por anos a fio. Pensar numa zona autônoma temporária na atualidade, é pensar em como podemos burlar tais práticas de governamentalidade, de gestão das populações e da vida, ou ainda, talvez seria pensar numa forma de governo que não governasse pelo medo ou esperança, não roubando da humanidade *aquilo que ela pode, suas potências*, em função de uma vida centrada no eu e não se percebendo inserida nessa multiplicidade própria à vida.

cotidiano trouxe uma série de perguntas de maneira que, sem perceber, fazia esbarrar também na clínica. Fazia alguma conexão com a clínica, como também não podia fazer, sempre fazendo-se a partir da perspectiva de... com o tempo, por vários descaminhos, “o corpo” foi-se delineando – pelo meio – sem que notasse de antemão, apesar de sua paradoxal obviedade: “sua bichona; lindaaa; seu travesti, vira homem!;, amor você arrasou; credooo!; que coragem você tem!; que isso ali?,bichaaaaa!!. Bichaaaaa!!...; olha lá mãe, ele tá de vestido; opaa..que é isso ai, hein?; quando eu te vi assim na hora eu entendi tudo!..”. Coragem da verdade? – quando paro e pergunto as pessoas – a grande maioria homens – que falam coisas pesadas e ruins: “o que foi, está tudo bem?, gostou? use um você” ..poucos tem a coragem de sustentar suas falas.. *não me olham nos olhos, desviam os olhares*, mudam o tom da conversa, dizem que não tem nada a ver, que era de outro assunto que falavam... e quando querem brigar, quando seus egos de machos ficam feridos, digo que eles tem coragem até de brigar, mas de usar saias e vestidos eles não tem.. o macho é como balão inflado e essa fala é um alfinete em brasas .. “que coragem é essa? pra que você sai assim? ainda mais sabendo que será importunado pelas pessoas nas ruas”.. me perguntava uma amiga (Raquel Portugal) em uma festa, num chá de casa nova..que lugar mais inusitado.. não sabia o que dizer a ela.. mas a própria questão que ela me colocava já era também um analisador para a roupa e o que ela causa...

das falas sem possibilidades de diálogo, acordos, dos risinhos incontidos às gargalhadas de uma alegria descoberta no encontro dos olhares, até quando tive que sustentar no trabalho o fato de usar vestidos e saias: “então – perguntava à coordenação do meu trabalho na época – se eu me tornar uma travesti, vocês me mandariam embora?” Fiz essa pergunta questionando como que um programa que estava inserido em uma “política pública de direitos humanos” se posicionava ante meus questionamentos sobre o fato de por qual motivo não poderia usar saias e vestidos no dia a dia do trabalho. Tais situações – as que se dão nas ruas e em diversos espaços e pessoas, bem como essa no local que até então trabalhava – não falavam de coisas distintas, mas de algo que me apareceu e vi que podia produzir questões, problematizar um campo com elas, ainda que não soubesse o que direito nem como. Trabalhei no recém extinto Núcleo de Atendimento às Vítimas de Crimes Violentos – NAVCV-MG– apesar de que, tendo em vista as críticas acerca das “ditas políticas públicas de direitos

humanos”¹¹, bem como o fato da discussão sobre o termo “vítima”¹² analisávamos nossa implicação, discutíamos e questionávamos nossas propostas, projetos, ideias. À medida do possível, tentávamos fugir, quebrar, burlar, saber lidar com as linhas duras que aprisionam toda forma de vida que quer expandir-se, sempre na perspectiva da invenção e da transformação de novas formas de ser e agir, ainda mais no campo das chamadas “políticas públicas de direitos humanos”

..quatro andares de escada até o local, sete ao todo, com terraço com vista para a praça sete, centrão de BH, todo o cotidiano sob as arestas de longitudinais sois, vidas diuturnamente emaranhadas em um continuum burocrático, baratas de centro por aqui e por ali, de longe já se poderia escutar seus passos e suas tramas dando cor e movimento aos conjuntos de papéis, caixas, armários, vidros de limpeza, pias e lixeiras, salas, guarda-roupas e bolos, mergulhadas em piscinas de iogurtes, para que funcionários famintos os tomassem sem pudor e discernimento, todos em sua monótona espera de final de expediente.. mas a vida escande e exala frescor dos arbustos e... ficaram lindas e ficaria com as três saias, obrigado pelo lindo presente, Jordana, mas vamos voltar a trabalhar, hoje a noite no nosso encontro eu saio com uma delas...a que tem bolso é muito pratica... “ela ta de saia e bicicletinha.. uma mão vai no guidom e outra tampando a calcinha...”

..semáforos, karaokês, bebidas, sensações suaves pelo boa noite que nos comove, no dia seguinte, simplesmente fui para o trabalho de saia, apesar de ter uma calça na mochila, fui chamado para conversar com a coordenação e superado alguns impasses, a partir daí ficou mais tranquilo que fosse de saias e vestidos,.. desde então, tudo se passava cada vez mais tão cotidianamente que as questões começaram a vir de outro modo, sem que percebesse. Mas desse ponto falaremos mais adiante. Sair nas ruas

¹¹ Em texto “*Por uma invenção ética para os Direitos Humanos*” Coimbra, Lobo e Nascimento 2008) problematizam a naturalização e captura do que veio a ser considerado como algo universal e absoluto e tendo uma essência através dos tempos: os Direitos Humanos. Problematizam as noções de um *direito humano* sob a ótica da filosofia da diferença e trazem para o debate um direito e uma humanidade positivados enquanto processo, enquanto imanência, na medida em que as capturas ocorrem justamente quando se essencializa, quando a vida é transcendentalmente organizada.

¹² Alice de Marchi discute em texto intitulado “*clínica e política: uma experiência limítrofe*” (2015) os lugares que frequentemente pessoas que foram atingidas por alguma violência tendem a ser colocadas nesse lugar passivo de vítima. Ainda que judicialmente seja importante para a pessoa que sofreu a violência “*inclusivie quando se trata de violência de Estado*”. Tal lugar sustenta toda uma lógica de saber/poder como uma lógica de opressão camufladas de sentimentos de piedade que despotencializa e reduz as capacidades produtivas de agir no mundo da pessoa.

de saias e vestidos me era também de muita estranheza e novidade, a princípio. Não sabia reagir às reações das pessoas que eram muito diversificadas de maneira geral. Não entendia o motivo disso no início. Apenas gostava de usar saias e vestidos.

Começar a sair de saias e vestidos, se deu por um percurso, por um caminho, que não começa nele mesmo. ...acontece que eu sou baiano..acontece que ela não é..365 igrejas, a Bahia tem...Via várias imagens de mulheres no oriente médio com burcas e diferentes modos de se vestirem que depois de um tempo começou a me chamar a atenção a seguinte pergunta: e se um homem “ocidental” utilizar tais burcas e etc? como reagiriam as pessoas? qual o “impacto” desse ato? Ou passaria inadvertido? Poderia advir alguma quebra na relação mulher-homem? De que modo? Como reagiriam as pessoas ao ver um homem com algumas vestimentas essencialmente femininas? e ainda por cima, de mulheres que tem seus processos de subjetivação que passam por uma opressão de não poderem, muitas vezes, mostrarem o próprio rosto em público.. não sei por que, mas vi que havia algo nessas questões e decidi usar para ver o que acontecia, mas também por gosto “estranho”, por achar interessante. É como numa mesa de bar quando estamos com algumas pessoas ou mesmo só quando algo não necessariamente acontece, mas deixa a todos perturbados, constrangidos, aflitos, com tensão, com uma sensação estranha, de gastura, ..tudo isso se passa quando se resolve empilhar copos.. as pessoas ficam com medo de que eles caiam..e à medida que o medo aumenta, empilhamos mais copos, experimentem vocês..

tendo decorrido certa temporalidade, encontrava-me em Salvador, Bahia. A data ao certo não importa. Depois de alguns dias participando em um congresso sobre pessoas em situação de rua, fiquei mais tempo na cidade... no lugar em que me hospedei, vi algumas pessoas com bermudas dobradas, de modo que o tamanho habitual era parcialmente negado, pois não havia a ruptura de um corte. Mas a intenção de deixar menor a bermuda era nítida. Chegando a minha cidade, a primeira coisa que fiz foi cortar e fazer bainhas em todas as bermudas e em algumas calças que não utilizava mais. Cortei-as de um tamanho bem curto.. Por conta das diversas reações das pessoas comecei a pensar muito sobre o que temos de padrão que nos são tão óbvios que não os enxergamos ou os afastamos. No que diz respeito ao dia a dia, as festas e encontros formais ou não, comecei a perceber que as situações, as próprias ocasiões pedem ou mandam nos vestir certas roupas..me via obrigado a utilizar ternos em alguns lugares e encontros e etc... tais modelações me eram estranhas do ponto de vista do fato em que

me dei conta que as roupas masculinas se configuram em apenas duas modalidades e suas respectivas variações combinativas: calças com blusas, bermudas e camisetas e etc. por outro lado, a roupa feminina tem uma variação muito maior que a masculina. Dando conta deste fato, desse óbvio tão nítido, próximo e algo da ordem da invisibilidade e indizibilidade – percepção que de tal modo incorporada – pensei comigo que não utilizaria mais, até quando me fosse possível, roupas conforme o padrão masculino. Isso na alegria de ter encontrado algo da ordem da surpresa por várias pessoas.

Esse impensado, essa nuance que joga com o instituído, com algo que me causa mais surpresa quando vejo crianças bem pequenas me olhando com olhar de espanto e curiosidade, ou com susto ou com seus alegres olhares. Vi que ao tensionar as relações, tendo em vista o fato de que não cabia mais nisso, que era tão óbvio e resolutamente uma imposição silenciosa, algo se passava com as pessoas. Foi isso o que me ocorreu sem que de fato tivesse essa noção formulada desde já. que imposição é essa? Como ela funciona nos devaneios mais saudosos e ambiciosos, cheios de amor próprio e de audácia inerte de quem se arrisca mergulhando das pedras de águas rasas? todo esse entorpecimento dos músculos e das forças, dos atos e das vontades, da vontade de elevar-se, de transformar-se..hoje em dia, nesse aqui agora e nada mais, o que é, como viver? fazendo algo nas micropolíticas de nosso dia a dia para com os outros e conosco próprios?

A gota d água para tal processo foi ver uma reportagem de um garoto de 3 anos na Alemanha que utilizava saias e vestidos sem que o os pais lhe incentivassem ou algo do tipo. Depois de um tempo o pai de tal criança começou a usar saias e vestidos para apoiar o filho, pois os colegas da sua escola riam dele. Feito isso ele responde aos colegas: “vocês só não tem coragem de usar saias e vestidos, porque os pais de vocês não usam”. Não soube explicar o que me ocorreu na hora, mas sabia que tal criança falava era não apenas uma frase para criticar seus colegas, mas que tal questionava a análise de implicação de cada um, na medida em que traz o aspecto da coragem. Poderíamos brincar aqui e nos perguntar em quais aspectos tal fala se relaciona com o conceito de Foucault de coragem da verdade¹³. Tal introdução é para trazer em um tempo outro algumas das linhas que fazem e que compõem as perguntas e questões

¹³ Foucault trabalha tal conceito em um livro homônimo (2011) trazendo diversas formas de sustentar tal coragem e como os gregos antigos, principalmente os cínicos, problematizavam todo um normativo com seus atos e discursos.

deste projeto; é pra falar de um elemento – as roupas – como um elemento que aparece nesse momento da pesquisa como algo que não havia pensado antes e que esbarra no tema, uma vez que minhas condições de pesquisa mudaram completamente; é também um ponto que me faz pensar em minha análise de implicação acerca de como afeto as pessoas nas ruas: “em que medida isso pode ser violento para as pessoas nas ruas e etc” – me perguntaram, certa vez, em um dos encontros da orientação e fiquei com isso sem saber responder.. sendo assim, tal introdução é para dar alguns dos contornos da presente pesquisa..

: toda escrita tem lá seus trejeitos, seus muros, suas rendas e retalhos, suas ruas sem saída, matilhas, seus desertos, fontes de águas puras, oásis, seus muros e pedras, nascentes, acrobacias, performances e, e, e... todo descaminho deste texto há algum tempo – por onde, como, de qual maneira? – transforma-se num outro que não mais...neste momento exato, no aqui agora entre cada letra e cada apertar de teclas já é outra coisa, outro processo. Os caminhos e modos que tentarei transpor por meio da escrita serão modos de tentar deixar tais processos, ao menos alguns deles, mais visíveis, mais palpáveis, nem que seja por alguns instantes, sob certo ponto de vista.

Escrever é fazer uma espécie de sulco em uma folha em branco. Contudo, nos perguntamos: o é em que medida nos dias de hoje em que a virtualidade do texto no computador nos rouba essa possibilidade? Com tudo que temos de tecnologia, imprimo meu traço sobre algum papel quando escrevo sobre o corpo? Escrevo com o corpo? Meu corpo escreve? Se inscreve, transcreve, descreve, prescreve em “algo”? O que o meio digital nos rouba? Quanto a essas perguntas, e se radicalizássemos noções como a de análise de implicação? – como implicar meu corpo em uma escrita de um texto? ..considerando que a escrita deste texto tem como foco o motivo de desejarmos nossa sujeição e as potências do corpo no contexto de pessoas que sofreram crimes violentos tendo como dispositivo analisador as experimentações no dia a dia. Isso tendo em vista a sufocada transcendência em que a vida está inserida. Escrever a dissertação a mão? Com uma máquina de escrever? Escrever é reunir por meio de diversos elementos, uma aura e um som, um sabor, uma textura, vários afetos e afecções que sem sabermos como, nos traz, nos faz encontrar com o texto que escrevemos. E isso pode ser um bom ou mau encontro.

Uma primeira questão: no contexto de violências, em que momento o corpo não está implicado? Como escrever e trazer para o papel tais pontos de vista que

radicalizem, inicialmente, a noção de análise de implicação? Podemos brincar – pois sim, estamos muito sérios e pesados ultimamente e o espírito de criança para Nietzsche é fundamental para transformação, para a transmutação, para a vontade de potência¹⁴ – com nossos corpos quando estão eles já sem potência? A partir destes pontos, nos perguntamos: como ficariam os psicólogos, muitos acostumados a um lugar confortável e controlado, se então resolvêssemos radicalizar a pergunta de Espinosa – o que pode um corpo? – pensando no que diz respeito às pessoas que foram atendidas em um programa, em vias de extinção no momento desta escrita, do governo de Minas Gerais – Núcleo de Atendimento às Vítimas de Crimes Violentos – tendo como balizadores considerações de vários autores.

Como de maneira geral podem os psicólogos desconsiderar (as potências d) o corpo no contexto de violências e supor o foco de trabalho – da resignificação dos traumas – por meio apenas da linguagem? A experiência nos confirma que não precisa ter formação alguma para sentir/saber que, sob vários aspectos, nem as violências verbais estão desconectadas do corpo. Considerando que o contemporâneo é o intempestivo (Agamben p.58, 2012) o que é que faz ruptura com o atual modo de fazer clínica? O que está normatizado e estabelecido na clínica? Qual o intempestivo que aqui poderia se atualizar? Qual o ponto de desestabilização que podemos chegar quanto à clínica atual no que tange o atendimento de quem sofreu graves violências? Como podem ser provocadas instabilidades para que acolha e suscite o que podem tais corpos, tendo em vista suas potências, seus afetos, de modo que eles possam experimentar outros movimentos, em detrimento daquele mau encontro? incorporo senão um corpo, uma vida..

Entendemos que ir além de nossos limites, desestabilizar o que esta posto como palavras de ordem em nossas práticas, em nosso cotidiano, criar novas fronteiras, criar deslimites, que tais processos fazem parte de uma ética das potências, de uma ética da

¹⁴ O autor discute a moral e a transvaloração de todos os valores em seu livro “Assim falou Zaratustra” com a imagem de dois animais e uma criança. O burro (ou o camelo) é o que sustenta a moral (e os “bons costumes”). Ele é o animal que carrega o peso da existência, dos valores superiores à vida, afirmando apenas o niilismo; O leão é a destruição dos valores instituídos, “sagrados”, humanos e divinos, é a destruição do niilismo que é imanente à transmutação; a criança são os filhos de Zaratustra. É a transformação que ultrapassa o Zaratustra e que este assegura a produção do Super-Homem no homem, dando o contexto, o meio necessário para que o leão se transforme em criança, na afirmação da vida, da *vontade de potência*. Nesse sentido, não sei se seria excessivo ou um contrasenso dizer que a criança é o contrario do burro.

alegria e da criação, que tem como valor maior tudo aquilo que a vida pode, as potências da vida, uma vez que técnicas e práticas de controle da vida, docilização e regulamentação dos corpos, da vida e da população, são implementadas a partir de toda uma macro e micropolítica cotidianas bem como algo que há muito vem se reengendrando¹⁵... Mas não apenas, mas por que tais técnicas de controle roubam a alegria, as potências dos corpos, sugam o brilho dos rostos e olhares, endurecem as pessoas e as deixam com um tom opaco de cinza no andar e no beijar, é como se os corpos desaprendessem de amar. Seguiremos alguns nortes deixados por autores como Espinosa, Nietzsche e Foucault, no que diz respeito aos processos que pode um corpo, como podem os afetos ser nossos “guias” em uma ética como prática de liberdade,

podem os corpos inventar formas de re-existência? pode o cuidado de si ser um dispositivo a nos guiar em torno de práticas de liberdade, de transformação? às violências que lhes chegam direta e/ou indiretamente emaranhadas, se primeiro pelos xingos, ameaças, tapas, murros, coronhadas, choques nas partes genitais, nas unhas, afogamentos, pau de arara, estupros, assassinatos, facadas, tentativas abortadas ou “mal feitas”, crianças, mulheres, idosos, negros, jovens, crianças, corpos aos montes nos cemitérios clandestinos, corpos, abortos, pode o corpo inventar novas formas de se reinventar ante tais violências?

Nossa proposta é sustentar um não-lugar que procura combater todo um modo de fazer clínica e escutar que se vale de uma binaridade e dicotomia sufocantes, pois nos parece que a opção de denegar o corpo do processo de atendimento, a escolha por uma linha epistemológica-filosófica-ética-política que direciona, ao menos em grande medida, as práticas psicológicas, fazendo desaparecer o corpo nos processos de atendimento, nos coloca em um limite, que é o de pensar o que nos leva a esquecer, a naturalizar de qual lugar os processos de captura ocorrem. Podemos perguntar: no atendimento às pessoas atingidas por graves violências, podemos nos valer apenas da linguagem para tal? Ou caímos em um erro (em um modelo) histórico-metodológico-

¹⁵ Nos livros “Em defesa da sociedade”, “Segurança território e população”, Michel Foucault trabalha tais conceitos demonstrando o “Nascimento da biopolítica”, da passagem de uma sociedade que funcionava sob o viés do poder soberano a uma em que o controle da vida e a gerência das populações começa a ser realizada em função de uma “Razão de Estado” que teve como propósito questionar a arte de governar e o “governo de si”. É como se o Estado dissesse: não podes mais sair por aí a governar-se a ti mesmo, a viver tua vida “como uma obra de arte”, a tua vida é nossa e nos pertencendo, faremos a gerência de como será vivida sua vida a partir de agora. Toda uma vida a ser vivida em função do que veio a ser chamado por Deleuze de “sociedade de controle”

moral-político, fundado muito antes do nascimento da psicologia enquanto ciência, que diz respeito à divisão mente-corpo?.. Será que as psicologias têm algo a dizer? Será que não aprendeu nada com tais discussões? Que práticas, que embates ocorrem nos vários campos em que têm visto a inserção dos psicólogos?

Tais problematizações caíram no esquecimento, sendo então capturadas novamente por outra lógica de organização do poder? Ou maquinam-se, construindo junto com um coletivo de forças, afetos, corpos, “expressões e conteúdos” que borbulham a invenção ao mesmo tempo em que ocorrem capturas, silenciamentos, sobreposição e estratificações?

Nesse sentido, vemos que a força dessa tensão, desse embate, é justamente em fazer aparecer a diferença no campo dos possíveis agenciáveis, em fazer vibrar em cada prática suas forças postas em jogo, estar no entre dos jogos de forças que nos obrigam a nos comportar de determinada forma, de um modo determinado de fazer clínica.. Fazendo análise de nossa implicação, ao nos perguntarmos qual o nosso lugar nesse processo, várias associações me passam – como a imagem da “clínica a golpe de martelos”¹⁶, como uma intensificação – tanto como modo de quebrar-ultrapassar o muro branco-buraco negro – tanto como modo de nos perguntarmos qual tem sido o nosso lugar nesse processo..

No início era o verbo? O pé – o corpo – aprende antes do espírito? Que clínica podemos fazer-criar-inventar – em uma dita política pública de direitos humanos? Esquecer o corpo e suas potências é fazer com que a linguagem se transforme em um muro branco e todo processo de subjetivação em um buraco negro? Na clínica, a fala, a linguagem é nosso ponto de partida, ainda que por meio da linguagem brasileira de sinais – libras – estamos presos a algum tipo de linguagem. Sendo esse nosso limite imposto e não perceptível ou óbvio demais, por ser tão cotidiano e próximo, podemos dizer que “inflacionamos a linguagem” a ponto de desconsiderar algumas outras práticas sob o rótulo de não serem científicas, ou não serem “práticas psicológicas”, portanto consideradas sob tais padrões como “piores, ruins, de baixa qualidade, denunciáveis..” Quando da ocorrência de crimes que são de grave potencial ofensivo – haveria algum lugar para cuidar do corpo? Ou melhor, das potências do corpo? Como

¹⁶ Tal imagem veio da filosofia nietzschiana, que propõe quebrar todos os valores estabelecidos a marteladas. Referência mais direta impossível ao livro do autor: “Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar a golpes de martelo” (1888)

acolher corpos que muitas vezes estão desconectados do que podem? Como abordar tais questões em um processo que se faz sempre com, sempre juntos, em uma busca daquilo que nos conecta com nossa vontade de potência? Que dispositivos para tal? Quais armadilhas no meio do caminho?

As elaborações dos “fatos traumáticos” só seriam possíveis por meio de aspectos que a linguagem pode oferecer? Interessante que por caminhos diversos, diferentes autores nos dizem da integração entre corpo e mente. No entanto, Espinosa, sendo um destes autores, nos diz no seu livro que corpo e mente podem até terem algo em comum, mas que em seus processos são autônomos, o que é da mente é da mente e o que é do corpo é do corpo, não havendo sobreposição ou hierarquia de um sobre o outro. Mesmo em sua imanência, são autônomos. Não queremos fazer uma ruptura entre mente e corpo, nem dizer que a linguagem vale menos que o corpo, nem o contrário, mas fazer um caminho nesse entre para que, a partir de processos do corpo, dos afetos e da potência, chegar a uma linguagem desamarrada e viva, uma linguagem que não seja um trapo verbal, mas uma linguagem que possa junto com as potências do corpo se valer para expressar-se levando em consideração processos a-significantes, sendo já uma linguagem poética.

Pois, se nos valem apenas da linguagem para darmos conta de males que são relacionados ao corpo, tiramos do corpo sua potência vital, de modo que as potências que dizem respeito ao corpo, não serão consumidas. Uma primeira consequência que Espinosa aborda para tal questão é o fato dos seres humanos desejarem sua servidão. Quando não nos damos conta *do que pode um corpo*, ou seja, nossos afetos, caímos no erro de imaginar que a consciência capta toda a realidade, quando na verdade, nos diz o filósofo, trata-se justamente ao contrário, a consciência não sabe o que a afeta, a causa de seus afetos, ela é apenas o efeito de uma marca, de um encontro de corpos que ocorrem o tempo todo. Nada mais irônico dizer algo como “vã consciência”. Um outro ponto e efeito deste, é o fato de podermos desejar muitas vezes aquilo que destrói, diminui, rouba nossas potências: um mau encontro, uma vez que não sabemos distinguir um do outro, tampouco podemos escolher quais encontros fazer e ter, se maus ou bons encontros. Qual a nossa implicação nesse processo?

Tal ponto de desestabilização é para seguirmos uma pergunta, o que pode o corpo e a clínica no processos de conectarem as pessoas àquilo que elas podem, à suas potências? Quando falamos em seguir uma pergunta, em ser radical com outra não é

para darmos uma única resposta ou chegarmos a uma pretensa ideia de verdade. Tampouco queremos nos direcionar para o limbo de descaminhos rotos, para entroncamentos sem-sentido. Escrever, construir um texto, é seguir um caminho que no início é ainda embaraçado por desdizeres que se confundem, que misturam palavras e sentidos, sons e formas de escrever. Queremos fazer uma cartografia com o próprio corpo, compor, traçar um plano comum, escrever com corpos, compondo encontros que contam histórias, que tem histórias para contar, inventar, em um processo que pretende intensificar os limites da clínica e deixar visível e dizível os possíveis pontos de ruptura para novos sentidos.

Contudo, antes de qualquer coisa, uma primeira observação: ensaios sobre o corpo, é o que se pretende nesse texto, nesse escrita que começa abrupta, delicada, sensível, sem jeito, procurando aqui e ali novas maneiras de inserir o corpo nesse processo. Mas por que ensaios? Queremos com isso analisar nossa implicação nesse processo a partir do que pode vir como intempestivo, como ruptura, como quebra, nesse âmbito da clínica. Confusões vastas e descaminhos serão parte desse processo que sem início nem fim, o pegamos pelo meio – pelo meio de que?, como?: são perguntas que nos pegam de surpresa e de assalto, mas por hora podemos pensar que pelo meio de um processo, pelo próprio processo da escrita, pela vida que vivemos, pelo processo de ruptura com um modo de pensar a clínica e as intervenções que podem os/as profissionais psicólogos/psicólogas nos diversos campos em que atuam, mas também com as implicações de certas linhas de forças na pesquisa.

‘Estar atento ao modo como vamos em direções a linhas mais duras e à linhas flexíveis e de fuga, fazer esse mapa, mas também e ao mesmo tempo, compondo e transformando nesse entre da pesquisa que diz respeito ao que é indiscernível entre o ato do pesquisador, dos envolvidos na pesquisa, do que é paradoxalmente singular e necessariamente coletivo, político, múltiplo. “Não é chegar ao ponto de dizer ou não dizer “eu”, mas chegar ao ponto em que não faz diferença entre dizer ou não dizer “eu”¹⁷. Conceber novas formas de fazer psicologia, tendo como fio condutor o corpo e não apenas a linguagem e o que vem derivado dela – uma linguagem corporal.

¹⁷ Deleuze e Guattari no livro *Mil Platôs* 1 expõem/ problematizam o conceito de sujeito e de interioridade com suas singulares ironias.

Ensaio no dicionário quer dizer ato ou efeito de ensaiar, avaliação crítica sobre as propriedades, a qualidade ou a maneira de usar algo, teste, experimento. De acordo com o Wikipédia, ensaio “é um texto literário breve, situado entre o poético e o didático, expondo ideias, críticas e reflexões éticas a respeito de certo tema. É menos formal e mais flexível que o tratado. Consiste também na defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um tema (humanístico, filosófico, político, social, cultural, moral, comportamental, literário, religioso, etc.), sem que se pautem em formalidades como documentos ou provas empíricas ou dedutivas de caráter científico. O ensaio assume a forma livre e assistemática sem um estilo definido.

Sendo então uma forma mais livre de se colocar trazendo essa ideia de flexibilidade, mas com as reflexões éticas e filosóficas a respeito de certo tema, podemos ousar dizendo que corpo é um ensaio. É um modo de se colocar livremente a partir de certos critérios éticos, estéticos, eróticos, políticos libidinais. Foucault trazia em suas diversas problematizações o aspecto político – ético e estético – do corpo, tendo em vista o modo de captura que visa docilizar, controlar e regulamentar tanto corpos individuais quanto o corpo de uma sociedade, de uma população. Longe de querer dar todos os sentidos para a palavra, vemos que em suas diversas acepções há algo de inconclusivo, de processual, de uma flexibilidade que nos coloca ante aos nossos limites e aquilo que nos limita, mas também com a potência do vir a ser, do que diz respeito ao devir, ao que é menos que uma definição dada do que um fluxo, um processo, é todo o aqui-agora que escapa aos nossos dedos a cada segundo, mas que também nunca esteve em momento algum sob nossas mãos: o que existe é o agora..

Utilizaremos também este termo – ensaios – como uma brincadeira e analogia ao fato de que há cerca de três anos e meio a quatro anos, que venho utilizando saias e vestidos no meu dia a dia. Tal brincadeira surgiu no grupo de orientação em que perguntavam sobre os motivos para parar de usar calças e usar somente saias e vestidos. Dar conta do óbvio da roupa masculina – bermudas, calças, e blusas – independente para onde se vá e o que se faça, foi o que me deixou intrigado inicialmente. Então, foi mais ou menos assim que começou a me inquietar tal obviedade – quer dizer que se vou trabalhar, ir para uma festa, para a casa de um amigo, para um casamento ou sair pela noite, que o que tenho para vestir são apenas calças ou bermudas? Houve a história da criança alemã, que mencionei acima: “vocês só não tem coragem de usar saias e vestidos porque o pai de vocês não usa”. a partir de tal frase, não sei o motivo ainda, e

talvez nunca venha a saber ao certo – e esta também não é minha intenção – foi como que decisiva na minha escolha. O que esta criança disse contém uma crítica ao modo com que as pessoas se apegam e se colam em modos de subjetivação prontos, dados, vendidos.

Que tipo de moda se associa a uma moral opressiva e a um modo de subjetivação não permitindo que, por exemplo, as “roupas de homens” variem tanto quanto à “de mulheres?” ou ainda, que cola a vestimenta ao gênero e orientação sexual.. Essas foram algumas das perguntas que me passaram nesse entretanto antes de começar a utilizar saias e vestidos no meu dia a dia. No entanto, trabalho, estudo, saio, ou seja, tenho uma vida comum. Como sou psicólogo e trabalhei no NAVCV-MG – por um momento passei por uma fase em que não utilizava saias e vestidos no trabalho, pois o coordenadores me diziam que os usuários poderiam ficar assustados, que ninguém sabia o efeito que isso poderia ter para os usuários e que sendo assim, não queriam arriscar. Questão essa que diz respeito à análise de implicação de um programa de direitos humanos. Que linha tênue e quase invisível é essa que faz com que a análise de implicação de todo um programa seja colocada em xeque?

Nesse sentido, abordemos o fato de sob quais aspectos ir de saias e vestidos para o trabalho pode provocar os usuários a um ponto de questionamento de seus próprios cotidianos, de suas próprias posturas e reproduções. Como fazer a análise de minha implicação nesse processo? Certa vez uma usuária do programa perguntou se era intencional que fosse de saias e vestidos.. se as diferenças entre as pessoas do programa era algo planejado..por outro lado, me perguntaram também, no grupo de orientação, se via algo de agressivo ao usar saias e vestidos no trabalho, se havia em meu ato algum tipo de violência, alguma agressividade para com as pessoas que atendia – a uma normalização tão presente? Isso pois, entendi dessa maneira, o fato de que ao atender pessoas de saias e vestidos, como isso poderia ressoar agressivo – visto a partir de uma normalização, de uma normalidade – tao presentes e comuns.

Por outro lado, sou de Minas Gerais e diferentemente de Guimarães Rosa, não passei pelo sertão mineiro. Ainda não do mesmo modo. Mas ser tão mineiro é o que me faz querer sair de Minas e balbuciar em outros campos as veredas pelas quais podemos passar, nós profissionais psicólogos, nesse campo de práticas que problematizam as violências. Problematizar esse campo das violências é colocar uma questão em torno de algo que faz parte do que é propriamente humano. Nenhum outro ser vivo pratica as

violências que o ser humano comete. Pensar sobre esses fatos, não na perspectiva de uma causa ou de uma solução, mas do ponto de vista de trazer o corpo ante a esse processo, a partir de uma perspectiva das potências do corpo, pode nos dar margem a um campo ainda desconhecido e a uma terra ainda não pisada por nós, profissionais psicólogos.

Como radicalizar a pergunta de Espinosa sobre o que pode um corpo?, tendo em vista que ele falava menos do corpo biológico do que dos afetos e potências do corpo. Sobre isso, algumas imagens do cotidiano são ilustrativas para pensar as potências que temos e que muitas vezes a relegamos um estado quase zero senão mítico, simplesmente por estarmos acostumados a certos padrões e modos de vida ou de fazer certas atividades. Certa vez, conversando sobre pessoas que fazem faxina nas casas, um assunto sobre uma faxineira que não tinha um braço me chamou a atenção. A pessoa que dizia, disse que no início foi um constrangimento ao recebê-la em um teste, pois a falta do membro lhe saltou aos olhos e ela ficou se perguntando como que uma faxineira sem um braço poderia trabalhar? Como fazer coisas simples, como torcer um pano, sem um braço? A pessoa em questão viu após um tempo que tal faxineira trabalhava e fazia coisas ainda melhores que ela que tinha os dois braços: torcia o pano, passava, limpava, varria, lavava, cozinhava, com um braço. Outra cena: que não foi propriamente com um corpo humano. Mas sim com uma árvore. Estava com dois amigos indo realizar uma atividade de trabalho e estávamos em um bairro esperando um ônibus passar até que pudéssemos ir ao local. Notamos que havia uma árvore que a prefeitura planta em diversos locais, mas que ela nos parecia bem diferente. As árvores que a prefeitura de BH planta geralmente tem uma grade em volta e o que dizem sobre esse artefato ao redor da planta é que ele ajuda com a *proteção e cuidado* para a mesma.

Geralmente as árvores com grades, crescem finas até depois do limite da grade para que seus outros galhos possam começar a crescer para os lados. A árvore que vimos no ponto de ônibus, sem a grade, estava muito mais grossa desde sua raiz, seu caule e nela havia muito mais galhos e estes também eram mais grossos do que as que comumente vemos em outros locais. A falta da grade nos fez pensar diretamente na cena da faxineira sem um braço e na questão de nosso projeto. O que pode um corpo? Quais grades colocamos em nossas potências ou que a despeito de uma certa normalidade não enxergamos outras possíveis práticas? Guimarães Rosa nos oferece uma analogia importante para pensarmos sobre nossos limites, quando diz que “rio bom

pra peixe, é rio sem margens”. No extremo das margens para um peixe, por exemplo, podemos pensar o quão é opressor um peixe em um copo d’água. Vivemos assim hoje em dia?

Para começar a pensar essas questões sobre as potências do corpo e sobre a clínica, será um norteador para início do debate uma mistura, uma bricolagem que fizemos de Guimarães Rosa com Artaud; parafraseando Rosa – que diz que “rio bom pra peixe, é rio sem margens” – com o conceito Artaud de “corpo sem órgãos” chegamos à seguinte imagem-frase que nos dá bordas para elaborar o seguinte trejeito verbal: “corpo bom pra gente é corpo sem órgãos”. Para pensar melhor sobre tal analogia, proponho que deixem por um tempo o que quer que estejam fazendo de lado e deixemos nossas idéias fluir e se conectar com outros pontos: andemos por ai nas ruas em qualquer cidade grande. Vemos um fluxo de gente que anda seguindo por códigos que dizem quando, como e onde anda: as faixas de pedestres, os semáforos, as ruas para os carros e os passeios, os corpos. Se pensarmos que a rua boa pra andar é uma rua sem códigos – pois nos vemos cada vez mais oprimidos pela quantidade de carros nas ruas e os espaços disponíveis para circulação – vemos que tais códigos de trânsito são como que grades em nossas “potências de ocupar as ruas” – aos nossos devires vários...

Tais códigos, ainda que para *organizar e deixar fluir melhor* a quantidade de pessoas e automóveis que circulam nos grandes centros urbanos, nos impedem e se justificam em si mesmos, são naturalizados, os incorporamos – ora, mas a rua não é lugar de andar, dizem por ai – bem como um corpo que já tem seus códigos e modos de funcionamento já descritos e malditos, fazendo parte de uma lógica de controle das potências cada vez mais refinados, como nos lembra Foucault: todo um microfacismo e um micropoder de nós para conosco num suave deleite.. Nos valeremos da frase de Rosa com a de Artaud – corpo bom pra gente é corpo sem órgãos – que propõe que deixemos nossas margens de lado – ainda que por um tempo – para pensarmos e podermos conectar com o que de potência tem os oceanos de nossos corpos.

Ensair é um ato repetitivo, que se dá com muito esforço. As apresentações artísticas são sustentadas por ensaios quase sem fim. Os balés, as danças, a ginástica olímpica, enfim, os esportes. Poderia até dizer que, em boa medida, a vida é um ensaio. Nesse ritmo, não menos ensaiado é este texto. Mas, mais ainda, tal texto é um ensaiante, não no sentido de que nunca está pronto para a apresentação, inacabado – sempre achamos isso de nossos textos – mas no sentido de um devir. E eis que chega o tempo

da apresentação, da defesa da dissertação e diz: é agora!. Cronos. Ao mesmo tempo, saindo das tiranias do tempo cronometrado, regulado, um outro tempo se insurge, silenciosamente. O tempo dos devires e acontecimentos. Parafraseando Deleuze: tendo o mínimo de gestos e de movimentos que convém ao que não é uma ação, um ato não existente ¹⁸, mas um ensaiante. Os capítulos, tal qual Alice, caíram em um fundo buraco, dissiparam-se em suas profundidades e agora estendem pelas laterais: assim é o texto, pelas latitudes das folhas ele cresce, ensaiando no sentido da experimentação, às vezes contido, às vezes, derrisório, deslizante, parado.

O texto então está composto de três ensaios e um ato delirante. Delirante na medida em que quer encerrar o que não se encerra,

Cenas..territórios.. situações..

Se o caminho, conforme já demonstrei, que conduz a isso parece muito árduo, ele pode, entretanto, ser encontrado. E deve ser certamente árduo aquilo que tão raramente se encontra. Pois se a salvação estivesse à disposição e pudesse ser encontrada sem maior esforço, como explicar que ela seja negligenciada por quase todos? Mas tudo que é precioso é tão difícil como raro.
Espinosa – Ética

um texto em que o corpo seja a questão, no entanto, problematizando o motivo pelo qual as pessoas lutam pela sua sujeição. Se há linhas duras necessárias a própria vida, não é essa a questão, mas o motivo delas serem tão endurecidas, o que nos leva a um estado de letargia visto que alguns passos a frente estaremos diante do que chamam de morte. Mas – seria essa uma visão um tanto quanto pessimista? – se nos mantém vivos é por uma série de efeitos que próximos do momento final, nos dão alguma droga, alguma falsa felicidade, alguma ilusão, mas se o corpo não aguenta mais e para o outro lado vamos, nos fazem retornar como uma espécie de zumbis que, como muitos, andam por aí e não é difícil de encontra-los, nas ruas, indo pro trabalho, em bares, festas, em todos os lugares.

¹⁸ “ (...) tendo este mínimo de ser que convém ao que não é uma coisa, entidade não existente”. Esta frase encontra-se na “Segunda Série de Paradoxos: Dos Efeitos de Superfície” na “Lógica do Sentido” p.5, 1974

Toda uma micropolítica de um *corpo menor* para combatermos por práticas de liberdade – poderíamos nós? O que pode um corpo? – celebre pergunta de Espinosa que se referia não ao corpo em si, mas aos afetos. O primeiro gênero de conhecimento não em detrimento dos outros dois – a razão e o conhecimento intuitivo – mas em função de potencializar as nuances do que nos faz pensar. Questão essa delicada uma vez que Deleuze aponta no livro *Diferença e Repetição*, que não pensamos toda hora, que não temos pensamentos sempre e que de maneira geral vivemos no senso comum, repetindo sem criação.

Corpos intensivos: microfascismos do dia a dia, como combatê-los?

Vivia desejando que viesse a guerra. Uma guerra bem grande, para misturar-me com os japoneses e roubar o telescópio. Alguém iria arrebentar os vidros aos chutes e eu ia aproveitar e escapar correndo com o telescópio nos braços. Mas, sozinha, não me animava.

- poderia ter tentado.

- e você?

- Eu? Eu era católico, quando era menino.

E. Galeano. – A Canção de nossa gente.

(...) corpo que por ai anda e ao se envolver com as questões da vida, se coloca diante delas como em um combate, uma questão. Numa cidade qualquer num tempo que não é nem passado, nem presente, nem futuro, procura-se um corpo, é um tempo que por agora passa, nesse instante – sabe-te tu do tempo que devém? que agora advém? – na reitoria da uff em Niterói, num certo dia: “quem é você, você é aluno? (..) sim ou não? você não pode circular por aqui se não for! (...) ei.. calma.. você está muito paranoico, digo ao chefe dos seguranças que me inquiria sem o menor pudor em seus modos de me fazer qualquer pergunta.. ao que ele respondeu: estou paranoico sim! (...) o que foi?, disse, é a saia? O que é? Se tivesse de calça você me perguntaria se sou aluno?

Esse será agora o uniforme dos seguranças da uff: saias e vestidos.. ..” vou chamar a policia, você duvida?!!”, me faz uma pergunta-ameaça o tal chefe dos segurançaspego a bicicleta sem olhar para ele e saio.. “comando, sim, positivo..”brincava ele de ser “superior”... na rua, sirenes que trazem o vivo do momento, à descompostura do instante, tremores e altivez;;...procura-se vivo ou morto procura-se. se procura. sepro-cura.

Andar parece ser tão normal quanto natural. As pessoas – ainda mais hoje em dia – parecem nascer andando.. quase como animais em que a selva ou o deserto os colocam isso de ante-mão: ou anda-te, pequeno animal filho de gaia, ao nascer, caso será então, se não o fizer, de morte certa, não por não andares, mas por teu corpo devorarem, aos dentes frios de fome vários animais que lhe enxerguem noite a dentro pelos focinhos que a mata, a relva, há de te confundir.. assim diz toda sabedoria popular dos animais das selvas, savanas, desertos e por ai vai.. Andar, comer, cagar, foder, respirar, mijar, beber.corpo. um corpo que não agüenta mais, mas .o que não aguentamos mais? a selva, a estepe, o nomadismo que nos roubam a cada instante, todo um meio de vida sedentário..tudo a nos injetar medo. ... (...)

(...)freedom is slavery, when the concept of freeddom has been abolished..the whole climate of thought Will be different. In fact there Will be no thought, as we understand it now. Orthodoxy means not thinking – not needing to think. Orthodoxy is unconsciousness... (Orwell 1977 p. 53)¹⁹

Digamos que orthodoxy is common sense²⁰. Ou tal predição já seria pensar nas conseqüências do que se diz: a vida imita a arte e a arte imita a vida? mas de que vida e de que arte estamos aqui falando? Se a vida e a arte forem algo como tudo que se pode dizer de uma vida facista, não estamos falando da mesma “vida” e da mesma “arte”. Vida e arte no sentido aqui tomado segue o oposto de vida e arte na frase acima, ou seja, vida e arte como seguindo as trilhas de tal frase: “para uma vida não facista”²¹ Tudo lhe é tão estranho que as tardes mornas lhe artefazem bilhões de grilos aos olhos. Saltos quânticos em cada pulo de sapo, em cada canto de bicho, inseto, todo pavonear colorido. O que dá nojo, repugnância, sabores feitos, amor – amor?.

andando em quadrados vários, sejam eles casas, ruas, passeios, praças, escolas, salas de aula, normas, relações, enquadrando-se, tudo quadrado, seus órgãos quadrados, sua vida, tudo lhe soa tão assim quanto assado. Rio bom pra peixe, é rio sem

¹⁹ Traduzido livremente: liberdade é escravidão, quando o conceito de liberdade for abolido o clima de todo o pensamento será diferente. Na verdade, não haverá pensamento, tal como o entendemos hoje. Ortodoxia não significa pensar - não precisar pensar. Ortodoxia é inconsciência.

²⁰ tradução livre de um pensamento que segue a cadeia de ideias da frase anterior: ortodoxia é senso comum.

²¹ Foucault em título da introdução da edição inglesa do livro “ O anti-édipo”.

margens²²..Quadrados como modos de limitar o pensamento, limitar o pensamento a ponto de vivermos idolatrando nossa escravidão.

¿Por qué hombres y mujeres combaten por su servidumbre como si lucharan por su salvación? ¿Cómo es posible que se llegue a gritar: ¡queremos más impuestos! ¡menos pan!? Lo sorprendente no es que la gente robe, o que haga huelgas; lo sorprendente es que los hambrientos no roben siempre y que los explotados no estén siempre en huelga. ¿Por qué soportamos desde siglos la explotación, la humillación, la esclavitud, hasta el punto de quererlas no sólo para los demás, sino, también, para nosotros mismos?". (Gilles Deleuze y Félix Guattari, 'El Anti-Edipo: capitalismo y esquizofrenia', 1972 p. 36)

Viver e agir. Dizer e pensar em quadrados é dizer sustentar a forma de pensar, viver, aprender a aprender, entulhadas em uma ou poucas possíveis formas “normais”, normalizadas. Pequenas variações contingentes e frutos do primeiro processo, com lugares e zonas, territórios e experimentações em que não se pode ir, fazer, sentir, experimentar: o indizível e o invisível – o insensível do corpo. saber viver, consumir a vida..

às vezes parece a tal corpo que não é de ninguém, mas também o é de todo mundo, é um corpo engaiolado: “mas, que “corpo” é esse? “sob que ponto de vista fala-se sobre o corpo, é do corpo físico..?”.. instantes solenes em que levemente o tempo para. O ar frio e seco da sala tem aquela coisa que entra pelas narinas e as entopem de merda. O mesmo barulho sórdido do ar condicionado que fazem que num dia de muito calor as pessoas usem blusas de frios, echarpes – nas salas de aula. o peso do ar e as milhões de falas que vez ou outra surgiam em meio a comentários seguidos de pesados silêncios, com carga rigorosa de um torpe ardor: a academia tem sido ao longo dos anos essencialmente uma instituição que sob os cânones auto-dados – auto-flagelos? – tem a competência e a sutileza de trazer por meio de seus métodos, de descobrir, de ir atrás das causas, de ninguém mais, ninguém menos que a verdade. A ciência e a verdade..

Deus morreu..e surgiu novas cabeças na Quimera.. Ela que diz como devemos comer, dormir, mastigar, empalar, matar, minuciar (toda uma maquinaria complexa entranhada em nós) em toda uma arte de dizer isso e aquilo, o que pode e o que não pode, que permite-se ao mesmo tempo matar, objetos de medo, rancor, asco...vozes

²² Texto adaptado de Guimarães Rosa em carta para o amigo João Condé: um rio sem margens é o ideal do peixe. Não encontrei a carta para disponibilizar na bibliografia,. Conhecia a frase e pesquisando vi que trata-se de uma conversa de Rosa com Condé por meio de carta.

agoniosas pelo próprio excesso de linguagem, falando mais que experimentando: “corpo é linguagem, há corpo na linguagem, a linguagem faz corpo, o corpo da linguagem”...

vosmicê vindo de que lugar, abotoa suas tessituras no varal: antes de falar sobre o corpo, experimentações corporais. “o que pode um corpo?”: vosmicê, sabe como é? Já experimentou hoje? vosmicê.. pra cada um cada um e em cada momento específico tem o que aumenta e diminui a capacidade, a potência de agir. Desde assim nesse mundão.. ao pensar nisso tudo olho pro horizonte..sinto o presente, o agora, essa coisa que se dissolve ou nos dissolve a todo instante.. me diluo nas poucas nuvens que o vento leva..o corpo pode tanto na medida de teus bons encontros estes que são os agenciamentos e as condições dadas a cada encontro que compõe com a potência de um corpo/pensamento. Quantidade intensiva? Qualidade intensiva? quanto mais bons encontros mais aumento a capacidade de agir no mundo? E vice-versa? – no extremo: há tantos maus encontros que além de levar a morte diretamente, podemos ser guiados o tempo todo para nossa servidão em nome de nossa potência.. produção de subjetividades? mudaram as cabeças da quimera com essa roupagem que por ai chamam Estado..

não se trata de pensar o corpo desvinculado da linguagem. No entanto, pensando na imanência, na coexistência, o existir junto, o coletivo e o heterogêneo: experimentar com o corpo e com a linguagem o que esta pesquisa-escrita nos conduz: cartografias da coragem: pode o conhecimento sensível, as experimentações, o corpo intensivo, serem dispositivos, armas, maquinas de guerra que desestabilizem os campos e territórios em que estão inseridos esse arcabouço teórico-pratico-politico do medo, da sujeição, do controle dos corpos e da gestão da vida?.. combates micropolíticos..combates silenciosos..aberrantes, – nos diversos campos, inclusive na clinica..

deveras costumamos ler, ouvimos dizer, o conhecimento sensível é crucial para o pensamento²³ – que experimentações, que afetos e como criar condições de afecções no campo concreto e dinâmico que se dá na inseparabilidade entre clinica e vida²⁴...

²³ Deleuze em “Diferença e Repetição” no capítulo 3 intitulado “A imagem do pensamento” problematiza a noção de que pensamos toda hora. Diz exatamente o contrário: que não pensamos a todo momento, que nossos pensamentos são raros e que nossa vida está imersa, boa parte do tempo, na cega repetição do senso comum.. até que algo mude nossa percepção de ver as coisas tal como antes, o que pode nos levar a ter um “pensamento”.

²⁴ Texto citado mais acima na nota 26.

corpo-sem-orgãos-gauche-na-vida...nos maus encontros a capacidade criativa fica restrita tendo em vista que o que lhe é fundamental – a perseverança do ser²⁵ – a própria persistência da vida naquilo que ela é por ela mesma, querer perseverar no seu ser, ser reduzida a ter que lidar com aquilo que a decompõe.. pode ser que, ainda que alegre, mas paixões, que não são bons encontros, são encontros que não são tão plenos naquilo que podem, pois se valem apenas, digamos, que de um resto, um subproduto do que realmente poderia encontrar.

para experimentar o corpo-sem-órgãos é preciso coragem?

as intensidades..o que são no entanto: tempos, datas, memórias, substratos, *memórias do subsolo*²⁶, subsolo tão somente como o próprio corporear, o que não faz sentido... assim com aos pássaros, animais, também com o próprio homem – com matizes, recortes, contextos e motivos diferentes, com a vida, olhe só paras as prisões, pensava, pensava? O óbvio caminha por toda esquina, a cada passo: um carro, uma rua, um supermercado, um homem, uma mulher, um papagaio, nada lhe soa diferente aos olhos. A cada bifurcação longínqua um café com adoçante para ter um corpo mais saudável. Estranhezas banais. E se nascesse siamês, lhe cortariam a outra cabeça, ou seria a própria cabeça que se vê no espelho a cortada? Um “outro você”, outro pensamento, outro corpo, outras percepções, outras experimentações, no entanto, junto, colado ao mesmo corpo ou ainda, dois corpos e duas cabeças, inseparáveis. o que é da vida é o que se nasce ou o que se produz, se qualifica, se transtorna? E se pudesse escolher-se siamês, tu o serias um? Ou.. ao se escolher tirar a “outra cabeça” a outro corpo, o estranho, o diferente ou o que pode ser descartado, sem prejuízo para um, ou seja, sem que apenas um não morresse, tu o farias? como devem pensar e sentir-se assim os siameses tão corporal e “naturalmente” juntos e brutalmente separados??

Não seria esse um ato normalizador? – um corpo normal, poder andar por ai com a tranquilidade de ninguém lhe olhando, rindo, xingando, apontando os dedos, fugindo de medo, para poder namorar em paz, ser aceito em um emprego, lhe dirá o cirurgião para lhe convencer de que será melhor – seria a separação de corpos, cabeças em um

²⁵ Espinosa em *Ética* aponta que tal conceito tem a ver com a capacidade de cada corpo ir em direção a vida, de resistir ao que lhe é nocivo e de lutar por suas potências criativas.

²⁶ Dostoevsky, F. *Memórias do subsolo*. Ed.34

siamês um assassinato? Mas ora, mas de quem, se vivemos mais e melhor, com mais vida e protegidos, reitera o “doutor” – do mundo, da natureza, do outro e de nós mesmos? É como no processo da produção da farinha branca a partir do trigo. Por meio deste processo se perde a parte mais vital da planta, uma série de nutrientes.. com o siamês e até mesmo conosco, será que não é assim o tempo todo?

Muros brancos, buracos negros, processos de subjetivação..se é o que se fala?.. se fala o que se é?. Não se é além do reconhecível, de rostos reconhecíveis, à distancia, como que marcados, sem antes mexer-se, prejudgamentos e atitudes de controle, regulamentação...discutir-se-á aqui sobre as potências da/na vida acerca da repetição e da diferença..e da repetição na diferença e a diferença na repetição: se então nosso processo de controle, regulamentação, se dá pelo corpo, e se pensar envolve essencialmente o corpo, pois pela via do conhecimento sensível, podemos fazer eco com Nietzsche quando ele afirma que o pé aprende antes do espírito. ou seja, que o corpo, é “primeiro” em relação a um pensamento; que este só o é em função de percepções que forcem ao pensar, que inserem o pensar no pensamento, de encontros que nos tiram de nossos mais sonhados e bajulados cotidianos.

Todo um modo de olhar a vida, toda uma maneira abdicada, toda potência da vida é convalescida e recrutada, produzida, acautelada, presa, segregada, “morbida” aproveitada pra produção e, por ora, assassinada aqui e ali, pois “a peste”, a tenha qual corpo for, marcada e desde então condenada... seria um corpo intensivo – talvez um tal Dionísio seria interessante? – se pelo corpo intensivo, pelo que se passa no conhecimento sensível, nos modos de percepções passa o controle, a regulamentação, talvez que tenham a ver com as linhas duras, flexíveis e de fuga, ou como coloca Deleuze, tais linhas são imanentes²⁷. – como então, pelo conhecimento sensível, pelas experimentações do e no corpo, experimentar a coragem, “enfrentar” o medo, ou ainda, defrontar nossas percepções com outros modos de sensibilidade.. experimentações..

²⁷ “Em todo caso, as três linhas são imanentes, tomadas umas nas outras. Temos tantas linhas emaranhadas quanto a mão. Somos complicados de modo diferente da mão” (Deleuze&Parnet. Políticas. In: Diálogos, 1998, p.102)

“poder etc., são linhas componentes atuais de um agenciamento dado. Não que essas linhas preexistam; elas se traçam, se compõem, imanentes umas às outras, emaranhadas umas nas outras, ao mesmo tempo que o agenciamento de desejo se faz, com suas máquinas emaranhadas e seus planos entrecortados ((Deleuze&Parnet. Políticas. In: Diálogos, 1998, p.108)

mas, como que ante a incertos olhares, rasgamos a “verdade”, e mostramos suas entranhas cheias de filhotes, verdades, tais como filhotes de cavalos marinhos, que vem aos montes. Ante toda pretensão de verdade, ante a instauração da vontade de verdade, dizemos a nós próprios todos os dias: no inicio era a complexidade.. foi o encontro, no inicio era o agenciamento..não em tom de moral ou de obrigação, mas em tom de quem diz qualquer coisa aleatoriamente como que acontecendo espontaneamente....não por que seria ou não seria, mas como falta de pretensão alguma de ser..não digo a verdade, não creiam no que digo ou escrevo. Se quiserem-na vão ao impossível. sou um mentiroso e minto agora mesmo – será isso, perguntar-se-á tu que estas linhas lêem – uma verdade ou uma mentira?

No anti Édipo, Deleuze e Guattari apresentam o corpo sem órgãos, aquilo que escapa e flui o tempo todo das organizações do organismo, o que não tem especificidade alguma, o inengendrado, o impossível de se chegar, mas que está um passo a frente, logo ali, o que se constrói e se destrói e se renova ao mesmo tempo e continuamente, sem finalidade alguma – mas afinal de contas, podemos nos perguntar, pra que serve isso? e nos deparamos com o absurdo que é quando algo não serve pra nada, mas que é essencial à vida – isso que nunca para *e que já está em nós, mas que a ele nunca chegaremos*,²⁸ nesse corpo-sem-órgãos (cso) que a todo instante, como um rio, primeiramente são enganchadas máquinas para extrair-lhe parte de sua energia – como que em uma hidrelétrica. A tentativa de extração de energia do rio, não acontece de modo imaginado, ou seja, ainda que se faça o que seja, não se extrai do rio toda sua força virtual e as máquinas seguintes, no cso, são excludentes, mas inclusivas, e produzem tudo que não é diferenciante, mas diferenciado, no final, há um plus, um élan de força, algo como que a produção do *“sujeito produzido como um resto”* (Deleuze e Guattari, p.22)

Tomemos el nombre de «máquina célibe» para designar esta máquina que sucede a la máquina paranoica y a la máquina milagrosa, y que forma una nueva alianza entre las máquinas deseantes y el cuerpo sin órganos, para el

²⁸ No terceiro volume do livro Mil Platôs, Deleuze e Guattari apontam o CSO como algo que nunca se está, nunca se chegará nele, nunca tem um fim, mas que já estamos nele, que criamos um quando desejamos, comemos, cagamos, fodemos, ao passo que a ele nunca se chega, sempre há algo a se fazer em relação. (Deleuze e Guattari: mil platôs vol 3: Como criar para si um corpo sem órgãos)

nacimiento de una nueva humanidad o de un organismo glorioso. Viene a ser lo mismo decir que el sujeto es producido como un resto, al lado de las máquinas deseantes, o que él mismo se confunde con esta tercera máquina productiva y la reconciliación residual que realiza: síntesis conjuntiva de consumo bajo la forma fascinada de un «¡Luego era eso! ».!» (Deleuze & Guattari, 2004, p.25)

oxi, e eu lhe dei essa ousadia? (fala comum na Bahia)

Um corpo que dorovante devorado, pode alimentar-se, nutrir-se de vida? nos perguntamos como afirma ironicamente por onde passa Gregorio Baremlitt²⁹: *há algo de nutritivo na mais repugnante sopinha?* – pode o corpo, em detrimento dos processos de sujeição, se haver com os processos de produção de vida, de práticas de liberdade? *algum trabalho sobre si*³⁰ nos é possível atualmente? Pode-se criar *zonas autônomas temporárias*³¹ (HB, S/D), espaços livres dos códigos segmentários, para confluirmos, agenciarmos nossas potências a um ponto de encontro que diz respeito – à *superação do homem*? Hoje em dia, pode-se ousar, mas que preço se paga para tal? *Uma mulher, um pobre só são vistos quando pelados?* *Aude*³², tomado ao nosso ponto de vista: ouse

²⁹ Fala comum e corriqueira em aulas e congressos de Gregório Baremlitt, como já foi anteriormente citado.

³⁰ Foucault em livros como “*a história da sexualidade II*” e “*A coragem da verdade*” trabalha a noção de *práticas de si*, que se referem a um trabalho sobre si que tem como foco a transformação de si, muito mais do que um mero *conheça-te a ti mesmo* socrático que visava, além de tudo, o retorno a uma essência. Com a noção que Foucault trabalha a partir dos antigos gregos, ele aborda um campo que é tanto sobre si como sobre os outros, ou seja, ele trabalha tal conceito numa perspectiva política de transformação de si, num constante reinventar-se contra as práticas de saber/poder que homogeneizam os processos de subjetivação e estanca os processos criativos da vida; as práticas de si é o que ele fala sobre *a estética da existência*, ou seja, ter a vida, não mais uma música, um quadro ou o que quer que seja, como obra de arte.

³¹ Hakin Bay, como anteriormente citado, escreveu um livro chamado Zona Autônoma Temporária (ZAT) em que discute a partir de um viés anarquista propostas – a serem inventadas – de zonas em que o espaço-tempo livre das estratégias de controle e modos de governamentalidade, em que possam surgir novos processos de subjetivação, novas formas de vida e de viver em que não baseadas nesse nosso tempo e organização da vida tal como o conhecemos tanto que nem sequer nos damos conta do automatismo em que estamos inseridos e imbricados, emaranhados. Uma coisa curiosa sobre o autor, é que não se sabe – e também não o importa – se trata-se de um pseudônimo, uma dupla ou mesmo um coletivo. Sendo assim, a figura do Hakin Bay aparece justamente nesse ponto indiscernível, na fronteira, no limiar, entre a “concretude” das formas humanas como também no que nos é desconhecido e inacessível, algo como uma multiplicidade que está aí o tempo todo, na nossa frente.

³² Do latim: ousar, desafiar.

inserir o pensar no pensamento, ouse experimentar, ouse com seu corpo, ouse o intensivo, ouse sair dos padrões de suas referências, ainda que por instantes, de modos variados, como quando se brinca ou se pode ou deixa-se brincar..

sertão, mas um sertão diferente. não há paisagens infinitas, tampouco há imensidões nos olhares das pessoas, apesar do sol escaldante. Há água por todo lado, mas uma água podre, imbebível, intragável, passeando pelos canos, há cacarecos, andratulhos – que corpo tem os que se passam? ruídos intermináveis que não deixam os ouvidos escutarem os próprios passos, menos ainda as batidas do peito, para se darem conta que estão vivas. Paisagens milimétricas, cheias de amor barato, prazeres difusos, ritmos prontos, maquinados, sabores falsos, artificialidades em busca da felicidade perfeita. Nada que se possa ver apesar do excesso de imagens poluentes que nos procuram como almas em busca de um prazeroso sofrimento eterno, efêmero.

Uma sociedade do consumo? De controle? Uma governamentalidade, gestão da vida?³³ mas os tempos mudam e *os conceitos não são universais*, já dizia o queridíssimo Foucault, mas uma ecopolítica planetária³⁴, mais do que um capitalismo mundial integrado?³⁵ Mas a felicidade não é algo assim? Comprar felicidade a prazo, a vista, as vistas, comprar, ficar cego. Se a vida humana vigora em malandragens distintas, o que fazer dessa amorfação repleta de carinho e azeite? O que pode um corpo? não.

³³ Foucault, ao longo de sua obra discute esses conceitos na perspectiva de que o poder se mescla, se constitui com, se produz um do outro, com o outro, mas diferenciando-se numa imanência incontrollável em que do corpo, ao controle da vida, passa-se, ou melhor, mescla-se ao controle das populações, a gerir as maneiras de ser e de viver dos homens numa arraigada prática que nos fora oferecida antes de fora, mas que agora instalou-se em nosso cotidiano, nossos atos – em nossos tão singelos corações? Ver os seguintes livros do autor: *Em defesa da sociedade*, *O governo de si e dos outros*, *Segurança território e população*.

³⁴ Passeti discute as transformações da biopolítica, numa perspectiva de normalização biológica, do humano, para o que ele vem a chamar de ecopolítica planetária que vem a ser uma *prática de governo do planeta nos tempos de transformação (de si, dos outros, da política, das relações de poder e do planeta no universo*. (Tais termos estão em Passeti, *Edson: Transformações da biopolítica e emergência da ecopolítica* 2013, p. 10)

³⁵ Este termo é de Felix Guattari que aborda como o capitalismo tomou conta não somente dos Estados, mas também como agora unificando todo o planeta numa rede integrada de consumo em que não há mais distancias possíveis para a dominação de tal sistema economico-politico-subjetivo, ou seja, a vida, em certo sentido, se não se atentar a cada passo que se dê, está fadada a uma constante homogeneização em que a nota unissona que atravessa todos os campos é o consumo de coisas, gente, subjetividades, lazer, modos de vida e etc.. parte 6 do terceiro capítulo do livro: *revolução molecular: pulsações políticas do desejo*.

Superhomem nietzschiano, corpos que transvalorem nossos anseios matutinos em contraponto a algum lugar ainda por vir, por existir, mas que está à nossa frente, em cada passo nosso. Hoje em dia, não mais a igreja como antes. Hoje em dia, uma fé, que a despeito de qualquer valor demiurgo, camundonga moscas bicheiras, bernes – uma fé em quê será, na ciência e no progresso, no consumo? fé? Toda confiança é um ato de fé?, pode-se perguntar.. uma fé em si próprio? nos valores do consumo? na autosolidão e numa sociedade do medo e da esperança, sempre a ser alcançada, como ilusões fotográficas de facebook? *viver é perigoso.. carece ter coragem..* a fé e suas questões com a esperança, nos afetos tristes que nos fala Espinosa, afetos tristes no sentido de nos roubarem nossas potências, ou seja, chegando ao que Deleuze no seu *abecedário* na letra *P* comenta sobre o poder que é o grau mais rebaixado de potência³⁶.

Momento este em que toda capacidade vital de perseverar-se, independente do encontro – o conatus, ou o esforço do ser para a vida – é emaranhada de encontros tais que a despeito de sua vontade *perfeita e divina de perseverar* em dizeres de quem em 27 de julho de 1656 foi excomungado da igreja judaica, encontros emaranhados que rebanham populações, modos de vida e de viver, potências de vida, para a vida, desde a vida, com a vida. Como controlar os anseios do povo? regulamentar a vida? ..controle de populações?.. nas TVs, tudo em nome da segurança, todo torpor em torno do medo,.. nos anos 50 era um ideal nos diversos países americanos e europeus: uma tv para cada pessoa.. hoje em dia, o que seria vendido a tal modo?

a mídia e os processos de subjetivação que são contra nossa persistência em continuar a viver.. vidas mórbidas.. vidas que são, em quase sua totalidade, em quase toda sua extensão, em quase todos os momentos, uma vida abjeta, atracada, fungos no bolo, micorrizas³⁷ em toda sua extensão.. micropoderes são como micorrizas cotidianas,

³⁶ Assim ele o diz: “que é preciso especificar que não existem potências ruins (...) o ruim é o o grau mais baixo de potência. Esse grau é o poder (...) que maldade é impedir que alguém de fazer o que ela pode, é impedir que este alguém efetue sua potencia, portanto, não há potencias ruim” vídeo disponível em: (<https://www.youtube.com/watch?v=n20pTYFSiP8>)

³⁷ Micorrizas é um conceito da biologia que diz ocorre quando os filamentos celulares de um fungo invadem as raízes de uma planta. Tal fato acontece também quando, por exemplo, um bolo estragado partimos ao meio o nele vemos uma série de pequenas raízes, linhas, que antes não havia ali. Essas raízes e linhas são os filamentos celulares ou *hifas* do fungo que dominaram o alimento. Não é o nosso objetivo, mas por curiosidade, existem sete tipos de micorrizas, cada uma de um modo e função específica. Ver <https://pt.wikipedia.org/wiki/Micorriza>

microfascimos palavreados em cada ato ingênuo de uma relação, com os outros ou conosco, medo espalhado, difundido, pois, fica, se torna mais sensível à pergunta, também de Espniosa “o que estamos fazendo de nós mesmos?”³⁸ por qual motivo os homens desejam sua própria sujeição, a própria morte, não mais a morte matada ou morrida, mas essa morte mesquinha – covarde? – e cotidiana antes que se dê o fatídico ou promissor passo adiante, pois por quais pretextos querem os humanos suas próprias prisões – mas pra que?

que ato contrário ao vôo da vida, que com tais passos em falso, pré-fabricados, nesses passos ritmados, aborrecidos com a própria sombra, malfadados neles próprios, infundidos em um individualismo esmorecem as mais virtuosas potências.. ao ante passo de todo ato corajoso que se exige, uma ação a favor do medo, se transmite. A coragem contagia, não somente se transmite de um a outro.. apesar de tudo, entendemos que a transmissão envolve certo esquema de *filiação*, de aceitação a algumas regras institucionais, ainda que vagas e dispersas, enquanto o contágio ele simplesmente acontece de qualquer um para qualquer um, não importando o tempo e a distância, as afinidades musicais ou conhecimentos prévios, é como encontrar o ponto cego de cada ato, o momento em que não se sabe... o medo, também pode ser algo que se transmite transmissível, depende de um certo “agente”. A coragem ultrapassa o ato de uma só pessoa, em devires de tempos, eras, o medo, ainda que se encarregue da historicidade, figura-se muitas vezes quando somos obrigados a amar alguém.. quando nos dão rígidos territórios de percepção, movimento, transformação..

produz-se medos e processos de subjetivação em série.. regulamentando.. expandindo as formas de vida e a vida, mas também os modos de controle e coerção – ainda mais sutis? Ainda mais invisíveis, efêmeros? Difusos?é pelo corpo que se passa nosso controle? Se é pelo corpo que desejamos nossa servidão..é também pelo corpo que se começa o processo de re-existência..

ao viver no sertão se acomoda? nele transpassa quais *atos contemporâneos*, *dotados de tudo aquilo que nos é intempestivo*.. o sertão é imanente a quais territorialidades? sertão, que é esse, nos olhos que o ódio propõe? Mais vale a lambida de um cobra – esse instante em que ela própria não sabe se dá o bote ou se apenas faz

³⁸ Encontrei tal pergunta no texto de Paseti citado acima, porém não há referência bibliográfica.

tremer de medo *o homem, o domador da natureza*, chacoalhando-se como num eterno jogar de dados.. – do que a felicidade – o corpo frio, a falta de sensações, espasmos de experimentações, pílulas que a vida segue – que atualidade que nos contrai? Mais vale o fio cego e enferrujado de uma foice nas tripas, do que as risadas e contratempos que a atualidade nos decidem? Já repararam que as pessoas, de quando em quando, viciadas ou não em internet, muitas vezes, riem em sua solidão, riem alojadas em suas próprias corcundas, já transformadas em corcovas, riem como hienas – riem de solidão, de desespero, desprezo, a si e aos outros?

Já repararam que, muitas vezes, para nos sentirmos vivos, temos que passar por uma experiência que quase nos leva a morte – um atropelo, um assalto, um susto que nos faça repensar nossa vida até então, por exemplo.. o que fizeram de nós? O que ainda continuam fazendo? O que deixamos de enfrentar? O homem do sertão, o homem do deserto, o homem da estepe, ou melhor, *o lobo da estepe*³⁹, o homem das selvas, das montanhas e dos mares, ai, meu corpo sente saudade do que é nômade. Ao sedentarizarmos nossos costumes, jeitos, formas de amar, andar, viver, temos uma tendência muito forte a matar as possibilidades de devir em nós.. o devir só é possível pelo nomadismo, pelo estranho, pelo novo, pela diferença, o que nos força e nos obriga a pensar, ao passar pelo corpo, ao ter um intensivo que faz nossa sensibilidade pulsar. O sedentarismo e as nossas formas preestabelecidas, tudo isso é o que constroí, constitui, o “homem”, nossos confortos, nossa vida de luxo.. nossos romances individuais, tudo isso em nome de que, pra que? ? De um Estado.. para que se constitua o Estado? Não é a toa, como apontam Deleuze & Guattari no *Mil platôs vol 5* que os povos “primitivos” faziam guerra para conjurar qualquer forma de aparelho de Estado⁴⁰

³⁹ Faço aqui referência ao livro homônimo de Hermann Hesse, escritor alemão do sec XIX-XX.

⁴⁰ Clastres não só duvida que o Estado seja o produto de um desenvolvimento econômico determinável, mas indaga se as sociedades primitivas não teriam a preocupação potencial de conjurar e prevenir esse monstro que supostamente não compreendem. Conjurar a formação de um aparelho de Estado, tornar impossível uma tal formação, tal seria o objeto de um certo número de mecanismos sociais primitivos, ainda que deles não se tenha uma consciência clara (...).Os mecanismos conjuratórios ou preventivos fazem parte da chefia, e a impedem que se cristalize num aparelho distinto do próprio corpo social. Clastres descreve essa situação do chefe cuja única arma instituída é seu prestígio, cujo único meio é a persuasão, cuja única regra é o pressentimento dos desejos do grupo: o chefe assemelha-se mais a um líder ou a uma vedete do que a um homem de poder, e corre sempre o risco de ser renegado, abandonado pelos seus. E mais: Clastres considera que, nas sociedades primitivas, a guerra é o

Caminha o corpo nesse sertão desertificado com planícies prontas de nosso desdém e inumanidade: montanhas retangulares, com pequenos buracos e pouca beleza: com tudo que nos rouba de nosso nomadismo: passagens caras, tempo de férias e tempo de trabalho. Não que tenhamos que sair sempre do mesmo lugar, mas em que medida o termo viagem esta implicado em nosso cotidiano. Cotidianizar a viagem e viajeinizar o cotidiano, já diria com outras palavras outros autores⁴¹.. como enfiar um processo em outro? E em que medida podemos nos valer do que é cotidiano, sem o tomar como natural, coisa que existe desde sempre, ou seja sem o questionar? Sem nos perguntarmos?

natural? como algo em si? problemas de um corpo que não agüenta mais: se a vida é movimento, o que fica parado não é de se estranhar? tal como o sedentarismo em suas diversas possibilidades.. tanta coisa “parada”. Torniquete no pescoço.. pois se pular a roleta, se tirar a roupa, se andar desconjuntando, se atrapalhar o fluxo que nos impõe...tiro, porrada e bomba nesses corpos..

e o que dizer então das possibilidades de uma vida inventiva ante ao aparelho de Estado? Ante aos nossos sedentarismos cotidianos? Tais perguntas nos fazem pensar acerca do medo da experimentação – e do pensamento que se dá por meio desta – quando se vive em um mundo em que tudo esta já organizado, pronto. É só consumir e sobreviver, aceitar as regras, os impostos, as imposições.. que mapas fazem nosso desejo de servidão? E quais tipos de mapas tem feito, traçado, no cotidiano, nossas potências de vida, nossa capacidade de diferenciação? Quais planos são traçados por nossas resistências cotidianas.. toda uma genealogia dos nossos desejos de servidão e de nossas resistências, de luta, de afirmar a vida em detrimento de cada micropoder instituído. Como esse microfacismo tem nos formado, constituído nossos desejos, ações? E como uma alegria de “viver a vida sem vergonha de ser feliz” tem nos

mecanismo mais seguro contra a formação do Estado: é que a guerra mantém a dispersão e a segmentaridade dos grupos, e o guerreiro é ele mesmo tomado num processo de acumulação de suas façanhas que o conduz a uma solidão e a uma morte prestigiosas, porém sem poder. (Neste ponto do texto os autores citam Clastres: Pierre Clastres, *La société contre l'Etat*, Ed. de Minuit; "Archéologie dela violence" e "Malhenr du guerrier sauvage", in *Libre I e II*, Payot) In *Mil Platos*, Vol 5, p. 19.

⁴¹ Deleuze e Guattari no *Anti-Édipo* falam de inserir o desejo na produção e a produção no desejo. Isso se refere a uma crítica a Marx e a Freud que viam tais processos estancados e distintos, separados, dicotomizados, não percebendo a imanência destes processos.

contagiado – ou não temos nos deixado ser afetados por ela, por medo, por não querer experimentar, por não querer sair do lugar?

Sustos.. acontecimentos..

Vêm os três, em fila, pela trilha esticada à margem da rodovia. A escuridão dissolve seus corpos, entrevistados na escassa luz dos faróis dos caminhões, dos ônibus e dos carros que adivinha a madrugada. Caminham, o mato alto e seco roça as penas de suas calças. São pai e filho e um rapaz, conhecido-de-vista, que, encorajado *Pode sim. Tem dez anos que vou a pé. É uma economia danada no fim do mês,* resolveu acompanhá-los.

Luiz Ruffato – Eles eram muitos cavalos.

Acabou de acontecer:

Como um cuspe que da boca sai, caí da janela do apartamento, talvez por um escorregão, um tropeço, um passo em falso qualquer. Gritos e desesperos soavam altos e baixos no absurdo silêncio da queda. Ante tal situação fui atrevido, impactante e resoluto com a gravidade: não dependo dela e tampouco sei de sua existência, pois que seja, eu sei voar. O “passo a passo” ante cada janela – com ou seu cortina em que imaginava e via coisas e pessoas – me trazia meu peso e solidão naqueles breves instantes: estava só e nada me fazia parar e a gravidade em ato me empurrava e a cada metro eu pesava mais e mais.

Pensei que em um segundo estaria tudo terminado, que não veria mais nada nem ninguém que nem mesmo sentiria dor e, ao invés de ir contra aquilo que me empurrava para baixo, aos seus braços me entreguei, senti-me como um filho carregado e, por instantes, também fui livre, em frações de segundos senti a leveza que se é quando se voa, mas não como os pássaros ou aviões, mas como quem cai mesmo do alto de um prédio e ao pensar que está tudo terminado, já não se oferece como resistência à gravidade, mas no seio dela se abraça e ali se entorpece de amor e alegria.

Vi a vida passar em milésimos de segundos na janela do 3º andar, na do 2º pedi, cometi o erro do perdão pelos meus erros, despedi-me da vida e, em pensamento, das pessoas queridas e das que lembrava e também das que não cheguei jamais a conhecer, senti um frêmito de regozijo e medo e, de deus morto – o que é mesmo ele? – me vi próximo, mas em seguida ele me rejeitou, dizendo que aquilo não eram modos, que se fosse morrer, que tivesse ao menos um pouco de vergonha, que ao menos soubesse

dançar!⁴² Ou que tivesse dignidade para tal, que, para ter dignidade para morrer, devia consumir minha vida inteira⁴³, tudo aquilo que podia, e que ainda não havia feito..terás que consumir a vida – seria como *aquela que vive sem poesia? um feto adiado que procria?*⁴⁴ – quando dei por mim, passava pela janela do 1º andar e vi uma cena que não conto aqui agora, pois estou como que caindo ainda, errei o tempo e ao sorrir de braços abertos para o infinito imaginando que não tinha mais jeito, que como tal era fato, morreria assim de morte caída, destas que se dão nestes dias infinitos e infinitizados, mas desatino meu foi me embarçar, me contrair inteiro entregue ao próprio peso e passo, que cai em uma marquise, numa árvore, em fios de luz, banca de jornais, telefones públicos, no capô de um taxi e finalmente no chão.

Ali, como que um cuspe que cai do prédio pude sentir a ironia da vida a me acordar, não pelos gritos e olhares que espantados velavam de antemão um corpo que julgavam morto, cada um a seu modo de prazer e horror, tampouco por algum atendimento de médico e louco que todo mundo tem um pouco, mas sim por um cuspe –

⁴² Tais referências que Nietzsche faz ao dançarino, à dança, tais como: “o pé aprende primeiro que o espírito” (referência não somente à relação corpo-mente, mas podemos também pensar que um pé é feito para o andar, para o dançar, ou seja, para o movimento) “só acreditaria em um deus que soubesse dançar”, (fazendo aqui, talvez, referência à Dionísio.). Tal frase encontrei em um vídeo de Viviane Mosé no youtube disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0FihbUHm2wM>

⁴³ No filme homônimo ao livro do qual foi inspirado “quando Nietzsche chorou” em diálogo com seu “terapeuta”, Nietzsche em dado momento lhe diz: “nós devemos morrer, mas na hora certa, a morte já não é mais aterrorizante quando a vida já se consumou, já consumou a sua vida (...) ou deixou-se levar por ela? (...) você está fora de sua vida, sofrendo, por uma vida que nunca foi vivida (...) vou lhe dar um presente Joseph (Brauer): e se um demônio lhe dissesse que essa vida, da forma como vive, e viveu no passado, você teria que vivê-la de novo, porém inúmeras vezes mais e não haverá nada novo nela, cada dor, cada alegria, cada coisa minúscula ou grandiosa, retornaria para você mesmo, a mesma sucessão, a mesma sequência, várias e várias vezes, como uma ampulheta do tempo, imagine o infinito, considere a possibilidade de que cada ato que você escolher Joseph, você escolherá para sempre, então, toda vida não vivida, permaneceria dentro de você, não vivida, por toda eternidade.. gosta dessa ideia?”. Entendemos que aqui Nietzsche expõe seu pensamento sobre o *eterno retorno*.

⁴⁴ Fernando Pessoa:
sem a loucura, que é o homem?
Mais que besta sadia,
cadáver adiado que procria?

o que dei antes de cair da janela ou o de alguém que despropositalmente o fez, talvez de seu terraço-janela-varadinha adeus por do sol? – ou deus morto de algum lugar? – e ali mesmo na surdina de todo asfalto quente senti a dor que embriagava cada músculo e osso meu e acordava nos braços de toda dor que se pode existir ao renascer, ao ressuscitar com um cuspe na testa: urrava de dor sem saber porque e de alegria, porque simplesmente urrava de dor. Com aquele ato foi como se me dessem um peteleco na testa e dissessem: acorde criança!...vá meu filho e às expensas do destino de Ícaro, ser gauche na vida, alcance vários e invoados céus, pois a tua, apenas começou.

Qualquer semelhança não é mera coincidência:

Com que passo pude me encontrar com La Argentina? Pisando e pisando em cadáveres. Não conseguia caminhar. Foi quando Argentina me estendeu as mãos.
Kazuo Ohno – Treino e(m) poema

(...) o que mais me chocou foi a descrição das pessoas que morriam no campo - de concentração - por doença e/ou exaustão, após quatro ou cinco meses de trabalho forçado – sem que fosse necessário enviá-las para o gás.

Para morrer no campo de concentração (ou hoje em dia) você não precisava ter feito nada de errado: pelo contrário, bastava fazer tudo direitinho. Ao fazer tudo direitinho, sem mover um dedo para infligir qualquer mal a quem quer que seja, nós beneficiários silenciosos de um sistema opressor que nos precede e, apesar de que não o queiramos, nos define. Minha avó que me perdoe, mas é preciso fazer tudo ao contrário⁴⁵.

Da mesma maneira podemos pensar a vida na atualidade, ao *fazer tudo direitinho*, beneficiamos a quem? Ao poder, as normas e regras que são muito bem construídas, talvez com muita boa vontade, para que sejamos bons seres humanos, para conviver bem uns com os outros? A quem está a serviço toda essa lógica de dominação e o que ela tem a ver com nossa vontade de sujeição? Questões..

⁴⁵ PAVANELLI, Camila “*Sobre impostos, racismo e um conselho de minha avó*”. Disponível em: (<http://www.geledes.org.br/sobre-impostos-racismo-e-um-conselho-de-minha-avo-comentario-a-entrevista-de-fernanda-lima-por-camila-pavanelli/>)

Você tem medo? Acha que não é controlado? Esquece-se disso?

Passáros criados em gaiolas acreditam que voar é uma doença. A. Jodorowsky

até que ponto vai nossa coragem? nossos corpos são feitos apenas para o amor? – para o medo? – ou esperam amadurecer na humanidade, de tempos em tempos, certas guerras inevitáveis? Somos filhos do trágico e a ironia disso é que não sabemos no momento certo.

Falar do motivo que nos leva a desejar nossa sujeição é um tanto quanto pretensioso quanto pode parecer arbitrário. Pode ser que cause incômodo, narcisistas que nós somos, ou, cuidadosos com nossos encontros – como deixamos isso acontecer? – podemos nos questionar. Nesse sentido, tendo a direção da *Ética* espinosista, apresentaremos algumas perguntas, pois mais do que claro, tais perguntas também nos pega no âmago do ventre e causa náuseas em “nossa vontade de potência” (Nietzsche) ou mesmo em nossa vontade de “perseverar em nosso ser” (Espinosa). Esta última proposição é um ponto delicado para a nossa pergunta, uma vez que coloca em cheque toda a construção dela – como, então, desejamos nossa sujeição?

Para seguir no fio fino e delicado de tal pergunta, iniciaremos falando de corpo. Em seguida de experimentação e por último, ou melhor, de modo imanente, atravessando todo o texto, de ética, caberá a quem ler dizer se tratamos de maneira equivocada ou não tal assunto. Mas por agora: corpo. Pois para desejar a sujeição, precisamos de um corpo. De um corpo que é sujeitado. De um corpo que, apesar de toda potência e não bastasse os bons encontros, sucumbe, extrapola, ou melhor, se implode como quem engasga e sufoca com o próprio vômito, no desejo de sujeição. Não falaremos de um corpo ideal, mas de corpos reais, vivos. Não nos interessa a biologia do corpo na medida em que ela se fecha em si mesma. Mas nos interessa as potências dos encontros nos corpos. Potências dos encontros na medida em que tendo velocidades e movimentos diferentes, um corpo pode compor ou decompor com minha velocidade, daí eu ter um bom ou mal encontro, algo que aumenta ou diminui minha potência de agir no mundo. Nesse sentido, os corpos reais nos interessam, e sobretudo, é por esse motivo que a biologia dos corpos, se nos interessa, pode ser que em um segundo ou terceiro plano. Por outro lado, é necessário falar de corpo, uma vez que parece que na história da psicologia algo tão notório tem sido pouquíssimo discutido. Nosso viés aqui

é o de pensar o corpo acerca do ponto de vista da vontade de sujeição bem como de suas potências.

Mas de qual corpo estamos falando? Aos poucos. Corpo, é uma potência em ato. Uma força de existir. O corpo – o que Espinosa também chama por vezes de indivíduo – é, de acordo com o autor citado, um conjunto de partes duras, moles e flexíveis, com movimentos rápidos, lentos, ou inertes, mas que funcionam um em relação ao outro, de maneira a transmitirem seus movimentos entre si, de um corpo a outro, ao infinito. De acordo com Espinosa, no seu livro *Ética*, corpo é um “modo definido da extensão, existente em ato” (*Ética*, p.61), coloca ainda que o corpo é o “objeto da ideia da mente humana”. (*Ética*, p.61).

Aqui ele define o corpo como existente em ato na medida em que ele existe para a mente a partir das afecções do corpo. Se não há afecções, não há corpo para a mente, e se não há corpo para a mente, não há corpo, logo, o corpo só pode existir na medida em que a mente conhece suas afecções. Mas o que são afecções? As afecções são o corpo sendo afetado pelo mundo. Mas e o que seriam os afetos? Como eles estão em nosso dia a dia? Em que isso importa? Os afetos são a capacidade de aumentar ou diminuir a potência de agir do corpo. Eles estão a todo momento em relação conosco, uma vez que somos o tempo todo afetados por outras ideias e outros corpos. Um exemplo bem simples: um mal encontro, um afeto triste, na linguagem de Espinosa, movimentos com velocidades diferentes afetando nosso corpo: aquela dor de dente que se tem quando comemos ou tomamos algo bem gelado e dói *lá na alma*. É nítido que dois corpos – o sorvete, por exemplo, encontrou com nossa boca, com nossos dentes e cada um estava em um movimento diferente, um movimento não compôs com outro, nesse sentido, são como dois corpos se chocando no sentido de uma destruição, um movimento mais lento com outro mais rápido: um mal encontro que decompõe a relação de nossos movimentos.

No nosso caso, importa pensar os afetos na medida em que o corpo é além do que se estuda e diz: do corpo, nada sabemos. Um monte de carnes, ossos, nervos, fibras, sangues, partículas que circulam dentro chamadas de vírus, moléculas, restos de comida, urinas e fezes. Interessa pensar os afetos, pois é a partir daí que podemos pensar “o que pode um corpo?”. Os afetos, o autor separa para a mente; as afecções, ele separa para o corpo, ou seja, dos encontros de um pensamento com outro ou dos encontros de

um corpo com outro, temos afetos ou afecções, e tais podem aumentar ou diminuir a nossa capacidade de agir no mundo.

Trata-se de problematizar o que passa, o afeto é essa transição de um estado a outro. Transição de que? Transição de um estado de potência a outro. Sendo assim, podemos, a partir de nossos encontros, nos tornar, pois trata-se de uma passagem de um estado a outro, mais perfeitos ou menos perfeitos, mais alegres, quando temos bons encontros, ou mais tristes, quando temos maus encontros. É por isso que os afetos e as afecções nos são importantes e o motivo deles estarem conectados ao nosso dia a dia. É por nos mostrarem em que nossos encontros nos fazem compor ou decompor. É nessa passagem de um estado a outro, é nessa composição ou decomposição que os corpos podem se tornar mais ou menos capazes de agir no mundo. É a partir de tais encontros, que podemos pensar: o que pode um corpo? Ou ainda, por quais motivos desejamos nossa sujeição? Por que desejamos nossa sujeição? Pois, em termos gerais, se tivermos mais maus encontros que bons, nossos corpos terão uma potência baixa, diminuída, o que mostra, em boa medida, que viveremos como homens tristes, de maneira que daqui para desejar a nossa sujeição, é um passo.

Corpo é aquilo que é conjugado pela sua potência. Um corpo que pode mais do que outro é um corpo que age mais do que outro. Sendo um conjunto de partes com densidades diferentes – moles, duras, flexíveis – e com movimentos diferentes – rápidos, lentos, inertes – o corpo é definido pelo que ele pode, muito menos pelo conjunto de funções que poderiam alguns dizer dele: funções digestivas, de locomoção, excretórias etc. Ou seja: falamos aqui mais do corpo relativo às afecções, do que aumenta ou diminui sua capacidade de agir no mundo, do que de um corpo estritamente biológico, médico, sociológico ou mesmo psicológico.

Experimentações

“Oi, aqui é a Luciana, deixe seu recado após o sinal”

Luiz Ruffato – Eles Eram Muitos Cavalos

Reservados os instantes, formam parte do dia o conjunto de crianças que andam pelas ruas a roubar transeuntes que retornam de seus dolorosos e angustiantes trabalhos. Mas o quê? “isso também é o Rio de Janeiro”..disse-me um deles. Alguns mais outros

menos. Mas todos retornam, quase sempre indo e vindo no mesmo horário. Vendo tais movimentos ondulatórios entre períodos e períodos, cresceram tais crianças a ver, de primeira, na beira de suas casas invadidas nos terrenos baldios das estradas e avenidas soltas, no colo de suas mães a mamar o pouco leite que ali havia de seus fartos instantes de amor, mulheres fortes, guerreiras, deram a luz pelos filhos que mal viram crescer. Tais crianças e adolescentes, cresceram vendo tais movimentos de suas casas na beira da avenida, desde bem novas, tem a vida desafiada por mil contornos e lugares.

Depois de cansarem de nada fazer, foram ao alto do morro. Andando sem nada por fazer, pés sujos, vermes dentro e fora, pensam, nós temos vermes, mas a vida dessas pessoas são como esses vermes que não sabem pra onde ir. Um pouco mais a frente, como que mergulhado em poeira, outros papéis e cinzas, algo no caminho ganha destaque naquele cenário: “Por que desejamos nossa sujeição?”, pega, um garoto um tanto e outra garota outro tanto, um conjunto de papéis amassados perto do lixão de onde moram. Tinha um nome, mas não conseguiam ler. Estava impresso em folhas que poucas vezes viram na vida. Olhavam pra si próprios em silêncio. “o que pode um corpo?” outra pergunta lida solta no meio de tantas palavras, muitas das quais sem significado para eles. A pergunta ressonara em eco por suas mentes e corpos; “sujeição? Que palavra é essa?” Se olharavam e viam-se magros, com os pés descalços e sujos. “Afecções são o mundo lhe afetando”. Coisas estranhas, digeriam com curiosidade e estranhamento o bolo de papel que parecia dividido.

Consagraram-se no mundo desde quando a ele vieram como quem gosta de aventuras, riscos. Nasceram de tempos vários, um menos outra mais, um de 7 meses e a outra de tanto a mãe apanhar. Gravidez de risco? Corpo. O que pode um corpo? Temos em nossos corpos milhões de outros corpos menores compondo como que numa escala infinita. Afeto e ideia não se reduzem a uma mesma coisa. Afeto está mais para uma passagem, para uma transição de um grau de perfeição a outro, “enquanto essa passagem é determinada pelas ideias” (Deleuze p.27) – *o affectus é então a variação contínua da força de existir de alguém, enquanto esta variação é determinada pelas ideias que ele tem (Deleuze, p. 27)*, lia tudo isso a garota nas páginas amassadas e soltas em uma tarde de outono em que não sabia o que comer. Tinha dúvida do que lia, não entendia, mas não quis jogar fora o escrito, entreolharam-se: se alguém escreveu, foi para que alguém lesse, liam em silêncio tal sentença um nos olhos do outro..

“Corpo”, “pois por qual motivo desejo minha sujeição?”, caminhavam com o monte de papel na mão as duas crianças que alguns sequer dão ou tem coragem de dar-lhe algum nome – ou razão social. Viam seus amigos correrem atrás de um papagaio que havia sido solto das amarras das linhas pelo encontro – triste encontro? – com outra linha .. os ventos balançavam as orelhas das folhas sujas, os enganos maltrapilhos de pés descalços chamados verbos, nomes próprios e com cada adjetivo que não tinha memória ou corpo para tal. Sentiam o tempo ainda que sem saber como. Urravam a cada minuto de silêncio, pois gostavam dessa quebra e desproporção que era formar um nó na garganta e ao mesmo tempo o desfazer como quem puxa o fio pela meada.

Desse modo, lhe doíam o que tinham lido nos farropos que lhes corriam soltos pelas frágeis e sonoras mãos: “como pode alguém ser chamado Espinosa? Que nome estranho.. como pode ele dizer sobre regulação dos afetos. Eu sei lá o que é regulação.” ..eu regulo, tu regulas, eles regulam as potências dos afetos, o que é potente? e o que é impotente? isso para dizer o que pode a razão? Então teria a razão uma vantagem sobre os afetos? Seria ela mais forte ou mais fraca? Leram que ali, o conhecimento tratava-se de algo prático.

Deixe-me testar..se eu quero algo e não tenho, seguia com a garota.. e para ter eu compro, disse o menino. Compra nada, intervém a garota, você fica na vontade. Eu não, às vezes quando quero algo e não tenho, eu roubo.. tipo isso, tá vendo esse celular.. tira até foto.. ta aí..show, ne? Agora tira a mão que é meu.. Pô, deixa eu ao menos ver.. aí.. nem sabe desbloquear.. ahah.. Então.. saca só: quando quero algo, eu roubo.. esse homem ta falando que isso pode ser potência ou impotência.. o que seria isso? Sei lá! tá maluco é? Potência é o fuzil que a polícia carrega..Ih.. ah lá..toda vacilona.. potência é a metralhadora que vi outro dia chegar no morro.. Mas ai, você não falava de corpo? Não quer testar o que esse zé mané diz ai nesse monte de papel..Por que agora ta falando de arma? Quer coisa mais potente? O corpo morre com um só tiro. Mas não haveria um só tiro se não fosse o corpo, pra fazer tudo isso ai.. Melhor seria não ter nada disso, nê? Talvez a gente não estivesse por aqui..Se o corpo pode ser potente.. ou impotente.. deixa eu ver isso aqui..

(...)sujeição... mas, durante todo o livro Espinosa nos leva a crer que, por um lado, os homens em sua grande maioria, são levados pela força dos afetos, que eles não tem domínio sob tais afetos, pois são mais fortes que a razão humana, e que se há perspectivas de superação no que diz respeito a esses afetos – que ele chama de afetos

do primeiro gênero do conhecimento – são em boa medida de uma maneira dificultosa, quase rara, pois, para além de tudo, os homens são invejosos, odeiam ou tendem a não gostar de quem, de alguma maneira, sendo considerado um igual, os superam, que apesar de terem comisseração, ou seja, piedade pela infelicidade do outro, mas não se colocam no lugar do outro para ajudar ao próximo, que também, como dito acima, não gostam de que alguém os superem em algo, tendo deles inveja, por vezes raiva ou mesmo medo e que, em boa medida, desejam para si o que o outro conquistou...

Pô, se isso for isso mesmo, roubar é algo ruim.. pois tu ta tendo inveja que eu bem sei dessa galera que anda de celular e roupa manêra por aí.. você quer ser igual.. mas aí..o que posso fazer se me chamam de neguim e me maltratam só porque sou mesmo neguim.. o que fazer? Mas, assim, ta sendo impotente.. cadê sua potência.. ó.. não to falando das armas.. to falando do teu corpo.. igual ele diz aí.. teu corpo e o que ele encontra.. a cada encontro.. digamos assim, cadê a potência do seu corpo negro?

(...) O corpo só é conhecido pela mente a partir das afecções que ele tem do mundo exterior. Apesar da conexão entre mente e corpo, o corpo nunca será compreendido, digamos, totalmente, da mesma maneira que o conhecimento do corpo está para o pensamento. O que temos são resquícius de uma mente que, tendo em vista que o conhecimento do corpo nos escapa, percebe tudo como se fosse ao acaso, tudo mutilado, a mente percebe as conclusões do que nos acontece, os fins, como causas; de acordo com Espinosa um corpo não pode ser afetado por um pensamento e um pensamento não pode ser afetado por um corpo.

No entanto, o que é ação no corpo é também ação na mente. Convém dizer que, por considerar separado um processo do outro (o que é do corpo é do corpo, e o que é da mente é da mente), eles, por outro lado, andam juntos, não são distintos (o que é ação no corpo é ação na mente e da mesma maneira, reciprocamente). Bom, apesar disso, continua a nos dizer Espinosa na *Ética*, nada melhor a um homem do que outro homem – curiosamente é uma tese contrária à hobbesiana que diz que “o homem é o lobo do homem” – e por meio da razão fazemos tudo que nos é melhor, inclusive o que nos ajuda a sair do estado natural e a chegar ao que ele chama de estado civil – que diz respeito à vida em sociedade; que se está difícil vivermos da maneira como vivemos, em sociedade, pior para o homem viver no estado natural, pior sem nada amparando, regulando, a vida social humana. Pois dessa maneira, vivendo no estado natural, não

havendo regras nem leis, nem nada que seja de ninguém, fica fácil antever que o que reinará será a lei do mais forte. Olho por olho, dente por dente.

Por um lado, é fato notório que os homens precisem de leis e normas de regulação para viverem em sociedade, pois são as próprias leis e regulações, tabus, normas e afins a própria expressão da vida social, de maneira que não há vida social, que não há sociedade, sem estas; pois apesar dos benefícios do uso da razão e de ser melhor a vivência de um homem com outro, do que um ser de outra espécie – animais, plantas e etc – é mesmo por conta dessas leis e regras e normas que os homens necessitam para juntos viverem.

Porém, por outro lado, ou mesmo por conta das próprias leis e normas da vida social, o fato de precisarmos de leis e regras para vivermos em sociedade, também demonstra o quão não há uma “convivência harmônica”, sendo que se houvesse, não precisaríamos de leis; ou seja, só demonstra mesmo que os afetos é que governam a vida humana, pois se não fossem os afetos e o conhecimento de primeiro gênero que governassem a vida humana, isso de acordo com o autor, se fosse a razão ou o conhecimento intuitivo, não viveríamos na bárbarie que vivemos, tampouco necessitaríamos de governos, reis, imperadores para serem representantes de grupos e populações.

Tudo isso, logo de início, nos mostra o quão é difícil o uso da razão ou mesmo do conhecimento intuitivo e o quão é difícil refrear os afetos de maneira que é muito facilmente supor, a partir de tais argumentos, já que são poucos homens que se governam pela razão e menos ainda aqueles que vivem sob o conhecimento intuitivo, que estão a viver os homens, a sua maioria, a desejar a própria sujeição. Vivendo a maior parte do tempo sob os comandos, sob a regência dos afetos, das paixões, sob o domínio de forças que “de fora” os afetam de maneira a comandar os desejos e os apetites humanos, de que maneira, como poderiam os homens não desejar a própria sujeição?

Se os homens vivem se esgarçando, lutando entre si, de maneira a - é o que me parece - impedir ao máximo o uso da potência de cada um e de todos em toda sua expressão e força, invejando, impedindo, bloqueando, sendo ressentidos, reativos, pessimistas, tristes, homens tristes, como viver utilizando nossa potência? Parece que, por outro lado, para se expressar da maneira como é, a potência “precise” de tais “obstáculos”, justamente para se expressar enquanto tal, ou seja, enquanto potência.

Mas também podemos pensar que se não fossem os afetos tristes, o poder, a potência seria uma livre expressão pura, sem ser reduzida em sua forma de ser.

De maneira que, quando uns poucos sobressaem dessa lama infecunda, de modo – quase – irreversível, como se do fundo do poço da lama das questões humanas, alguns seres, por esforço, alegria (considerada aqui, claro, no sentido espinosista, ou seja, no sentido do aumento da capacidade de agir no mundo, do aumento da potência e consequentemente das ideias adequadas e da proposição de verdadeiros problemas..), luta e talvez até solidão, sobrevoassem, ganhassem asas, uma luz talvez. De maneira que os que ficaram, observam, contemplam, se julgam e chicoteiam, querendo também alcançar tal estado. Querem os homens que não vivem ainda sob o domínio da razão e do conhecimento intuitivo, imitar, fazer igual, esquecendo-se que o caminho de cada um para o uso da razão, para chegar a ter ideias adequadas, é um caminho próprio, não imitável, não passível de adequação. Alguns criam teorias sobre, repensam, mas no instante seguinte voltam a se degladiarem como se nada mais fizesse sentido.

Nesse instante da leitura dos papéis soltos que encontraram, menina e menino, olham em volta.. depois de tanto falarem engolem o silêncio que os atordoam.. tais palavras, ainda que sem nome nem rosto, não importa, os fizeram refletir sobre tudo que vivem, não precisaram sair do bolsão de pobreza para ter uma ideia geral do mundo, aliás, ali mesmo eles têm a expressão e a cara dura da vida a lhes mostrar o quanto estavam sob encontros que jamais gostariam de ter: maus encontros, maus bocados, maus tempos, maus encontros das vacas magras, digamos assim.

Depois de algum tempo, ele piscou para ela e antes de continuarem, uma dúvida lhes surgiu como numa transmissão de pensamentos: “primeiro, segundo, terceiro gêneros de conhecimento?” que p%##a é essa? Lá vem essas palavras estranhas novamente..” tudo isso se passou, acreditem, num piscar de olhos.. e, logo abaixo, estavam tudo o que eles não entenderiam sem viver. O pôr do sol era tão belo que não parecia que os dias passavam com tamanha velocidade e ferocidade. Não parecia que ao lado havia um esgoto.. ah!.. dejeta humanidade!. Entre uma leitura e outra, eles comiam quando dava, iam pra escola e zoavam as professoras, matavam aula, viam das vielas câmbios monetários, vidas se desfazendo de suas roupagens corporais, armas, tráficos, aprendiam sem querer como que tudo funcionava.. davam passos cada vez mais agudos para aquilo que porventura lhes seria seu fundo de quintal..

Afora tudo isso, escutavam que alguns amigos iam para projetos, lugares em que se faziam várias coisas, uma tal amiga de não sabem quem, fazia uma parada maneira, Afrobetizar, aprendiam os significados da “terra de onde vieram seus ancestrais” e a partir dali aprendiam a “afrontar”.. os mais velhos, entendiam melhor o significado de “afrodisíaco” e deixavam a vida mais bela com seus sorrisos estampados como manchetes em capas de jornal – a cidade inteira agora os viam de outra maneira, todos viam que eram “mais eles próprios”, não eram mais sós, eram um coletivo, mas a vida de cada um, era como uma vida nua a causar escandalos, como uma obra de arte. Viam e pensavam nisso tudo, mas por enquanto, liam o que também lhes causava interesse e incômodo..

(...) sobre o primeiro gênero de conhecimento, está aqui todo o conhecimento que se trata ser o mais baixo possível. É como chegar ao fundo do poço, ou melhor, ser o fundo do poço. Não sair dele e achar que o mundo é o fundo do poço. Conhecer as coisas inadequadamente, conhecer os fins, sem que lhes conheça os inícios, as causas, andavam com rudes pés descalços e não sabiam do que se tratava. Suas asas de neve derreteram-se com a chegada do verão. Tinham sonhos mas não podiam voar. Curiosamente, derreteram, evaporaram, voaram, suas asas de neve.

Das notícias eram apenas algo que não bastava para alimentar o frio jornalismo que se alimentava de pessoas como eles. Que viviam sem saber o que lhes acontecia o tempo inteiro. Mas não quer dizer que não tinham conhecimento. Apenas que, enquanto crianças, o mundo era-lhes por demais cheio de maldades, causas, patifarias, enquanto eram eles crianças que só conheciam o mundo de pés descalços em brasas. Pulavam a cada vez que lhes estendiam as mãos: e a cada vez tinham por brasas, farpas, espinhos e arames farpados nos caminhos, nos abraços. Mas eles iam e sem saber o motivo, riam. E não apenas por que eram crianças pobres. Mas outras pessoas adultas, ricas inclusive, não tinham sequer a menor noção do que seria. Suas falsas ideias e seus azedumes de amor.

Conhecer as coisas sem que se delas se tenha noção. Algo vago. Trata-se do conhecimento das ideias inadequadas. Conhecimento em que o corpo é afetado pelo que vem de fora e que ali, não há nenhuma espécie de crítica sobre tal conhecimento. Dessa maneira, tudo que lhes afeta é. Ou seja, tem-se noção das consequências, mas não das causas, das premissas, como muito dizem por aí. É conhecimento apenas das conclusões do que lhes ocorre. Não há possibilidade de formular noções próprias ou comuns aqui,

visto que não há possibilidade de ordenamento do pensamento, que tampouco há pensamento. Como que jogado aos encontros, sem pretensão ou possibilidade de conhecer como as coisas se dão. Eis a nossa mente. Eis o que o corpo a partir de seus encontros, transtornam: ideias vagas, confusas, mutiladas, tais como os corpos que ali bem perto se jogam em valas. Corpos sem valor e que a vida sequer é considerada.

Como se davam as coisas no primeiro gênero de conhecimento com eles? Talvez já soubessem por um imenso rio fluido que lhes cheiravam podre. Ocre. Não conseguiram mais do que passar algumas páginas adiante em função do deslocamento que lhes causara a leitura até ali. Não suportavam a ideia de que poderiam, como quem bifurca os caminhos miopemente vistos, para nenhuma direção, seguir. Os caminhos dão voltas e se afogam no lixão que tinham que conviver. Os olhos ardiam pelo forte odor que ali há. As moscas lhes pousavam na pele que, apesar de nova, já muito vivera e ressecada era. Continuaram com o texto sem saber como, sem saber ler..

As vezes algumas páginas e letras estavam tão borradas que não entendiam a frase, ou sequer, pelo estado da impressão e do papel, dava para ler: (...) as ideias começam a ser formuladas de outra perspectiva. Para além dos encontros. (...) que formular ideias, ter das coisas noções claras e distintas tinha a ver com o segundo gênero do conhecimento. Sabiam que, a partir do projeto que os colegas falavam – Afrobetizar – que uma coisa era apanhar por ser “neguim” e por aí repetir tal fato a vida toda. Outra, era saber-se negro tendo em vista sua história em relação a África, era saber Yorubá e conhecer códigos de laços que ajudavam eles, os negros em diversas regiões na África, a se manterem vivos ante a uma vida que em diferentes épocas, os tratam de maneira indiferente, como objetos, coisas.

Compreendiam que isso tinha a ver com alguma coisa no texto que dizia, em algum momento porvir, acerca de “noções comuns”. Imaginavam que era outra coisa, um pouco diferente. Mas pensavam: entre o nosso povo, o povo negro, era criado noções comuns, em que as possibilidades de conhecer algo era algo a todos. Era um conhecimento que se formava na parte e no todo e que a parte e o todo tinham tais conhecimentos. Ainda que a tal parte e o todo, no exemplo deles, se referissem ao povo negro. Isso para eles era também noções comuns. Mas vagueavam em possibilidades e cortes, entre a leitura do texto e a interpretação deles do que liam..deixavam de lado.

O sol rodeavam-lhes os rostos franzinos. Tinha bondade e ao mesmo tempo não. O sol matava assim como fazia dar o fruto desesperado. Secava a roupa no varal e dava

a sede que a cada um cabia. A boca rachada. Aumentava a sensação de não sabiam o quê em virtude do desânimo provocado. Não havia nada no lugar. Era essa a impressão. “a que distância está o sol? parece tão perto, logo ali”..disse o menino. “mais perto é a lua cheia. Me lembro agora que outro dia, tava parada na rua e ouvi alguém comentar pra outra pessoa de um filme chamado “melancolia”, nome estranho né? Parece nome de fruta podre – mas falavam que a lua ia chegando cada vez mais perto da Terra, até parecer imensa. Imagina!” respondia a menina..

Pareciam até que tinham lido o livro e conheciam um exemplo famoso do autor sobre o primeiro gênero do conhecimento. Mas nada mais cabiam-lhe como maneiras que tinham sentidos e significados. Percebiam apenas as coisas de maneira muito tranquilamente. Pereberam a tal ponto que a própria leitura era como o que lhes levava ao que eles liam. Não que as coisas se dessem apenas pela leitura. Era por demais óbvio para os dois que não. Mas a vida era por demais vivida que falar era pouco para o que eles tinham de experiências de vida. Ou, ao que achavam que tinham. Daí entendiam o que lá atrás não leram: a filosofia de Espinosa é uma filosofia prática, concreta, atrelada à vida.

“o modo de funcionar das coisas se dava para além do que os olhos viam, do que os sentidos captavam”. Falavam um para o outro num silêncio oportuno, estratégico entre os sons de tiros e o carro do gás que silenciara. Eram como que águias do sertão, só que na favela. Continuavam como que sabendo de tudo e já davam por fácil o que estava nas mãos. Até que, ao lerem que alguém ousou falar de “intensidades puras” foi para eles um choque que quase largaram o que lhes causava tanta alegria. Riam de graça, angústia do que lhes estava nas mãos. Mas também de desespero, de medo. Algo mais forte lhes foi tocado quando leram que (...) se no primeiro gênero, ou, na imaginação, nós temos ainda um conhecimento inadequado, confuso, das coisas e de nosso corpo, nosso conhecimento começa a se tornar mais seguro através da razão (...) mas como dizia mais tarde no porvir do texto que tinham em mãos: “chegar ao conhecimento do terceiro gênero, é um caminho que se percorre”..e lendo que tinham pulado o segundo gênero, voltaram atrás..

No segundo gênero, mesmo antes de ler, ainda lendo, o que tinham lido em instantes e o que estavam em vias de ler, compreendiam que ali, acessavam-na. Pois compreendiam o que era dito. Por motivos que lhes eram óbvios. E tinham conhecimento disso. “A mente tem a potência de pensar e de compreender

adequadamente, é através das noções comuns que temos um conhecimento adequado. Elas vão pouco a pouco se tornando universais, aplicando-se a vários modos”. As ideias acerca do que era para eles ser negra e negro lhes serviam como luva para experimentarem esses conhecimentos. Cada noção comum, na medida em que nos permite realizar bons encontros e compreender os afetos, lentamente nos leva a formar uma ideia de Deus.

Tendo em vista que as ideias inadequadas ocorriam na imaginação, no segundo gênero do conhecimento, a mente passa a determinar-se interiormente, ou seja, ela passa a organizar as suas afecções de acordo com o que compõe ou decompõe o seu corpo. Pensamento racional é o que Espinosa nos fala sobre esse modo do conhecimento. Saímos aqui do domínio das ideias vagas, ou das noções gerais, para o campo das noções comuns: “*é o conhecimento das relações que me compõe e das relações que compõe outras coisas*” (Deleuze, Curso sobre Spinoza, p. 245). Ou ainda:

Como conseguiremos formar ideias adequadas, se nos são necessariamente dadas tantas ideias inadequadas, que distraem nossa potência e nos separam daquilo que podemos?” (Deleuze, 2017, p. 102)

A questão da razão nesse gênero de conhecimento, trata-se, além de outras coisas, de organizar o conhecimento que afeta o corpo. Separar, entender, organizar o que antes lhe chegava como algo distinto, confuso. Não se trata de decantar com algo que seria talvez um motivo, que no primeiro gênero de conhecimento, nos colocaria como pessoas reféns, que sofreram uma ação ruim, por exemplo do mar. As ondas do mar me afogam. As ondas do mar me levam. Ah, o mar..tão belo e perigoso. Nada disso. No segundo gênero, me componho com as ondas, me relaciono com o mar de outra maneira, a partir dos movimentos que lhes são próprios, entro em relação, mergulho meu corpo, entendo como ele funciona e aproveitando-me de seu ritmo, bato os braços e as pernas, em cima de uma prancha, pego uma onda, surfo. Ou ainda, com o fogo que me queimava, faço uma fogueira, cozinho um caldo, faço um pão.

Compor com as coisas, entrar em relação, fazer de tal movimento alheio algo oportuno, pois ter ali onde antes era apenas percalço, uma noção comum, um conhecimento que agora passa a nos dizer respeito, entrar em relação, compor com algo. Aqui menino e menina tinham ideias acerca do que lhes era próximo, de experiências de vida. Sendo assim, fácil foi para eles ter uma ideia do segundo gênero de conhecimento. Nada mais burlesco que o desafio e o prazer de soltar pipas nas férias. O conhecimento

dos ventos, a relação que se entra e todo o feitio, digamos assim, do processo da pipa. A relação com o plástico e com as linhas. Os cortes, os modos de colar, os furos, a rabiola, a barbela, o aplumar, tudo isso lhes causavam até comoção e vontade de soltar pipas. Com os olhos vertidos de poeira, avançaram na leitura ainda que a cada encontro com as palavras, as coisas ficassem mais complicadas, o tempo passasse mais rápido.

Espinosa ensina que não se parte da ideia de Deus, mas se chega a ela conforme nossa potência aumenta. Não conhecemos Deus, mesmo sendo parte da substância divina e estarmos mergulhados nela. É um caminho a percorrer. O terceiro gênero agora ficava, de alguma maneira, mais próximo. Apesar da distância ainda a percorrer, pois, o que viria a ser aquilo de “intensidades puras”? Depois de um tempo, entendiam que se Deus é parte criadora e criatura, acessar o terceiro gênero do conhecimento, ou o conhecimento intuitivo, era acessar essa parte da natureza naturante em nós, ou seja, a parte criativa e criadora em nós.

Chegar a esse ponto era para eles algo ainda difícil, apesar de lerem esse trecho algumas vezes. Para que se vissem parte da potência divina, criadora do mundo, sendo o mundo e sofrendo as modificações em si mesmo, seus mistérios tinham que lhes ser mais óbvios. A criação poderia estar como que lançada em seus corpos e mentes. Entendiam que outras formas de ser, agir e pensar estavam brotando em vários lugares e que era esse o movimento que eles, talvez, queriam fazer, outras formas de viver, cansados das maneiras atuais de se pensar, queriam mais, entendiam que a razão estava como que caducando, pedindo esmolas à criação, para poder continuar seu trabalho de “organizadora” dos encontros que sofre o corpo. Mas não percebia-se, a própria razão, como concededora das relações e perdia-se nessa organização, pois não tinha conhecimento da criação íntima das coisas, tal qual o terceiro gênero tem, ou seja, outras maneiras de pensar podem e urgem ser criadas e vividas.

Criar outras maneiras de pensar. Tal qual no terreiro em que frequentavam. Morrera há poucos meses a mãe de santo que tanto amavam. Mãe Beata⁴⁶. “com um nome desses, podia ser até Iemanjá, ou mesmo Oxum ou Nanam”. Relembavam que cuidado ali se dava de maneira a criar outras formas de relações, que havia toda uma

⁴⁶ Beatriz Moreira Costa conhecida como Mãe Beata de Iemanjá (Cachoeira, 20 de janeiro de 1931 – Nova Iguaçu, 27 de maio de 2017) foi uma mãe-de-santo, escritora e artesã brasileira, que desenvolveu trabalhos relacionados à defesa e preservação do meio ambiente, aos direitos humanos, à educação, saúde, combate ao sexismo e ao racismo.

dinâmica própria do candomblé que ainda estavam aprendendo. Que cuidado lá era totalmente diferente do que era cuidado em outros lugares. Sabiam que não havia nada escrito. Era tudo aprendido pelo o que os mais velhos falavam. Gostavam disso, pois ao mesmo tempo, ouviam várias histórias. Tinham amparo quando menos esperavam, amparo vindo das histórias que lhes ensinavam a ser outras pessoas, outras maneiras de ser e pensar eram inventadas a partir do que viviam ali. Outros modos de vida, com o candomblé, eles inventavam. Ao menos tentavam.

... os dois deixaram o texto de lado. Foram cada um para suas casas e na rua, por mais que soubessem que ninguém se interessaria por aquele monte de papel amassado, esqueceram-no sob os ventos. As páginas lidas ficaram como que entregues aos céus, à lama e ao esgoto que por ali era a céu aberto, como uma fratura exposta, uma ferida na carne, não tinham o que fazer. As páginas seguintes, tinham os dizeres que eles talvez leriam a noite.

No entanto, já cada um em suas casas, o texto não saía de suas cabeças. Olhavam tudo que viam sob a perspectiva dos gêneros do conhecimento. Não falavam nada, apenas observavam e tinham percepções do que podia ser um ou outro modo de conhecer as coisas. Mas, como que translucidamente, conectados, menina e menino, tiveram um estalo, um choque e ficaram perplexos. Olharam para si próprios, deixaram de olhar os outros, e viram, cada qual ao seu modo, a maneira como viviam e reagiam, pensavam ou não e se, em algum momento, esse tal estado de criação, de conhecimento das coisas, se viveram ainda que lampejos sob a perspectiva do terceiro gênero de conhecimento. Mas algo ainda mais sutil e simples os conectara e os deixaram de olhos vidrados, perplexos: como é que se dá a passagem de um gênero de conhecimento a outro? Como é que saímos do primeiro para o segundo e do segundo para o terceiro? Qual um estado de graça, deveriam alcançar? Como se organiza os conhecimentos que chegam ao corpo? e como, com tais conhecimentos organizados, a partir de entrarem em relação com as coisas, de comporem, ou ainda, agenciarem, como criar?

Como sair do estado passivo de alegria para um estado ativo de alegrar-se? Depois de um tempo, dormiram com fome e por isso não conseguiam mais pensar em coisa alguma. A barriga era algo mais concreto que os faziam ir de um conhecimento a outro: da criação à alimentação, ao famoso ditado que “saco vazio não para em pé”. Os tempos passaram. Não mais agudos nem banhados em cortisol, cachaça. Para que

pensar a vida em gêneros de conhecimento? Em que aprenderiam com isso? Entendiam que para ousar, caberia compreender, compor com algo, criar.

O corpo, formado a partir das afecções que aumentam ou diminuem nossa capacidade de agir no mundo, a partir dos encontros que tem, aumenta ou diminui sua capacidade de ir de um gênero a outro. Tendo em vista que as afecções, a cada encontro, tratam-se, também, de um movimento de passagem a um grau de perfeição maior ou menor, assim cabe que, junto com esse grau de perfeição, aninhem-se e mafagafam, o que a mente no primeiro gênero não entende que são os movimentos, as velocidades, os estados do corpo, duro, mole, flexível, permitindo ou não que tal ou qual movimento passe, reverbere, componha ou ainda que tais movimentos quebrem os seus, imponham, reduzam. No entanto, não podemos logo nos afiliar ao que os codinomes logo esperam: não há partido, ideologia, tampouco Édipo ou algum estado ou estágio de transcendência aqui.

Tudo funciona a cada encontro. Tal qual, não há corpo melhor, se flexível, mole ou duro menos ainda movimento que atinja mais rápido ou melhor um grau de perfeição ou outro: ser mais rápido, mais lento ou inerte, apenas quer dizer isso. Tudo conjugar-se-á tendo em vista o que a cada encontro for mais ou menos pertinente.

Se um corpo se impõe a outro ou se um corpo se aproxima mais a outro, mau ou bom, cada um desses encontros podem se transfigurar tendo em vista o modo de composição de cada gênero de conhecimento. Sendo assim, um homem triste é o homem do primeiro gênero de conhecimento e ele na verdade, não sabendo escolher os encontros, ficará a mercê do que lhe ocorrer. Ficará ao acaso do que encontrar, que pode ser bom ou ser ruim. Pode então, confundir o que é mau com o que é bom. Pode, muito facilmente, desejar sua sujeição achando que se trata de um anarquista. O homem do primeiro gênero, confundindo tudo, pode muito bem, achar que, pede liberdade quando na verdade pede opressão.

No que diz respeito ao segundo gênero do conhecimento, as coisas começam a mudar quanto ao que lhes ocorre. Sabendo ou sendo mais atentas aos encontros, não se valerão de uma tristeza, de um mau encontro como se fosse um bom encontro. Procurando compor com as ideias e com os corpos que estão à volta, farão de cada encontro o que pode ser bom para um e para outro. Não apenas um bom encontro quanto a perspectiva individual. Isso não é compor relações, tampouco agenciar. O corpo no segundo gênero do conhecimento é um corpo que tem por dinâmica, não

apenas os encontros que lhes chegam, mas também as ideias que começam a ser formadas a partir destes encontros.

Se “o corpo é o objeto da mente humana” (Espinosa, 2002) as ideias dessas afecções que sofre o corpo, é o objeto da mente humana, ou seja, a mente tem como objeto as afecções do corpo, e são essas afecções que constituem a mente humana. No entanto, tais afecções não constituem o conhecimento do corpo enquanto tal. Elas dizem respeito tanto ao corpo que afeta quanto ao corpo afetado. Mas os afetos que daí provém, as ideias que surgem dessas afecções, diz respeito ao corpo que foi afetado, nada mais. Pois tais ideias são *deste* corpo, não do que o afeta. Amiúdentemente, tais ideias nos levam a dizer, então, que o corpo tem um conhecimento que dele não conhecemos, mas que, a partir do segundo gênero, ele deixa de ser um corpo que apenas fica a mercê dos encontros.

Aqui, o corpo, em relação com a mente, passa a entrar em contato com aquilo que pode lhe dar mais potência, pois ele passa a agir mais conectado. Conectado com o que? Tanto com a mente, mas também com os encontros. Entrar em relação, compor, diz respeito ao fato de que os encontros não se dão de maneira hierarquica, mas sim de maneira em que os ritmos, as densidades dos corpos e das ideias se conjungam para um outro que não é nem o primeiro nem o segundo corpo ou ideia. Uma nova vida, um novo encontro. Composição de corpos e mentes.

É quase inútil tendo em vista as proposições acima, mas aqui, no segundo gênero de conhecimento, nem o corpo nem a mente desejam sua sujeição. Pois, se se trata de um conhecimento no qual as são ideias adequadas, dizer que aqui alguém deseja a sua sujeição, é absurdo. Deveras. Desejar a sujeição não é uma ação de quem tem ideias adequadas e que se utiliza da razão para tal. Pode ser que se argumente que uma mente bem arquitetada, de maneira elaborada, deseje algo que lhe seja ruim, mas daí dizer que ela utiliza a razão, que ela utiliza o segundo gênero do conhecimento é demais. Pois para desejar ficar triste, não é algo nada racional. Racional, no sentido que utilizamos aqui, seria a busca por mais bons encontros, por mais perfeição, por mais alegria, não o contrário.

E o que dizer do terceiro gênero do conhecimento. É uma tarefa árdua dizer como que no nível das ideias adequadas, no nível das relações em que o conhecimento *parte da ideia adequada da essência formal de certos atributos de Deus para chegar ao conhecimento adequado da essência das coisas*,(Espinosa, *Ética*, p.82), difícil e até

complicado de começar a argumentar que, nesse gênero de conhecimento, alguém desejaria sua sujeição. Tal proposição é absurda por si mesma. Delicada e complexa.

Os corpos são perpassados por afecções, elas aumentam ou diminuem nossa capacidade de agir. Tem em suas composições densidades diferentes que podem ser boas ou não, a depender do que lhes for útil para compor.

No entanto, um outro ponto que nos intriga diz respeito à vida social, a vida em sociedade e o que isso tem a ver com essa teoria dos afetos e o que ela implica no que diz respeito ao fato de desejarmos nossa sujeição e, por outro lado, o que também ocorre, sermos, de alguma maneira, consideradas as devidas proporções e as responsabilidades de cada um em cada encontro, levados a isso.

Movimentos aberrantes⁴⁷

Um cronópio encontra uma flor solitária no meio dos campos.
Primeiro ele vai arrancá-la
mas ele acha que é uma crueldade inútil e ele se ajoelha ao seu lado e joga feliz com a flor, a saber:
acaricia as pétalas, sopra para dançar, zumbi como uma abelha, cheira a sua
perfume e, finalmente, deite-se debaixo da flor e adormeça envolto em uma grande paz.
A flor pensa: "É como uma flor" -
Julio Cortazar – Histórias de Cronópios, Famas e Esperanças

Um cocqtel molotov voou em direção aos céus. Não tinha um alvo pré-definido a não ser a multidão de policiais presentes no meio da praça. Gases lacrimogênio, bombas ditas de efeito moral por todos os lados deixavam o ar irrespirável do lado dos que insurgiam contra o poder do Estado, ou melhor, do neoliberalismo. A solidariedade se fazia presente em cada gesto daquele lado onde máscaras de pano, vinagres passavam de mão em mão, momentos entreabertos por sorrisos soltos, pedaços de pau, pedras, garrafas com gasolina e um pano com fogo na ponta pronto pra ser novamente atirado. Flores, tintas pequenas imagens de budas, incensos, tudo que se tinha se levava pras ruas. Enfim. Não basta dizer que estamos em 2013 em qualquer grande cidade do Brasil. Poderíamos dizer que fazíamos parte também daqueles que na Grécia, em 2008, iam para as ruas com o mesmo ardor e afinco. Ou ainda. Isso já é de tempos. Canudos,

⁴⁷ Referência ao livro de David Lapoujad “ Deleuze, Os Movimentos Aberrantes” lançado em 2015 que trata da obra de Gilles Deleuze.

Cabanadas, Revolta de Carrancas, Cabanagem, Araguaia, Cangaço, entre várias outras revoltas ou outras insurgências cotidianas e sem grande visibilidade, pequenas insurgências que não temos notícias. Estamos por todos os lados. Curioso fato que vez ou outra, por motivos de moradia, invasão de um exército, de um vendedor ambulante que se autoimola, faíscas que percorrem o mundo, alguns anos depois, estudantes ocupam as escolas no Brasil.

Isso, de alguma maneira, aponta para o fato de que uma insurreição é de alguma maneira um acontecimento. Alguma coisa acontece, não necessariamente tendo ligação direta com o que vem a acontecer, com a insurgência, mas que leva a todo um conjunto de pessoas a tomarem outra perspectiva, outra ideia, outra maneira de abordar o que até então era comum e aceitável. Uma insurgência é necessariamente contra o poder estabelecido que se impõe, contra o modo de vida opressivo.

No caso da ocupação dos secundaristas em 2016, a ideia do poder de decidir sobre o “como da educação” coloca todo o poder à mostra. A hierarquia, a disciplina, a escola, as regras de mando e obediência, o ensino, a educação, tudo cai por terra com as ocupações que se insurgiram daí.

Um coctel molotov poderia ser o simbolo de dada resistência. A vida tal qual a vivemos, as maneiras em que nos relacionamos, as transfigurações e as capturas de nossas potências de ação, o riso irônico e ao mesmo tempo multilado do Estado ou do capitalismo. De determinada maneira, sabemos ou ao menos temos um pouco de intuição – ainda que raramente – do quão em cada época as dificuldades estão sendo impostas a todo momento. Uma vida abjeta que nos impõe, delicados rouxinóis que anunciam o fim prematuro de um lindo sonho no entardecer. As amigas que se resgatam a mentiras, fofocas, ilusões, nossas maneiras de viver isoladas e isolantes, todo um individualismo que nos querem fazer crer natural, soberano, algoz que nos dá presentes a todo final de ano vestido de vermelho e branco. Gorda é a sua vontade de nos matar. Mas, mais ainda, de nos fazer matar ou de nos deixar morrer. Nos deixa morrer ao enalço do que o tédio e a angústia disseminam, contaminam nossos brotos de alegria nesse solo árido.

Desejar nossa sujeição pode ser sim uma questão ligada aos afetos. Ao modo como vivemos as nossas relações. No entanto, essas maneiras são produzidas. Produzidas por um individualismo exarcebado que, paradoxalmente, também nos desconecta de nós próprios. Além de nos ligarmos ao que é cada vez mais “individual”,

nos desconecta de nós à medida que também nos desconecta do outro. Uma via de mão dupla para esse paradoxo. Pois, ao acharmos que apenas o que é nosso, ou aos nossos, que é importante ou que deve ser tido em primeiro lugar, nos perdemos do outro, ao nos perdemos do outro, também nos perdemos de nós.

Nenhuma vida, seja ela humana ou não, vive só. A vida é coletiva por si só, pois tudo está em relação. Se nos desconectamos do outro, nos desconectamos de nós pelo que há de comum nessa experiência. Apesar de irem em outra direção, uma noção de “comum” é dada pelo Comitê Invisível: “aquilo de que ninguém pode se apropriar enquanto tal” (P. 245), “se podemos nos exprimir graças a ela, atraveés dela, ela é também o que ninguém pode possuir pessoalmente. Podemos apenas usá-la” (p. 246). Não dizemos aqui o uso de uma relação no sentido utilitarista, mas quando “usamos” uma relação, nos conectamos a nós, o individualismo já não existe mais, somos nós, e por aí vai, e não mais “eu” que existe.

Associado ao individualismo há um outro ponto que é o de como o controle e a gerência da vida são mantidas, organizadas para justamente garantir o controle, o individualismo, o “sujeito normal”, as práticas de normalização, impedindo qualquer fuga ao que é padrão e geral, estatístico.

O objeto da grande colheita de informações pessoais não é um rastreamento individualizado do conjunto da população. A insinuação na intimidade de cada um e de todos serve menos para produzir fichas individuais do que grandes bases estatísticas que ganham sentido pela quantidade. (...) não interessa o indivíduo presente e inteiro, mas apenas aquilo que permite dterminar suas linhas de fuga potenciais. (Comitê Invisível, p. 138, 2016)

Com isso se percebe com o que mais ou menos as forças insurgentes estão lidando em suas lutas. Com o que as manifestações, as revoltas, as ocupações estão lutando. vê como o Estado intutila direitos fundamentais o que muitas vezes pode nos prender. Em lugar de reivindicar “direitos básicos” o que tratam as insurgências é da criação de outros mundos, outras formas de vida, outras maneiras de viver e de se relacionar, não de depender do Estado e do neoliberalismo para que nos dêem o “mínimo”:

Eles inclusive estenderam a noção de comum à totalidade daquilo que o capitalismo produz, argumentando que isso emanava, em última instância, da cooperação produtiva entre os homens, que só teriam que se apropriar disso por via de uma insólita “democracia do comum”. Os eternos militantes, sempre com ideias rasas, se apressaram a seguir o exemplo. Agora

reivindicam “saúde, habitação, migração, assistência social, educação, condições de trabalho na indústria têxtil” como tantos outros “comuns” dos quais seria necessário se apropriar. (Comitê Invisível, p. 247, 2016).

(...)

Aqueles que ridicularizam o fracasso quase sistemático das intervenções de redução de pobreza do Banco Mundial (...) fariam bem em se informar sobre seus repetidos e sinceros sucessos naquilo que era o seu verdadeiro objetivo: prevenir a insurreição. Esse belo percurso ocorreu até 1994 (Comitê Invisível. P. 252, 253, 2016).

Tal perspectiva, indo na direção do que o Estado se apodera, do que o neoliberalismo produz e captura, se perde no que se poderia criar, inventar, se perde num lugar que, ao invés de produzir liberdade, pensamento, produz amarras, linhas duras que nos aprisionam à sobrevivência e miséria de vida, impedindo uma vida potente. Sendo assim, as formas de vida são sujeitadas a opressões cada vez mais descaradas e facistas, cada vez mais sufocantes como essas maneiras de governo – da vida – que são baseadas no controle das possibilidades de ações, de possíveis, de virtuais. Predpol é exemplo de um software policial que faz todo esse rastreamento das possibilidades de assaltos em determinadas áreas e as polícias dos Estados Unidos o adotaram como parte de seu equipamento. Não se é preso pelo crime que cometeu, mas porque *possivelmente* o cometerá.

Pensar a vida a partir desses controles é interessante para problematizar que tipo de vida vivemos, em que medida nossas potências tem se conectado com o que aumenta nossa capacidade de agir. Caso o contrário, ora, não se trata de uma questão individual, de uma “questão de análise”, mas como viver “uma vida não facista?”⁴⁸. Se “governar nunca foi outra coisa senão negar ao povo qualquer capacidade política, ou seja, senão prevenir a insurreição” (Comitê Invisível, 2016, p. 193), que tipo de luta podemos querer, pois iremos tomar o poder? O que fazer com esse monstro que é o Estado? Com o capitalismo?

No entanto, temos que tomar cuidado para não cair numa dicotomização entre luta e vida. Não se trata de lutar e depois criar uma nova vida. Mas sim, de criar uma nova vida enquanto se luta. É desta imanência, deste aqui agora que se perde o sentido em muitos momentos. Não se trata de deixar vazio um terreno que se ganhou pós uma luta. Mas sim de ocupá-lo de pessoas, gestos, atos, afetos, máquinas, práticas, amores,

⁴⁸ Título do prefácio, escrito por Foucault, da edição norte-americana do “ O Anti-Édipo”.

intensidades, circunstâncias, autonomias, diferenças, Banir as exigências de uma vida que nos impõem, de uma vida suficientemente imposta, impregnada, sufocada de vida – não pelo excesso, mas nesse caso pela falta – não quer dizer que uma nova vida, uma vida insurgente tenha que banir o conflito dela. Aliás, não há vida sem conflito. Nesse caso, entraríamos numa negação da própria insurgência, ou seja, minaríamos o movimento logo em seu estado de nascimento, criação.

Tais insurgências nos trazem diversas questões. Uma das quais já levantamos em alguns pontos acima. Por outro lado, nossa questão nesses movimentos, é nesse caso, com as experimentações. Não só no caso dos secundaristas, mas em diversas outras insurgências, em diversas outras manifestações, revoltas, ainda que não tenhamos notícias ou percamos seus pontos de inflexão contra o neoliberalismo ou contra o Estado, muita coisa essas insurreições nos ensinam. Pode ficar repetitivo, pois em boa parte já dissemos acima, mas entendemos ser válido repetir por vários motivos.

Toda a lógica da hierarquia que infantiliza quem a ela se submete – não importa em qual lugar se esteja – toda lógica de poder, da disciplina, do controle dos corpos, a lógica do mando e obediência, da vigilância panóptica ou da gestão da vida, dos possíveis, da virtualidade dos gestos, do assujeitamento, do ajustamento, da norma, da normatização, essa lógica que segmentariza um campo de invenção, de criação, que esquadrinha e impõe limites ao que é ilimitado – à vida – essa lógica do Uno ou do múltiplo. Essas perspectivas de vida que governos, economistas têm adotado em formas de planos econômicos, planos de gestão, de governo, de políticas públicas, de estratégias para combater a fome, para deixar a vida um pouco mais respirável, no sentido de fazermos crer num único tipo de vida que é possível, qual seja, ora, a vida que vivemos. A vida que vivemos sob as insígnias que estão apontadas acima. Seja no contexto que for. A vida que, por si só, é precária, uma vida escassa, sem perspectivas de melhoras nos diversos aspectos, inclusive afetivo, pois já não se pode confiar no que ocorre na rua depois das 20h. Nos perguntamos se isso é algum conceito relativo à vida? Algo que está sob um sombrio e nefasto horizonte cinza.

Todas essas lutas dos movimentos sociais, que, no nosso caso brasileiro, saíram em 2013 levantando suas bandeiras, deixando o poder confuso, pois “o que estão atacando? O que reivindicam? O que querem? Quem devemos contraatacar?” todos os movimentos, LGBT, lutas pela terra, movimentos feministas, movimentos negros, donas de casa, isso para citar alguns, trazem para nossas linhas outros apontamentos

diferentes dos que querem nos fazer acreditar sobre as perspectivas de vida. não são, porém irreais, para se que viva algo assim, exige confiança, entrega, esforço contínuo, inclusive nesses momentos em que os conflitos surgirem. Mas como dissemos antes, se o conflito não fizer parte da dinâmica da convivência cotidiana dos insurgentes, algo está completamente errado. “Quem tem relações de merda, só pode desenvolver uma política de merda” (p. 198).

Viver a imanência da luta e dessas novas formas de vida é um dos desafios. Novas formas de vida, baseando-se também em uma nova linguagem. Da transversalidade ao invés da disciplinarização, da troca ao invés da compra e venda e da mais valia, da “obsolescência programada”. Da autonomia sem ser baseada nessas lógicas de mando e obediência. Do rizoma, do espaço liso, do devir, dos fluxos, da multiplicidade, do aumento de nossas potências, do que aumenta nossa capacidade de agir, ou seja, de uma vida em que ao mesmo tempo que se vive, se contrói se luta, de conexões de corpos, mentes, peles, sexualidades, afetos, afecções e experimentações.

Essas experimentações que fazem surgir outras formas de viver, que acontecem novos corpos proliferam e revigoram nossas formas de viver. Cabe dizer que experiência é diferente de experimentação. Não importa se uma experiência se diz individual, coletiva ou mesmo de aspecto social. Tanto uma quanto outra podem se dar em diversos contextos: macro ou micro. O que ocorre, é o que se passa. Na experiência, digamos, nada se passa a não ser algo no sentido técnico, digamos assim, algo no sentido de uma transformação, de uma mudança que não pode ocorrer, nada disso é provocado. Não que provocar uma experimentação seja intencional. Ela *acontece*. Uma transformação, uma passagem, uma quebra, uma dinâmica outra ocorre, um antes e um depois se percebe nitidamente.

Na experiência, digamos, buscando alguns termos do positivismo, ela se dá de maneira controlada, busca-se causalidade, explica-se os seus efeitos, suas formas. Seus antecedentes são “presos” em artigos, capas de jornais; enfim, para uma hipótese busca-se premissas e do resultado tem-se variantes generalizáveis. Na experimentação os desdobramentos são outros. Ocorre que, se se busca explicar uma experimentação com o aparato linguístico que se tinha antes, estamos antes de tudo, matando a experimentação. Trazes sob a luz de uma linguagem antiga o novo, é matá-la. Há que se inventar uma outra linguagem. O próprio fato de explicar já é matar um acontecimento. Explicar algo novo, é deixá-lo sob as grades de “prisões, manicômios e conventos”. Em

uma experimentação, sendo um acontecimento, há uma ruptura tal que não há mais retorno.

Um novo estado de forças, novas relações se impõem. Uma nova perspectiva de mundo se faz presente – ainda que de maneira micropolítica, mas ainda sim, sempre envolvendo um coletivo, daí que questionamos o que dissemos logo acima da possibilidade de uma experimentação ser individual. Ela arrasta o que experimenta e outros para lugares que não se esperam. Esses outros são todo o conjunto e tecido social o qual se tem como mais “próximo”. Nesse sentido, uma experimentação transborda as barreiras do “eu”. Se um estado de um “antes e um depois” se instala na experimentação, não há mais como utilizar um repertório antigo de linguagem para falar sobre ela.

Uma experimentação se coloca a todo momento em jogo quando se trata de um sentido de luta. Na verdade, podemos dizer que as experimentações, quando o são, quando são a expressão de um acontecimento, trazem em si, esse sentido da luta. Uma experimentação é um devir que se faz, que se vive em ato. É um estado de coisas que se transforma, que traz questionamentos das mais diversas ordens e também em que o corpo é colocado a risca, à prova das lutas, digamos assim. Só fazemos parte de uma luta, quando lutamos do lado de quem já está nas linhas de frente, nos confrontos diretos.

Sim. Há que se pensar a potência para além do sentido ofensivo. Mas “fazer parte de nossa gente”, como disseram os secundaristas a Peter Pál Pelbart, quando em “um evento sobre insurgência” eles se negaram a participar, a fazer sua apresentação como estava programado, pois disseram a ele que “na hora em que a polícia estava nas escolas, ninguém que estava ali no evento estava lá coim eles eles” ora, “mas são todos solidários à causa”, tenta argumentar o filósofo, mas os secundaristas respondem – “sim, mas não são nossa gente”⁴⁹. Para ser um insurgente, há que insurgir. Ou – como fazer parte das lutas ou de uma luta, senão lutando? O resto são apenas discussões teóricas. Para tanto, para uma insurreição, uma experimentação não morrer na fase de motim, para que ela seja um devir revolucionário, para transformarmos com radicalidade, com a força que um acontecimento evoca, para mudarmos nossas maneiras

⁴⁹ Trechos do vídeo com Peter Pal Pelbart em Belo Horizonte, sobre o lançamento, pela editora N-1, do livro “Crise e Insurreição”. Disponível em:

https://www.youtube.com/results?search_query=crise+e+insurrei%C3%A7%C3%A3o

de vida e de viver, há que se amarrar, fazer andar junto as “três dimensões da potência: espírito, força, e riqueza. A condição de seu crescimento é manter as três juntas” (Comitê Invisível p. 284)

Ficar retido no plano ofensivo é ficar, por fim, sem ideias sagazes e tornar insípida a abundância de meios. Deixar de se mover teoricamente é ter a certeza de que se será pego desprevenido pelos movimentos do capital e de que se perderá a capacidade de pensar a vida em nossos locais. Renunciar à construção de mundos através de nossas mãos é se condenar a uma existência expectral (Comitê Invisível, p. 284, 285, 2016).

Acontecimentos

Quando os cronopios cantam suas músicas favoritas, ficam entusiasmados de tal maneira que com muitas vezes são atropelados por caminhões e ciclistas, eles atravessam a janela, e eles perdem o que eles carregavam em seus bolsos e até a contagem de dias. (...)

Júlio Cortazar, *Historias de Cronópios, Famas e Esperanças*

Um acontecimento aguarda seu tempo para acontecer. Não que ele espere algumas ordens. Mas ele de alguma maneira aguarda. No entanto, ele acontece, simplesmente. Ele pode ter a ver com uma insurgência, ou pode ter a ver com uma guerra. Um acontecimento espreita tudo, os ínfimos espaços. As diabrezas cotidianas das pessoas e de um e de outro e os eventos coletivos. Não é nem um, nem outro. É impessoal, pré-individual ao mesmo tempo que é pessoal. Não é que ele se acumula. Mas ele observa nossos tempos. Nesse ponto em que chegamos queremos dizer desse instante que tudo muda, desse momento em que as coisas já não são mais como antes. Um corte se faz e mais do que passado e futuro as coisas se distinguem em já passado ainda futuro. E há o presente.

Deleuze em *Lógica do Sentido* (1974) diz que os Estóicos distinguiam duas espécies de coisas. Duas coisas que se distinguem por suas características, mas que andam juntas. Uma delas são os corpos e os “estados de coisas”, (Deleuze, 1974, p. 5) correspondentes com todas as suas qualidades físicas, com suas ações e passividades, com seu tempo. O tempo dos corpos, o único tempo, é o presente. O tempo é coisa importante para os Estóicos, inclusive no que diz respeito ao acontecimento. Nesse caso, o presente seria como um conjunto que envolvesse tudo. “na medida da unidade

dos corpos entre si (...) um presente cósmico envolve o universo inteiro: só os corpos existem no espaço e só o presente no tempo” (Deleuze, 1974, p. 5).

Os corpos, em suas relações, não se conectam por causa e efeito. Mas entre si “são causas uns com relação aos outros, para os outros”. (Deleuze p. 5). Os corpos se conectam entre si em relações de causas, apenas. Mas os *efeitos* dessas relação são *incorporais*. “*Não se pode dizer que existiam, mas antes, que subsistem ou insistem, tendo este mínimo de ser que convém ao que não é uma coisa, entidade não existente*” (Deleuze, 1974 p. 5).

Aqui o tempo se divide em outro. Se antes, para os corpos o presente era o único tempo possível, para os incorporais, há que se ter outro tempo, e esse tempo é o já passado e ainda futuro, se esquivando do presente. A questão se trata de ter o presente como um tempo e um passado-futuro sendo outro tempo que divide ao infinito o presente. Entre aquilo que acabou de passar e o que está em vias de acontecer.

Aqui os Estóicos trazem outra questão para nós. A de um ser que seria “profundo e real”, mas também um ser que é efeito dos acontecimentos, “o plano dos fatos que instituem uma multiplicidade infinita de seres incorporais” (Deleuze, 1974, p. 6)

Desses dois seres, do corporal e do incorporal, há também uma perspectiva de “relação”. Pois os corpos são no fundo misturas, “um penetra no outro e coexiste ele em todas as suas partes, como a gota de vinho no mar ou o fogo no ferro” (Deleuze, 1974, p. 6), mas também essas misturas não são infinitas e de tal maneiras impossíveis de reverter: “um corpo se retira de outro como o líquido de um vaso” (Deleuze, 1974, p. 6). O que estava na profundidade do ser, sobe à superfície e é agora “a pura idealidade. (...) o ilimitado torna a subir (...) toda idealidade destituída de sua eficácia causal e espiritual”. (Deleuze, 1974, p. 8).

Em um primeiro sentido, só podemos apreender tudo que um acontecimento tem de transformação, de mudança quando o afirmamos. Daí, uma primeira distinção se faz necessária: quando falamos de acontecimentos não falamos de acontecimentos banais da vida cotidiana. Falamos, como dissemos acima de um ato que sendo o que é, provoca toda uma mudança, todo um “antes” e um “depois”. Uma outra coisa é que não basta um acontecimento para o afirmarmos. Temos que querer algo *no* que acontece. Não exatamente o que acontece. “É nesse sentido que o *Amor fati* não faz senão um com o combate dos homens livres” (Deleuze, 1974, p. 152).

A importância de um acontecimento é que ele se desdobra em dois tempos. Se o tempo presente é o tempo das coisas em que elas são nomeadas – um eu, um lugar, um fato: Cronos – o tempo do acontecimento é o que está em via de passar e o que acabou de acontecer.. O acontecimento importa pela dimensão da diferença que ele implica e por trazer isso a tona no sentido de nos fazer dar outra perspectiva a esse algo *no* que *acontece*. Ter um olhar para a diferença e para o novo que ela é, é de fundamental importância na medida se quisermos inventar e criar outras formas de viver. O tempo aqui é de outra natureza: Aion.

É de um “ainda futuro e já passado (...) É nesse sentido que há um paradoxo do comediante: ele permanece no instante, para desempenhar alguma coisa que não pára de se adiantar e de atrasar, de esperar e de relembrar (...) O papel está na mesma relação com o ator que o futuro e o passado com o presente instantâneo que lhes corresponde sobre a linha do Aion. O ator efetua pois o acontecimento ...(Deleuze, 1974, p. 153).

No acontecimento nos deparamos com um corte no sentido de uma quebra. O acontecimento separa um “antes” de um “depois”. Algo já não se pode dizer que é mais a mesma coisa. Daí que cabe muito seriamente dizer acerca dos simulacros que “fazem valer seus efeitos na superfície, o mais encoberto se tornou o mais manifesto” (Deleuze, 1974, p. 8) ou “o mais profundo é a pele” (Deleuze, 1974. P. 11).

Dizer que “o mais profundo é a pele” é dizer tanto que “profundo deixou de ser um elogio” (Deleuze, 1974, p. 10), que não se tem sujeitos, uma individualidade ou subjetividade, um “eu”, mas processos de subjetivação, instantes que marcam uma vida, acontecimentos que arrastam para as bordas, para o que é relativo a uma latitude, com seus devires, para bem longe desses espaços ditos profundos.”, Também tem a ver com o fato de que toda discussão platônica que se fazia no sentido de uma profundidade e de negar ou afastar a ideia de simulacro, de diferença. Ou ainda, de colocar as Ideias numa hierarquia superior às coisas. A ideia de acontecimento quebra essa perspectiva e traz que os simulacros, aos se misturarem no fundo, tendo os corpos misturados, o que era mais profundo de um ser, eles manifestam e desempenham seu papel. O acontecimento é sempre esse tempo que assume a ambiguidade do ato. Se Cronos é, ou seja, ele se instala em algum momento em uma ação, um sujeito, Aion, acabou de ser e ainda será.

Os Estóicos descobriram os efeitos de superfície. O paradoxo aparece como destituição da profundidade, exibição dos acontecimentos na superfície, desdobramento da linguagem ao longo deste limite” (Deleuze, 1974, p. 8).

(...)

O devir-ilimitado torna-se o próprio acontecimento, ideal, incorporeal, com todas as reviravoltas que lhe são próprias, do futuro e do passado, do ativo e do passivo, da causa e do efeito (..)é sempre os dois ao mesmo tempo, eternamente o que acaba de passar e o que vai se passar, mas nunca o que se passa. (...) o ativo e o passivo: pois o acontecimento, sendo impassível, troca-os tanto melhor quanto não é nem um nem outro, mas seu resultado comum (cortar-ser cortado) (...) não sendo nunca nada mais do que efeitos, podem tanto melhor uns com os outros entrar em funções de quase-causas ou de relações de quase-causalidade sempre reversíveis (a ferida e a cicatriz) (Deleuze, p. 9, 1974)

Ética

. O “trocadilo” fez uma tal maneira que quanto menos as pessoas tem, mais eles menosprezam, mais eles jogam fora. Quanto menos eles tem. Eu, Estamira, sou a visão de cada um. Ninguém pode ver sem mim.

Ninguém pode ver sem Estamira. Eu sinto orgulho e tristeza por isso. Porque eles, os astros negativos, ofensivo, suja os espaço e quermem, quermem e suja tudo. A criação toda é abstrata; os espaços inteiro é abstrato, a água é abstrato, o fogo é abstrato. Tudo é abstrato. Estamira também é abstrato

Trecho do Filme “Estamira”

É dessa perspectiva que a temática da Ética nos aparece. É por falar em um novo tempo, de um passado-futuro ilimitado que transborda o presente que encerra suas possibilidades no que Cronos tem a oferecer, na profundidade desse tempo. No em que as dinâmicas se fazem diferentes. A ética trata exatamente disso que se dá como incorporeal, como efeito de uma dinâmica em que as relações se conjugam a partir das misturas na exterioridade. Concebendo-se que os incorporais fazem parte da substância, sendo assim, opõem-se ao dito ou à crença de que os incorporais não existem, os simulacros, com toda sua subsistência ou insistência, podem ter efeitos imensos no plano das coisas, no plano dos corporais. A ética dos acontecimentos é uma ética dos devires, é uma ética que cria nesse tempo que abre o presente em passado-futuro, nos dá novas possibilidades e formas de viver. De viver justamente o que tem nos roubado: uma vida dos encontros, das potências, dos afetos alegres, dos agenciamentos. O tempo desses encontros, dessas potências, certamente é o tempo do

acontecimento, é o Aion. O tempo das coisas estabelecidas é o Cronos, em que as coisas simplesmente são.

No entanto, trataremos a temática da ética com certa brevidade nesse ponto. Pecado para quem ler, um recado para quem espera. Mudamos um pouco o rumo da escrita e resolvemos tratar desse tema em outro trabalho, no doutorado, por exemplo.

A temática da ética é por si só delicada e complexa, linda e é também o que dá *sustância* para o caldo desta discussão acerca da experimentação como criação. Nossa direção para esta discussão é a leitura de Deleuze acerca da *Ética em Espinosa*. Nosso guia de leitura foi o livro “Espinosa, Filosofia prática, 2002”.

Uma primeira diferença abordada por muitos autores com Nietzsche, Deleuze, Espinosa é a diferença entre moral e ética. Ficaremos apenas com os dois últimos autores. Porém, em “Espinosa, Filosofia Prática” Deleuze afirma que é mesmo por conta de teses acerca da *Ética em Espinosa*, tais como: “uma tripla denúncia da “consciência”, dos “valores” e das “paixões tristes”, que tais teses apresentam uma “grande semelhança com Nietzsche” (Deleuze, 2002, p. 23)

No que diz respeito à “desvalorização da consciência em proveito do pensamento” (Deleuze, 2002, p. 23) o corpo é trazido como questionamento da consciência, pois “não sabemos o que pode um corpo” (Deleuze, 2002, p. 23), tampouco “nem sequer sabemos do que é capaz um corpo” (Deleuze, 2002, p. 24). Por um lado, coloca a questão da importância do corpo enquanto meio de conhecimento, fala de nosso desconhecimento acerca do corpo e, por outro lado, esse desconhecimento e questionamento do que pode um corpo tem a ver com suas potências. Quais as potências do corpo? O que podemos fazer com nossos corpos? Quais potências podem atravessá-lo e como ele pode combater os afetos tristes?

Por outro lado, essas teses tem a ver com o paralelismo de Espinosa que coloca o corpo ao lado do pensamento. Da consciência, Espinosa diz que dela somente recolhemos os efeitos, que, então, não sabemos das causas dos afetos por meio da consciência, sendo ela uma instância que nos engana, que nos leva ao erro e que muito facilmente pode nos conduzir a assumir valores morais que rebaixam as potências da vida.

O paralelismo diz que tanto o que é ação na alma é ação no corpo. Que, da mesma maneira, se o corpo padece, a alma também padece.

A significação prática do paralelismo aparece na inversão do princípio tradicional em que se fundava a Moral como empreendimento de dominação das paixões pela consciência: quando o corpo agia, a alma padecia, dizia-se, e a alma não atuava sem que o corpo padecesse por sua vez (regra de relação inversa, cf. Descartes, *Tratado das paixões*, artigos 1 e 2) (Deleuze, 2002, p. 24)

O corpo é um desconhecido por nós. É um abismo que habitamos e não conhecemos. Da mesma maneira o pensamento ultrapassa a consciência que temos dele. Deleuze traz que é por meio de um movimento duplo, que o paralelismo entre mente e corpo, que pode fazer com que cheguemos a um conhecimento do corpo, ao mesmo tempo para descobrir as potências do espírito, que superam e muito a consciência, “para compará-los” (Deleuze, 2002, p. 24).

Se a mente é um lugar de ilusão, pois recolhe apenas os efeitos do que nos ocorre, no entanto, desconhecemos o que é nosso corpo sob sua própria relação ou o nosso pensamento sob sua própria relação, nós não sabemos. Sabemos apenas dos efeitos. Os efeitos são o resultado do que, o nosso corpo sente ao compor suas relações no encontro com outro corpo, ou seja, alegria, ou quando decompõe suas relações no encontro com outro corpo, quem diria, tristeza. O mesmo se dá com nosso pensamento quando encontra outro e com ele compõe ou decompõe, alegria e tristeza. Como apenas recolhemos esses efeitos, como nossa consciência apenas sabe disso, mas não conhece o que ocorre como ocorre, as causas, as regras das composições ou decomposições. Nesse sentido, Espinosa utiliza o termo de que para tal fato – o da consciência recolher apenas os efeitos – leva-nos a ter ideias falsas, a formular falsos problemas, ter ideias mutiladas entendendo ser distinto os efeitos das causas.

Não basta dizer que a consciência gera ilusões: ela é inseparável da tripla ilusão que a constitui, a ilusão da finalidade, ilusão da liberdade, ilusão teológica. A consciência é apenas um sonho de olhos abertos (Deleuze, 2002, p. 26)

A partir destes pontos de vista, Deleuze afirma que a consciência é informativa, mas ainda sim, informações confusas e mutiladas. Diz também que o apetite nada mais é do que “o esforço pelo qual cada coisa enconraja-se por perseverar no seu ser” (Deleuze, 2002, p. 27) e que essa perseverança tem a ver com as afecções que nos vêm dos objetos, ou seja, das afecções de tristeza ou alegria, sendo a mente como a

passagem, como o “sentimento de passagem dessas totalidades menos poderosas às mais poderosas e inversamente” (Deleuze, 2002, p. 27).

Sob esse aspecto, o do levantamento de falsos problemas por meio da consciência, o corpo se faz muito importante para também sabemos de nossas potências em relação ao espírito, e assim formular verdadeiros problemas, ter ideias.

Interessante o ocorre no que diz respeito à desvalorização de todos os valores, ou seja, aqui a questão da moral, do bem e do mal, desses contrários transcendentais que estão ligados a todo um conjunto de práticas de comportamento que regula nossa maneira de viver, o que é certo e o que é errado e, conseqüentemente, nossas potências, as criações de novas maneiras e viver ou ainda, da maneira como lidamos com a diferença. Se os caminhos aqui estão esquadrihados, segmentados, não nos resta muitas opções para criar. Nesse sentido, a vida não passa de uma mera repetição de modos de vida, condutas, etiquetas, etc, etc.

Deleuze, seguindo o pensamento de Espinosa, nos diz que não há o bem e o mal, mas o bom e o mau. Um primeiro sentido é “objetivo, mas relativo e parcial: o que convém à nossa natureza e o que não convém” (Deleuze, 2002, p. 29) Há também um sentido subjetivo, de acordo com Deleuze, acerca do bom e do mau. O bom aqui é aquele homem que se esforça tanto quanto pode para fazer bons encontros, para compor suas relações a partir do que aumenta sua potência de agir – o livre, o forte. O mau é o escravo, o fraco, o insensato, o que não sabe compor suas relações para aumentar sua potência, vivendo sob os encontros que geram tristeza, conseqüentemente terá ideias mutiladas, formulará falsos problemas, viverá na ilusão: é o ressentido.

Como evitar que nos destruamos a nós mesmos, à força de culpabilidade, e destruamos os outros à força de ressentimento, propagando por toda parte a nossa própria impotência e a nossa própria escravidão, a nossa própria doença, as nossas próprias indigestões, as nossas toxinas e venenos? Acabaremos por não mais encontrar sequer a nós mesmos (Deleuze, 2002, p. 29).

Essa citação é especialmente forte, pois nos faz questionar nossos atos em nosso cotidiano, problematizar nossa micropolítica, nossos afetos, amores, amizades, a relação que temos conosco, pois de fato, se somos o que comemos, somos, tal como demonstra muito bem a citação acima, o que vibramos, somos nossos afetos e dependendo do caso, corremos o sério risco de sermos algo canceroso, destrutivo, seco, que propaga de

maneira desenfreada, ainda que intermitente, um modo de vida que devemos questionar até que ponto podemos chamar de vida.

E não precisamos ir muito longe para vermos que essa sujeição a esses afetos, ao poder que oprime os outros e nos oprime, pois nos submete ao imperativo que silencia, silencia pessoas, grupos e coletivos, histórias, afetos alegres. Querendo ou não, é sob esse pano de fundo, ou melhor, sob essa lógica descarada e escancarada que muito do que se chama vida hoje em dia se dá, acontece, caminha. É a isso que nos convocam. Daí que a “ilusão dos valores se confunde com a ilusão da consciência (...) basta não compreender para moralizar” (Deleuze, 2002, p. 29)

Como último dos pontos, está a desvalorização de todas as paixões tristes – em proveito da alegria. Espinosa traz como que três personagens na *Ética* para falar das paixões tristes:

o homem das paixões tristes; o homem que explora essas paixões tristes; o homem que se entristece com a condição humana e as paixões do homem em geral: o escravo, o tirano e o padre. (Deleuze, 2002, p. 31)

(...)

O grande segredo do regime monárquico e seu profundo interesse consistem em enganar os homens, dissimulado, sob o nome de religião, o temor ao qual se quer acorrentá-los; de forma que eles combatem por sua servidão com se fosse por sua salvação (Deleuze, 2002, p. 31).

Para que o corpo decomponha na sua relação o nosso, ou para que outro pensamento na relação com o nosso, decomponha-o, é necessário que eles tenham outros ritmos, outras composições, é necessário que um atue sob o outro – corpo ou pensamento – no sentido da força. É por meio de uma imposição, sutil que seja, que uma potência, seja do corpo ou do pensamento, decomponha a nossa ou vice versa. É nesse sentido que o tirano precisa da tristeza das almas para triunfar. Ora, uma alma triste não tem forças. Da mesma maneira, os escravos, os de almas fracas precisam dos tiranos para poder se propagar.

Qual afeto tem pela vida o homem ressentido senão o ódio à vida. Ódio à vida tem seu significado tanto literalmente quanto no sentido do que implica a vida, ou seja, criação, invenção, diferença. O homem ressentido não apenas quer o antigo, o mesmo, o velho, como também quer o que é de mais destrutivo, fechado, o que mais mata a vida, ou seja, não apenas a repetição, como também a inércia. Todos esses valores, a

impotência, o ressentimento, o ódio à vida, nos aborta da vida. Citando Espinosa, mais especificamente os livros III e IV, 47, esc da *Ética*, Deleuze (2002) nos diz:

Espinosa segue passo a passo o terrível encadeamento das paixões tristes: em primeiro lugar a tristeza em si, a seguir o ódio, a aversão, a zombaria, o temor, o desespero, o *morsus conscientiae*, a piedade, a indignação, a inveja, a humildade, o arrependimento, a abjeção, a vergonha, o pesar, a cólera, a vingança, a crueldade... A sua análise é tão profunda que consegue encontrar, até na *esperança* e na *segurança*, o grão de tristeza que basta para fazer delas sentimentos de escravos (Deleuze, 2002, p 32).

Deleuze nos diz que seja no que diz respeito aos homens ou aos animais, concerne à ética considerar apenas suas potências, ou seja, seu poder de ser afetado. Pois todo indivíduo “é uma essência singular, isto é, um grau de potência (...) e esse grau de potência corresponde certo poder de ser afetado” (Deleuze, 2002, p.33) ” Tal singularidade consiste em afetar e ser afetado. Essas afecções são diferenciadas em ações e paixões. À medida que podemos nos preencher por afecções ativas, nosso poder de ser afetado implica uma capacidade para a ação. E ao contrário, padecemos à medida em que somos preenchidos por paixões. De um lado, agimos, somos agentes e isso implica nossa singularidade, ou seja, somos um grau de potência. De outro lado, sofremos uma ação, uma ação que não esperávamos, somos preenchidos por paixões. Nosso poder de afetar e ser afetado é quase que invariável, no entanto, a potência para agir e padecer variam conforme cada encontro.

No que diz respeito às paixões é necessário uma distinção: podemos sofrer uma ação que componha com a nossa potência ou uma ação que decomponha com nossas relações. Em um caso teremos uma paixão alegre e no outro caso teremos uma paixão triste. No caso das paixões alegres, nossa potência de agir é ampliada, no caso das paixões tristes nossa potência de agir diminui. Nesse sentido

As paixões tristes representam o grau mais baixo de nossa potência: o momento em que estamos mais separados de nossa potência de agir, altamente alienados, entregues aos fantasmas da supertição e às mistificações do tirano. A *Ética* é necessariamente uma ética da alegria: somente a alegria é válida, só a alegria permanece e nos aproxima da ação e da beatitude da ação. (...) Este é o triplice problema prático da *Ética*: Como alcançar um máximo de paixões alegres (quando o nosso lugar na Natureza parece condenar-nos aos maus encontros e às tristezas)? Como conseguir formar ideias adequadas, de onde emergem precisamente os sentimentos ativos (quando nossa condição natural parece condenar-nos a ter de nosso corpo, de nosso espírito e das outras coisas apenas ideias inadequadas)? Com chegar a ser consciente

de si mesmo, de Deus e das coisas (...) (quando a nossa consciência parece ser inseparável de ilusões)? (Deleuze, 2002, p. 34)

A singularidade que implica o poder de ser afetado, na medida em que se supõe preenchido por afecções ativas apresenta-se então como potência para agir.

Abaixo temos um acontecimento que abarca esse trecho teórico. Deixamos esse trecho pelo seu valor não de exemplo, mas de potência, não de explicar uma teoria, mas pelo seu grau de afecção – ao menos no momento em que ocorreu – ou seja, afirmamos essa parte do texto pela sua força, menos que pelo exemplo ilustrativo, demonstrando que um exemplo cabe na teoria., mas também nossa discussão acerca da experimentação e da vontade de sujeição. E que, em boa medida, se não nos atentarmos, somos levados à paixões tristes, ao ressentimento e, muito facilmente, podemos desejar nossa sujeição.

Outro dia, mais especificamente, dia 07.11.2017 na Universidade Federal Fluminense, bloco N, em uma sala que não me lembro qual, do quarto andar, houve um encontro aberto, mas que basicamente estavam presentes alunos do curso de graduação e pós graduação de psicologia e alguns professores do curso citado para falar sobre Paulo Freire. A proposta do debate se dava em chamar uma pessoa convidada para falar da temática ao passo que as pessoas poderiam também, recebendo a palavra, trazer suas indagações, falas, problematizações. A pessoa convidada a falar da temática proposta foi Cecília Coimbra.

No dia, cheguei bem tarde no encontro, pois houve umas mudanças institucionais no local em que trabalho e tive que ficar até mais tarde sem poder sair mais cedo como havia me planejado. Ao chegar, as pessoas discutiam sobre alguns temas levantados na conversa até que uma das professoras traz uma questão muito séria. Disse que alguns professores do Instituto de Psicologia da UFF relatam que “alguns alunos não tem capacidade de irem para o estágio de clínica, que não estão preparados ainda e que, portanto, devem fazer o estágio de escolar”. Tal fala, de acordo com a professora, traz uma série de questões, de desvalorizações, de pontos delicados e importantíssimos de se colocar em debate o quanto antes. Ouvindo isso, ela disse que levaria para a reunião de departamento, mas que logo foi silenciada pelos colegas “calma aí, vamos resolver entre nós primeiro”; “olha, não é bem isso que ele quis dizer”; “não, isso não existe aqui”; “é assim mesmo”. A professora argumenta dizendo “como assim? Isso é assim? Nada é assim? Não existe isso?”. Ao que ela disse que

levaria então esse assunto para uma instância superior ao departamento, ao que responderam “lá também você será silenciada, pois lá também pensam assim”.

As questões relativas aos “privilégios” à importância, ao lugar que ainda ocupa a clínica como saber, como prática maior – ou talvez único mérito – dentro da psicologia, desvalorizando outras áreas, colocando como menos ou com nenhuma importância a área de escolar, bem como a professora, pois, tal qual a sua linha de pesquisa de “segunda categoria”. Tais falas dizem muito acerca de como o discurso dos vencedores e dos vencidos se repete aqui. De como isso de que a clínica é o lugar em que se fará “psicologia” e que o resto se faz qualquer coisa, menos psicologia, da pseudo despolitização, de uma psicologia que é feita, cada vez mais, para atender aos objetivos tanto do mercado quanto dos anseios mais tenros do neoliberalismo, individualizando questões sociais, mais amplas, mais complexas, trazendo ainda hoje, uma disputa de poder e de lugar que fragmenta o conhecimento e as possibilidades de ação, binarizando, dualizando, esquadrinhando e segmentando os campos de ação, fazendo da formação em psicologia algo tão pobre no que diz respeito às potências do curso e do que se tem de discussão nesse sentido, que parece mentira o que escutamos.

Afora as análises que podemos fazer, a fala continuou com a professora que relatou tal caso dizendo que tem dia que ela vai para casa chorando, chorando sem saber o que fazer. Cecília que, com sua respiração ofegante, parecia respirar junto com a Terra, junto com as pedras, com o mar e as árvores, disse que é exatamente isso que o poder e a tristeza quer, que choremos, inclusive que choremos sozinhos. Tais ações, nos separa dos encontros, dos agenciamentos, transforma nossas potências em tristeza, transforma nossa potência de agir em paixões tristes, nos dá e nos mostra o pior de cada um e nos faz acreditar que somos isso e que é isso que nos resta: “tem dia que vou para casa chorando”. Tal fala convoca a comoção e nos faz pensar nos efeitos dos poderes que são instituídos na instituição da universidade e o quão é importante fazer encontros, bons encontros, agenciamentos, criar indignações, ficar indignado, mas não ressentido, “da a ver nossa cólera não quer dizer abandonar nossa alegria”⁵⁰.

⁵⁰ Trecho do vídeo com Peter Pal Pelbart em Belo Horizonte, sobre o lançamento, pela editora N-1, do livro “Crise e Insurreição”. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=crise+e+insurrei%C3%A7%C3%A3o

Continuando sua fala, Cecília disse que “agora só choro de alegria, daí choro como uma filha da puta!”. Tal fala nos traz a alegria da vida, a potência ante as forças reativas e ressentidas que querem fazer aparecer em nós “o padre, o tirano e o escravo”. Temos aqui, nesse exemplo os três tiranos dos quais nos fala Espinosa: o homem das paixões tristes; o homem que explora essas paixões tristes; o homem que se entristece com a condição humana; (Deleuze, 2002, p. 31)

As experimentações como um modo de vida ético

O Padre Bartolomeu parte para Holanda na esperança de conseguir éter para que a passarola possa voar. Sete Luas(Blimunda) e Sete Sóis (Baltazar) vão para Mafra e instalam-se em casa dos pais deste. João Francisco Sete-Sóis e Maria Marta.
O Memorial do Convento – José Saramago

A partir de tais pontos, nossas problematizações ganham o contorno sobre si. É como na costura. Tal frase faz todo sentido agora ao ato de costurar. Só se costura e se faz nós fortes quando ao ter passado a linha sobre o espaço desejado uma vez, se faz uma espécie de laço, voltando a linha sobre o próprio ponto feito, criando na linha uma espécie de laço, de modo a passar a agulha por dentro e ao atravessar o tecido com a agulha e puxar, o nó e a costura se fazem num só movimento.

Aqui estamos. Fazendo a curva e já passando a agulha por dentro dessa volta, desse tipo de gargalo que se cria com a linha, para reforçar o ponto, para dar firmeza e como num gesto imperceptível, tudo continuar num ritmo que não se sabe qual.

Problematizar a vida e as maneiras de se viver tendo em vista o corpo e as experimentações, nos trazem diversas questões. Experimentar é colocar-se numa corda bamba, é fazer da vida uma constante insegurança, não é não ter em qual lugar pisar, mas é saber que se pisa em uma linha móvel, elástica, flexível, que aguenta muito facilmente teu peso, mas também pode lhe jogar no chão com a mesma tranquilidade. Não se trata de dizer a linha da experimentação é boa ou má. Há que se observar o que ela permitiu, quais tipos de encontros, que tipos de ideias, quais corpos que agenciamentos surgiram dos encontros que ali ocorreram.

Pensar a vida tendo em vista outros parâmetros, outras maneiras de viver, móveis, dinâmicas, seguindo o fluxo da vida, o curso dos rios, as destrezas dos ventos

as labaredas das chamas sabendo que a terra se é uma terra firme é uma terra feito barro, é uma terra feito argila, que pode até ser sólida, mas que toma a forma do corpo que a ocupa ou que pode vir a tomar a forma que o corpo desejar, seja tendo as mãos modelando-na, seja no encontro e fricção entre corpos. Pensar a vida como um equilibrista de copos em um bar. Quem colocará o próximo? Qual a ética da prudência nesses momentos? Mais ainda, que desestabilizações provocam, que novas formas de vida suscitam ante a angústia do estabelecido?

Experimentar é trazer à tona toda uma série de simulacros à superfície e ver o que provocam. Experimentar é trazer para o corpo a lógica dos acontecimentos, parafraseando Deleuze: “é, antes de tudo, não querer a experimentação, mas querer algo *na* experimentação, *no* que se experimenta”. A ética das experimentações é certamente uma ética da alegria, é uma ética em que se experimenta “para só chorar de alegria, chorar como uma filha da puta!”, apenas. É invariavelmente uma ética dos bons encontros. Experimentar não tem a ver com acúmulo, mas a ética aqui é a do uso, do roubo e do descarte. Eu descarto o que não me presta, eu roubo o que me interessa, o que está próximo ou em outro terreno, mais distante para então usar o que eu quero, o que me convém, o que aumenta minha alegria. Aqui podemos nos questionar, tal qual Blyenbergh questionou Espinosa: mas então, “como distinguir o vício da virtude, o crime do ato justo?” ou ainda: “cometer crimes, matar os outros ou até mesmo se matar, não é próprio de algumas essências?” (Deleuze, 2002 p. 41, 42).

Se aumentar minha alegria pode significar diminuir a alegria, a potência de outras pessoas, nesse caso a ética dos bons encontros prevalece. Os atos em si não são bons nem maus. Contudo, o que dirá se meu ato é bom ou mau é a imagem que está a ele associado, enquanto uma coisa se compõe com ele, ou, ao contrário enquanto decomposto por ele. Nesse caso, Espinosa fala de uma ética em que as relações estão lidando com as composições referentes ao corpo ou pensamento em si, mas também às relações deste corpo ou pensamento com outras relações.

No que diz respeito à segunda pergunta, Espinosa responde que se fizesse parte da essência não seria crime, mas virtude. “Pertencer à essência significa uma realidade, uma perfeição que exprime uma potência ou poder de ser afetado” (Deleuze, 2002, p. 45). Da mesma maneira, não pode faltar a um aquilo que ele não tem, o que falta a um é justamente o que ele deixou de ter. Nesse caso, uma potência. Não se é mais perfeito por ter ficado cego, mas justamente o contrário. Deixa de ser perfeito, de ter um bom

encontro, à medida que na existência coisas deixam de fazer parte de nossas vidas, não porque elas já não estavam ou estavam lá a algum tempo. “Uma essência não pode ter outro estado que o seu, e muito menos ser outra essência” (Deleuze, 2002, p. 45) E se há algo de mau, é uma passagem da afecção maior para uma menor, é a tristeza, é essa passagem, como diminuição da potência de agir ou de ser afetado, que não se manifesta menos no desespero do infeliz quanto nos ódios do malvado. É nesse sentido que “o mau não é nada”.

A ética da experimentação é uma ética que proporciona intensificar nossas relações, é uma ética que nos coloca em outras dimensões temporais as quais já nos é enfadonha. É uma ética do pensamento: que intensificando faz aparecer simulacros com intensidades tais que soam como uma violência às nossas capacidades perceptivas e de raciocínio. Não se experimenta por que se quer, mas porque se é forçado, arrastado aos devires loucos, aos encontros que se dão nas superfícies, encontros. Uma experimentação pode levar a um bom encontro, a uma ideia adequada, como também pode nos levar a maus encontros, a ter ideias mutiladas, confusas e a desejar nossa sujeição. É um risco experimentar, que muitas vezes pode custar a vida. Pode custar o emprego, mas sempre vai custar caro, ainda que o objeto da experimentação seja o de um bom encontro, do aumento da potência e da alegria.

Convém, porém, dizer que nesse caso, o corpo, com sua potência de agir aumentada, esse corpo mais alegre, ele certamente tenderá a ter mais ou a buscar mais bons encontros. Um corpo que em suas dinâmicas de relações, se colocará de outra maneira ante às sujeições que são impostas por um tipo de vida vil. Combater esses afetos tristes, buscar agenciamentos, encontros que aumentem ainda mais sua potência de agir, esse é o corpo dos homens livres.

A transvaloração dos valores, do bem e do mal, dos afetos tristes, da importância do corpo e do pensamento em detrimento da consciência é por tais vias que o presente começa a fissurar em passado-futuro, em ainda agora e logo mais, é para esses instantes que as experimentações podem nos levar a viver essa ética do aumento de nossas potências de agir no mundo: agir em favor da vida, contra as tristezas, contra a moral, contra a consciência, agir, experimentações como um dispositivo que mantém a vida em jogo, não um jogo da morte, mas um jogo da diferença, do que, nos faz olhar para o

inferno e ver o que nele não é inferno e a manter, a cuidar, preservar e proliferar o que não é inferno⁵¹.

Uma ética da experimentação é uma ética do dançarino dionisíaco. Desejar a sujeição é algo que nos ensinam, pois querem roubar de nós nossa potência de vida, nossas alegrias. Seja em função da tristeza e dos afetos que nos levam diante desses fatos, ah! esses homens tristes! Mas seja também ou como efeito do fato anterior, para que, roubando nossas potências, possam utilizá-las para outros fins, igualmente tristes. Criando um poço sem fundo, um círculo vicioso para essas tristezas. Se a ética da alegria e dos bons encontros parece ser difícil em detrimento dos maus encontros, basta termos atenção, basta prudência, mas também às vezes esquecer a prudência para não se tornar prudente excessivamente.

Se o caminho, conforme já demonstrei, que conduz a isso parece muito árduo, ele pode, entretanto, ser encontrado. E deve ser certamente árduo aquilo que tão raramente se encontra. Pois se a salvação estivesse à disposição e pudesse ser encontrada sem maior esforço, como explicar que ela seja negligenciada por quase todos? Mas tudo o que é precioso é tão difícil como raro (Espinosa, livro V, 2009, p. 238).

Acerca da liberdade

Preso à minha classe e a algumas roupas, vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias, espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me?
A Flor e a Náusea – Carlos Drummond de A

Por outro lado, apesar de todas essas dificuldades no que diz respeito à maneira que vivemos os afetos e a relação com os outros gêneros do conhecimento, Espinosa trás também algumas possibilidades no que diz respeito ao caminho da liberdade. Inicialmente, tal caminho se liga ao fato do uso da razão como forma de equilibrar os afetos. Se a servidão humana se dá devido à maneira como vivemos os afetos, por outro, a liberdade está conectada ao uso da razão, ao modo como nossos afetos, à medida que

⁵¹ Referência à última frase de “Cidades Invisíveis” de Ítalo Calvino: “ O inferno dos vivos não é algo que erá; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: procurar e reconhecer que e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço”.

os temos, são conectados ao conhecimento. Pois o conhecimento *é o mais potente dos afetos*. Sendo assim, a mente pode formar um conhecimento claro e distinto do que afeta o corpo de maneira que pela potência de pensar, possamos conhecer os afetos. Assim, as possibilidades de sermos governados pelos afetos e vivermos no mundo da ilusão reduzem cada vez mais.

Podemos também, para controlar o governo de nossas vidas pelos afetos, reinterpretar as nossas paixões. Se as paixões são os encontros tristes, mas também o que sofremos, quando não somos os agentes, um afeto de um corpo não diz respeito àquele corpo em si, mas sim à relação que temos com aquele corpo naquele momento. Uma tentativa é dar um viés que tem a razão como guia no que diz respeito aos afetos que temos. Sob a perspectiva espinosista, podemos dizer que não se ama alguém ou algo, mas sim uma relação, uma composição. Conhecer um afeto, dar ele essa direção do conhecimento é não deixar que ele governe nossas vidas, sendo assim, é ter sobre ele domínio do que ser dominado.

Indo um pouco adiante, quando não estamos tomados por afetos que nos são contrários, a mente se esforça mais deliberadamente para compreender. Sendo um afeto de alegria mais forte do que um de tristeza, ou seja, o conhecimento das ideias adequadas sobrepõe-se ao conhecimento das ideias inadequadas, ou ainda, as noções comuns, conhecimento que temos destas, tende a sobrepôr o conhecimento confuso das ideias que temos dos afetos. Quanto mais alegria experimentamos, mais ela tende a se perdurar, de maneira que essa ordenação do conhecimento dos afetos pela mente é outra possibilidade que nos ajuda a sair da servidão dos afetos e nos leva ao caminho da liberdade.

Um outro aspecto diz respeito à multiplicidade dos afetos que podem afetar nossos corpos ou que podemos afetar os corpos. Um corpo padece à medida que ele tem reduzidos ou poucos afetos. *Pois se a mente é a ideia de um corpo que temos dele (Espinosa)* um corpo que é afetado de muitas maneiras é capaz de pensar de muitas maneiras. Os afetos podem nos conduzir a vida de maneira ingovernável. No entanto, se os conectarmos à mente podemos fazer dos afetos um guia no sentido de nos levar também a ter outros pensamentos. Quanto mais pensarmos, mais agiremos e quanto mais agirmos, mais pensaremos. Nesse sentido, uma outra possibilidade de nos direcionarmos à liberdade humana é a de sermos afetados de muitas maneiras.

De maneira geral, uma outra possibilidade que temos para nos direcionarmos para a liberdade é a de tentar reduzir os maus encontros, moderar os afetos para agirmos da maneira correta.

Por meio desse poder de ordenar e concatenar corretamente as afecções do corpo, podemos fazer com que não sejamos facilmente afetados por maus afetos” – Espinosa, Ética V, prop 10, esc

Se somos levados à servidão pelos afetos, também podemos e temos a possibilidade de controlá-los, dominá-los, dar uma direção e conhecer o que nos afeta. Só assim, segundo Espinosa, usando a razão mais como aliada do que como uma instância julgadora, em que os afetos ganham direção e ao mesmo tempo em que nos precavemos dos afetos tristes. Nossas relações com os outros corpos em determinados momentos nos levam a ter diferentes afetos, nossa tarefa no caminho da liberdade é a de formar ideias claras e distintas, reinterpretar os afetos, concatenar para que não sejamos levados pela servidão dos afetos, nos dispor a ter vários encontros para sermos afetados de diferentes maneiras e também agir com prudência em relação aos afetos, com moderação no que diz respeito aos nossos afetos, para sabermos nos direcionar a partir do pensamento quando formos afetados por maus encontros.

Artefatos

Talvez fosse por causa disso que eles estivessem lá, porque era um lugar onde alguns alunos escrevessem coisas por gracejo. Fosse como fosse, era esquisito o que Athy havia dito e a maneira po que o dissera. Não podia ter sido uma brincadeira, visto que depois haviam fugido.
J. Joyce – Retrato do artista quando jovem.

uma cena: com pouco mais de sete anos de idade, tinha acabado de chegar da aula, ônibus escolar, músicas e todo um mundo a se abrir naquele lugar estranho e convidativo, com pouco tempo um amigo me chama em casa, convida, quase convocando, não sabendo se por medo ou por necessidade, surpresa, espanto, eufórico, impaciente, comovido sem saber dizer, para ver alguém que o trem tinha atropelado, que tinha tido um acidente numa linha de trem (num desses que leva minério, e que na época não sabia nem o que era isso direito, de Minas para Vitória)⁵² ... Ó.. o que dizer

⁵² À época era a privatizada e extinta Rede Ferroviária Federal S.A.(RFFSA) e agora Ferrovia Centro Atlântica (FCA)

deste corpo? sem saber o que significava...quem se depara com essas situações, com esses desencantos, de um *viciado* qualquer? – e quem nunca foi ou é em algo? – que teve seus últimos momentos de fissura, seus últimos grãos de condolência pela humanidade, que brincava perdido e só, abarrotado, arrotando-se, em gotas de felicidade e alegria narcísicas, vendidas a troco de várias vidas, em troco de todo um estigma, uma marca, *recordações da pedra dos mortos*?⁵³ Ou dos mais *honoráveis homens russos*⁵⁴, *brasileiros*?

Quem já partiu algo no meio sabe do que falo. Seja o que for.. apenas com o acréscimo de ter os desalinhos das tripas, fígados, pulmões cortados e esparramados pelo chão.. o sangue que gritara mudo, a mão não se via, a cor rubra com poeira e tempo que se misturara à roupa velha que ninguém mais usará, que não valerá mais o proprio uso .. seu rosto tinha um olhar de quem vira o último horizonte e pôr do sol, eram por volta das 18:00 hrs, seus olhos, espantados de amor próprio e num armistício sol divino, não teve momentos ou seriam apenas alguns instantes que lhe sobraram, para o desespero do trem que apitava, enquanto perdido sem como frear, abanava a cabeça o maquinista, poxa.. logo ele.. homem direito.. de família com pouco capital..filhos e um sonho a dilatar entre os olhos.. ter que conviver com tal historia.. e agora, o que contará à mulher sobre o motivo do atraso..ela que não o virá por tanto tempo.. e às suas filhas.. com que sonhos dormirão elas, ao lado da cama as imagens.. como será visto pelos colegas e familiares.. João.. ou seria Antônio? Aquele que matou sem motivo..sem ter como e por puro desencontro do acaso (apesar de que, dizem por ai, que acasos não existem..).. um homem drogado e só numa linha de trem.. trem desses que se fala em Minas.. ainda que possa ser qualquer coisa, uma faca, um carro, uma lua, uma árvore, um sentimento, uma sensação..mas esse era um trem de verdade..homicídio culposo – dizem por ai – ... oh,.. maquinista.. suas tardes ensolaradas não serão mais as mesmas

⁵³ Parafraseio aqui o livro titulo do livro biográfico de Fiódor Mikhailovitch Dostoiévsk: “Recordação da casa dos mortos” de 1862.

⁵⁴ Tal frase está no livro citado na nota acima. Momento no qual ao se deparar com as pessoas que estavam na prisão da Sibéria, Dostoievsky, percebe quem eram os que aos quais ele estava junto. Dostoiévski foi detido e preso em 23 de abril de 1849 por participar de um grupo intelectual revolucionário chamado Círculo Petrashevski, sob acusação de conspirar contra o Nicolau I da Rússia. Antes da ordem para o fuzilamento, chegou uma ordem do Czar para que a pena fosse comutada para prisão com trabalhos forçados e exílio na Sibéria.

“da Bahia a Minas, estrada natural..”⁵⁵ .. nem as curvas das montanhas.. a cada metro seu coração gela, mesmo sem ter noção..ó corpo.. ó medo.. ó desalinho.. haveria uma pedra capaz de parar tal trem? – tinha ilusões o maquinista em seu último desespero antes do fatídico fato – não se sabe nunca.. tampouco protesto .. ainda mais naqueles tempos recém findados, de gente de ainda pouco falar, silencioso fazer, de gente que não sabia se via ou se furavam os próprios olhos.. .. tu tem medo de trem? Ou da morte que o medo há de lhe implantar? Há muito mito sobre o corpo: o corpo do feto, do bebê, da criança, do adolescente, do adulto, do idoso – por essas bandas insiste o corpo em chegar – e o corpo do morto?.. sim.. o morto tem um corpo, senão não seria nem vivo nem morto..

mais cenas: acidentes na porta de casa. Carros que se enfiavam em outros carros, em muros, que se enfiavam em si mesmos, que não se enfiavam em nada. que caíam na grande vala do progresso: o novo rio arrudas, trazidos por outro símbolo do progresso: o próprio carro. Acidentes habituais. Habitualizados. Habitantes habitantes. Acidentes e tapas: o que é a vida? quando se faz de um tronco de bananeira um corpo humano e faz-se piada disso, da pra imaginar como está a situação para aqueles que convivem com tais fatos, (os troncos de árvores eram tampados com panos e outras pessoas fingiam chorar enquanto um ônibus com curiosos levantavam-se olhando para um lado apenas do ônibus, o falso parente chorando pelo falso corpo em frente ao verdadeiro carro batido no muro a contragosto que recebia as pancadas diárias). Até então muitos de nós só com piada muito sem graça davam conta de algo aterrador – corpos estilhaçados entre ferrugens, pessoas sangrando diariamente – campos de guerra? – desconhecidos chorando em nossos ombros e ainda soluçando depois de lhe

⁵⁵ Canção de composta por Fernando Brant e Milton Nascimento chamada “Ponta de areia”

Ponta de areia ponto final
Da Bahia-Minas estrada natural
Que ligava Minas ao porto ao mar
Caminho de ferro mandaram arrancar
Velho maquinista com seu boné

Lembra do povo alegre que vinha cortejar
Maria fumaça não canta mais
Para moças flores janelas e quintais
Na praça vazia um grito um oi
Casas esquecidas viúvas nos portais

darmos copos de água com açúcar, desmaios vários.. tapas nas cara da vida, mas também ouvidos nos burburinhos da vida íntima. Tapas escancarados aos dissabores do “eu te amo mulher. Eu te amo filhos. Eu te amo irmãos. Eu te amo..”. Tapas, murros, vassouradas, socos, cusparadas, medos, gritos, carrosséis armistícios.

Vende-se jornal, “olha o Estado.. aê o Estadoo..” dias de domingo pela manhã e aventuras nas ruas dos bairros para vender notícias que pouco importava, tudo para ter o dinheiro próprio e fazer dele o que quisesse.. a primeira vez que fui à praia foi por um ato “irresponsável de um irmão” que me trouxe ao RJ com apenas seis anos de vida sem ter como me deixar em casa, pois em suas palavras, ele perderia o ônibus.. camelô (ou seria um camelo? tipo um daqueles nietzschianos..) viajando com o irmão mais novo ..sem que os pais soubessem.. sem nada planejado ou pensado.. tudo em nome de um soco na boca dado.. a criança batera em um adulto por um ato de posse.. por ver-se “roubado” o amor que lhe deram em poucos instantes. Um amor que não sabia mais os brilhos nos lábios, um amor que não soubera se fumava ou em que língua por vezes falava.. era de algum tormento as vozes que saíam de bocas que, noturnadas, falavam já às expensas daquilo que do sol cega.. eram palavras inebriadas de cerveja e batons amarfanhados, borrados pelo copo, pelas palavras, pelos sons..

RJ. Cidade grande. Movimento contínuo e frenético de carros a todo instante. cidade que há pouco jazia calma, se faz inconstante em seu ir e serpentear. O progresso por ali chegara antes. Sinais de decadência pelo centro da cidade misturados com sinais do que fora lhe ensinado, pela distância, o que é luxo ..bancos, banqueiros e bancários e um irmão camelô. Parar na porta de um banco, vender alhos, grelhas para churrascos, ninguém comprar, chorar e ter todo o dinheiro do mundo nas mãos. Fazer o que se quer com ele. Pegar um ônibus e ir pra praia logo à tarde. Andar deveras. Não saber a hora de chegar e perguntar sobre o ponto de chegada o tempo todo. “ter que pagar para ir à praia” combinados a parte e ver o dinheiro que acabara de ganhar, perder-se como grãos de areia ao vento.. mas tudo muito em breve esquecido..a imensidão do oceano..o parto mal de quem se engasga.. corpos que jaziam e se entregavam.. perder o único documento que havia – uma carteira de club – e molhar a única roupa que se tinha – e mais a noite, jogar fliperama. Noite. Hora de dormir.. por algum motivo, “crianças não podiam ficar naquele andar”.. espere ali por algum tempo e já volto.. dormir na rua à luz do poste.. dormir sentado no passeio. Nessa história não se sabe quem é o camelo, que

suporta o peso da moral, o leão que urra e transforma tudo, transfigura os valores estabelecidos e a criança, que com sua inocência transvalora os valores estabelecidos com leveza e graça.

Pular o muro de algumas casas para que se possa roubar o jornal. Revendê-lo a quem se o roubou e dar o dinheiro do “primeiro” jornal vendido ao dono da banca. Ficar com o dinheiro do “segundo” jornal vendido. Perder os jornais indo em um território de uma outra banca de revistas. Perde-se os jornais, fica-se com os dividendos. Tentar vender jornal para os pais. Fazer circular qualquer notícia. Jogar fliperama a tarde toda comprar revistas em quadrinhos para os momentos de solidão.

Máquinas por todos os lados. Máquinas de vários tipos. Máquinas e maquinações. Tudo em nome da paz.

Intempestivo nome de que? Novamente um trabalho de artes. Novamente artes, novamente trabalho, sobrevoada e alinhada falcatura de si.. espinhas no rosto que nunca mais.. manchas por toda a parte.. bolhas por todo o corpo e toda uma série de matizes antropomórficas. Amigos, fliperama, a primeira noção de vício sentida, as capturas amplamente arraigadas, o roubo, o desnordeio, o sustento do vício com o que? As incessantes brigas e vontade de alguma coisa. Quatro irmãos ao todo. Uma irmã de idade próxima e três irmãos bem mais velhos.

Um, já dito camelô, e outros dois da polícia, um do canil e outro do rotam. Pai falecido, finais de ano quartel com brinquedos do parque municipal. O único que em sua existência fazia sentido até então. O único que existia. Brindes. Estranhava-se modos de vida que comprazem ao regulamentar. Não por ser do contra ou por ser rebelde. Mas por lhe aparecer de forma tão natural, tão homogênea, tão compacta. Não entendia os próprios atos. arte f-atos explosivos da vida.

Pequenos roubos e um corpo que se joga para salvar o amigo que é roubado. Um corpo que não “pensa”? um corpo que desanda. Dos atos insensatos da irmã tentando rebelar-se contra o que?, pensava – contra as opressões desde criança.. jogar-se e apanhar do irmão, brigar, com os irmãos, aos poucos, se defrontando, esfacelando a certeza da briga perdida aos gestos de uma luta em família, medo: colocar-se contra os iguais. Estratégia sórdida. Fazer-se vigilante e atordoado ante aos próximos. Medo: a própria sombra é um teu inimigo mortal.

Esta parte do texto (Mi nombre es Carol) e a seguinte (Mi nombre es Sixto Daniel Monzon) são fatos do meu cotidiano com duas pessoas com as quais morei em

um apartamento em Belo Horizonte. Tal período foi por cerca de dois anos, entre 2013 - 2015. Associao aqui tais fatos e viagens – digamos que “*a la Auteres, vagaba das antigas*” – a conceitos não tão explícitos normalmente. Uma conjugação textual de um conto como tentativa de trazer e problematizar acerca da experimentação, do nosso desejo pela nossa sujeição e dos efeitos que podem advir desses processos no nosso cotidiano. Então temos aqui uma experimentação no texto, na escrita, mas também experimentações, e esse é o motivo pelo qual escrevo, que foram na verdade permeadas no meu cotidiano.

Mi nombre es Carol

De repente, ela deu uma gargalhada. Estávamos sentados num banco, diante das crianças que brincavam, junto ao lugar onde paravam as carruagens e o público descia na alameda contigua à entrada do cassino.
F.M.Dostoievski. – O jogador

Hola, mi nombre es Carol, vivo em BH, pero antes morava em Lagoa da Prata, MG. Mi madre es deste lugar y mi padre no se el nombre tampoco la cara.. Trabajo todo el dia em la GPS car, tengo dos hijos y un fin de semana. Mis hijos latten e tienen pelos, rabos, mi abuelita es del Japon, e ahora mis hijitos estan con mi abuelita en outro sitio. tengo esta cara de chino, pero soy dieciendente de japoneses. Me quedo casi todo dia 1:30h em lo transito, para ir y venir de mi casa a trabajo e etc e tal. Como si no pudiera yo tengo que cosinar o comer podritos en las calles prateleras, carniceria caulquier em pó o liquido. Camino e no tengo priessa, apesar de estar atrasada, mis ojos estan cansados, cansados de no saben o que. Miran sin mirar el horizonte e sombraceiran las auroras de mi rouxinol..

crie corvo que te comen los ojos! ⁵⁶

en los mitos urbanos de la vida, no mi vi en terra alguna. En mi trabajo todos piensan q es algo fácil, pero hay dias que es una pandera so. Soy telefonista e atendo llamadas de contas, atrasos, algunos pequenos errores, cosas triviales, pero tambien

⁵⁶ Provérbio espanhol

algunas veces hay asaltos, robos, persecuciones, tiros, freadas bruscas, y yo, del outro lado, cambio de balas, monaretas que se exploden, mujeres tendo tus hijos en las estradas, abandono de carros, todo es ao vivo. O es tao descriptivamente vomitado pelos clientes ou por tus miradas abismadas que llegan por médio de las fibras opticas e fotos de los registros que vão cambiando conforme o humor de cada uno que altera y que nada mas cambia la conviccion viva de mi piel que estoy alli viviendo tudo.

Por veces los clientes me abburecien, pero como voy a trabajar borracho, los grito em dobro e mostro quien es que manda nessa pandega. A bien decir, mi trabajo es totalmente dependiente de los assaltantes e criminosos, sin elles, sin la rede de lo crime organizado no hay GPS Car, no hay seguros, o que proteger, bancos, policia, no hay medo, personas medrosas, noticiários abarratodados de sangue, suenos medrosos, atos medrosos, todo almejada e desfarçadamente con nombre de la coragem. Es todo en funcion del lo miedo. siempre haverá miedo quando houver Estado? siempre? No hay um Estado que no seja ya por su propia definicion por asi decir, corrompido, funcionando desde pronto vampiro de nuestra fuerza criativa, peso de la moral encarnado de y en las instituciones, atrocidade con las potencias de la vda – el super-hombre fue convertido en uno niilista, quien sabe uno pastor, o psicoanalista – reduciendo la fuerza vital de uno individualmente, una tessitura fina sobre los corpos, una disciplina, uma etiqueta da familia burguesa a contraponto ao comer con las manos en la idade media, al que llaman poder disciplinar, conjura nuestra potencia, individual e colectiva, hace vivir, pero robando, normalizando, criando padrões, inibindo formas de viver que no estajan de acuerdo con la moral de lo Estado – que esta abierto às influencias ao capitalismo – seja docilmente ou a fuerza, maquinado, controlado, como parece que vemos um dejavu de nuestra historia brasileira. Ó latina America.

filigramas de la vida en fragancias de controle por códigos, números, toda una higiene corporal, de la vida, de la saúde, de la estética, arrogante e sutil, uno modo de viver pronto, dado, ..ah.. regulamentacion de la vida, miedo e aquellos que silenciosamente se matan, que justifican – arruma-se todo para cualquier cosa – la muerte de algunos. E no médio de tanto tiroteio en las llamadas, escucho que algunos mueren. Escucho por veces los gritos, los ódios cusparados en lo cadáver del bandido, otras veces algunos agonizantes dicen para abraçarte los hijos, la compañeira, los

amigos, los sueños no vividos e la gloria de una vida bella..siempre son los mismos que mienten la cara, hacien una fita, suicidas, locos en desespero, uno en cada viente, marginal aladx, siempre son los niegros que mueren,

pues se há cosas que son indiciveis, inviveis, otras son silenciosamente hechas, visivelmente taxadas, banalizadas, impregnadas, y se vai a gritar le tapan la boca, dos tapinhas en lo costado e uno tiro en la nuca. Individual e populacionamente: racismo de Estado⁵⁷: el lo que no aprendemos en las escuelas, que vemos banalizados em los programas de rádios e jornales, etc e tal, piadas, risos, ecos de um miedo que es lo miedo de la muerte de si e de tus iguales – que és como lo mismo como es contigo. GPS Car, seguros..tu carro fueste salvo, rastreamo-lo, llamamo la policia, e despues – no tiveran otra opcion – mataran mais uno hoy. Lo seguro cobrirá todo. buenas noches señora..a GPS car agradece tu ligacion.

Mas matan no somente quien roba, mas aquellos que dejan morir

bueno, puede ser difícil entender, complicado de aceitar, e mas aun cuando diciemos que de todo isso depende de algo que la GPS car es apenas uno dentre otros frutos que decompõnen as arboles de los micropoderes, finos filetes que passa por tu pensamiento, pelo que tu sientes y podra vir a sentir, pensar, hacer..gostar, de quien e como tu amas/amaras, pero tambbien la regulamentacion de la vida, aspectos que nos sugan nuestra fuerza vital, todo que podemos, nuestra vontade de potencia, en torno del autodestruição e a favor de los intersses de lo “Estado”..todo esse e otras cosas mas me decia mi abuelita puede ser difícil entendier chiquitita – me decia no mas profundo de tus ojos negros e cortados como que por una habilidosa ferreira, me decia sus ojos cortados por el sol nascente de la muerte projima, em silencio encuanto me mirava sin mi ver, en las horas de torpor,ao medio dia e a la media noche – me decia mi abuelita encuanto passava a mi lado sin mi ver... ahora ella tiene una otra mirada..una mirada de quien viveu em SP largos años e ahora vive en lo interior d MG, Lagoa da Prata..

pero tambien havia em tus miradas los mas indistinto de los orientales, como tambien de los índios de latino America, que es de donde tengo este sotaque, yo ouvia en tu cerejeiras latinas, e en tus girassoles poentes – una vontade que se hacia fuerte,

⁵⁷ Foucault discute o conceito de racismos de Estado no livro *Em defesa da sociedade* na aula do dia 17 de março de 1976

silenciosa, pero habia que como uno trabajo sobre si (*ya ouvistes estas cosas em alguno lugar, ja leeste algo tempranamente projimo?, pues, mi abuelita tiene tales conocimientos desde la vida, no de los libros*) uno trabajo de transformacion – en la GPS car tengo un trabajo de repeticion – transformate a ti misma, decia en contrario, como algo indeciabile e invisible – deciamé para criarme uno tanto experiência, unas tantas experimentaciones, viver con lo cuerpito. Isto me passava de largo, no lo entendia lo que queria ella decirme y asi voy viviendo..

Mi nombre es Sisto Daniel Mozon

Muchos años después, frente al pelotón de fusilamiento, el coronel Aureliano Buendía había de recordar aquella tarde remota en que su padre llevó a conocer el hiel. Macondo era entonces una aldea de veinte casas de barro y cañabrava ...
G.G. Márquez – Cien años de soledad.

Soy uruguayo e vivi em la dictadura de mi país e participé de los movimientos revolucionários desde nino. Cuando policiales mataran amigos que tentavan bloquear a porta con carteiras, ellos atiraran.. mataran mis amigos e no teniamos para donde correr. Recuerdo en instantes que sabia como huir de alli..como gostava de ver el cielo, desde siempre buscava lugares para subir en los techos. Con eso, vi que podria comer las frutas o tomar las pipas voadas. Llamé mis amigos e nos fuimos por el techo. Por poco sobrevivimos.

Em la misma noche una amiga fueste hasta mi casa e dijo que tendria que hacer um trabajo de escula conmigo. Despues em mi cuarto, me dices que tu padre queria hablar conmigo e preguntando cuando, ella disse: ahora. En su casa, su padre que participaba me explicó todo sobre o movimiento de la guerrilla, que hacia parte de lo movimiento de guerrilla e que estava me chamando para participar do movimento, pues tenia habilidades muy buenas.Los niños son quienes llevan las informaciones entre los diferentes puntos, las armas, elas são o veiculo de comunicação de toda a guerrilha..

descoberto tal esquema não houve uno vivo que não ficasse como Winston⁵⁸. Fugi del Uruguai..me perdi a vender cosas e a andar por el Brasil.

He tenido lugares, mujeres, niños, aventuras, medos, uno de los mis hijos vive em Lagoa da Prata, MG. De la tengo toda informacion de lo exercito paralelo. Me perdi perdiendo carona...fue o que dise a todos..pero estava ena secreta mision pelo Brasil, como um Buendia de otros tempos que sobrevivio ao cien años de soledade⁵⁹ juntando informaciones e llevando otras, haciendo conexiones, entre toda la guerrilla del povo, movimientos vários y desconocidos articulados para el momento em que esta parodia de la guerra fria, de uno toque de recojer, de las proibiciones mas arrogante – no se puede? entonces que los robamos!

Las grandes experiencias hechas con poblaciones para instaurar por vez el terror e miedo tiveram el nombre de dictaduras, sistemas totalitários, opresivos, mas en todas las formas de Estado, hay opression e reducion da vida, da capacidad de afectar y ser afectado, de transformar y de ser transformado.. pero mas no mucho. para se criar y ser criado, imanentemente, coexistência de processos, estilização da existência, practicas de transformação de si..si.. ..singular..coletivo, heterogêneo, mulplicidades. O si es la multiplicidade y o comum-heterogêneo, el si como una micropolitica de la expansion de la vida, como una cartografia, una pesquisa intervencion, criacion de brechas, grietas, procesos, intensidades, de uno pensamiento sin imagem, de um cuerpo-sin-órganos..

Ahora junto e troco informaciones no para tomar el poder, mas para desestructurarlo, dejarlo expuesto a sus propios juegos infantiles, junto información de los lugares distintos e paralelos, distantes e de la confraria uruguaja que tengo contato.. el momento de la revolucion és o aqui agora, siempre será.. Urugajos, avantes!

⁵⁸ Personagem central do livro 1984 de George Orwell que no fim passa a ser alguém que ama o “Grande Irmão” após uma violenta tortura e lavagem cerebral.

⁵⁹ Gabriel Garcia Marques: *Cem anos de Solidão*

Andar, correr, nadar comer, cagar, foder.

Je parvins à faire s'évanour dans mon esprit toute l'esperance humaine.
Sur toute joie pour l'étrangler j'ai fait le bond sourd de la bête féroce.
Rimbaud – une saison en enfer.⁶⁰

Afetos e afecções..

Ao passo que corto o cabelo,
corto as saias

À medida que corto os cabelos
também corto as mãos
a garganta
e nos olhos, passo fundo o bisturi.

à medida que corto os cabelos
sinto o gosto de sangue quente,
nas gengivas descer pela garganta,
me sufocando
num gargarejo latejante febril

e se por qualquer omissão do corpo
nunca menstruei – corto meu saco
e meu pau
e tenho agora
uma menstruação contínua sem menopausa gritante

corto minhas pernas
e, a lá Van Gogh, as orelhas
corto a língua
e os lábios
estes são

⁶⁰ Trecho do poema e homônimo do livro de Arthur Rimbaud “Uma temporada no inferno”, 2006, “Consegui fazer desaparecer no meu espírito toda esperança humana. Para extipar qualquer alegria dava o salto mudo do animal feroz”.

agora borboletas
livres do casulo do falar
podem voar por si só

aos poucos, arranco meus dentes
rasgo o céu da boca
e já não há mais lua cheia no beijar
me desdobro em fibras e nervos
gorduras e pedaços de órgãos
aos poucos e à revelia de qualquer processo jurídico

à medida que corto meus cabelos
corto também minhas saias
mas saias não são como o cabelo
que crescem com o tempo,
todo corte tem suas fissuras
já não me caibo como antes
minha imagem não se reconhece
minha sombra desconfia do próprio passo

peguei minhas pálpebras
e as puxei até atrás da cabeça
e o couro cabeludo
passei no esmeril
queria parar de me cortar
mas o prazer é viciante
já ouvi dizer que no outono
o sangue é de cetim
e lá queria me dançar em pedaços
nos fios que farrapos soltos me atormentam

sabia raiar em voga
como quem se faz perdiz-por-do-sol

mas agora comprimento de longe
como quem vê um amigo de tempos
e à medida que me recorto,
nos confins de todo dia,
observo o pó do sangue seco
que na pequena caixa se coagula
enquanto minha flauta vértebra
sua nota que desalmada tocou

(quanto tempo se passou?
já estou careca – de (não) saber
e não tenho mais saia
meus cabelos insistem em crescer
mas minha pele queimada
já não precisa do que lhe agasalhar)

Ensaístico

Nesse outro ensaio, traremos outras experimentações no sentido de uma articulação teórica com a criação de um texto. Essa parte sentei e a escrevi, praticamente da maneira como se encontra. Qual o sentido deste texto aqui, podemos nos perguntar. Podemos também perguntar qual o sentido de uma pesquisa, por quais caminhos ela segue e como encontrar questões que nos possam ser relevantes. Nesse caso, qual a função da escrita e do pensamento e quais os motivos que nos levam a pesquisar e a falar sobre o que falamos?

Por um lado, nossas questões se passam pela produção da diferença, pela produção do novo, pois seguindo esse fio é que a vida flui. É por aqui que entendemos que novas formas de vida e de viver se constituem, se criam, se fazem permissivas para consigo próprias e abrem espaço em lugares que outrora não se via mais nada do que opressão.

Por outro lado, a escrita e o pensamento, mais ainda, este tipo de escrita que em diferentes momentos deste texto experimentamos é que nos fazem também ir para lados

que nos trazem o pensamento conectado à vida, que nos possibilita problematizar por quais motivos desejamos nossa sujeição – inclusive no que diz respeito ao que nos mandam fazer tudo direitinho academicamente. Seria esse também outra forma de continuar a manter o poder, a opressão da vida, das formas inventivas sob o ar abafado das normas técnicas etc e etc? Claro que para experimentar precisa-se de prudência, mas ora, com tanto medo generalizado, com tanta produção dessa vontade de sujeição, hoje em dia, percebemos, temos mais medo de experimentar, falamos tanto de prudência, que fica nisso, só falamos.

Vê-se poucas experimentações, poucas ousadias, digamos assim. Ah, mas estas a ser generalista demais, estas a condenar e a ser moralista, estas a se colocar em um lugar de vanguarda, apontando o dedo pra quem não o faz, podem dizer e por vezes até ouço.. Mas o que dizer de uma vida como a nossa, nas atuais condições em que vivemos? Nas atuais condições de um Brasil que parece afundar cada dia mais? Isso sem falar em termos de universidade. A UERJ esta no CTI, a qualidade do ensino é algo completamente balizado pelo MEC, a qualidade dos professores e das aulas completamente atravessadas pela nota do curso no MEC, a quantidade de artigos, a produtividade na esteira de produção. Uma professora dizia sobre a prova do ENADE no sentido de suas questões que são grotescas de distoantes com nossa realidade e com o tipo questão que se tem em si na prova: “*quem elabora essas provas são os dinossauros da psicologia!*”, ora, muitos desses dinossauros estão dando aulas, atendendo, trabalhando em diversos lugares.

Inclusive, e isso é o mais difícil: como não desejar nossa sujeição em nossa micropolítica? Como sair desse lugar de apontar e apenas fazer, no sentido de viver o que dissemos mas também no calço daquilo que nos ocorre: como lutar contra essa vida cheia de fascimos? Sendo assim, nesta parte do texto associo várias coisas, ficticias, reais, literarias, ironias, teorias. Brinco de bricolagem. Prudência? Se tive, se não tive, não sei, apenas experimentações eu vivi.

Ó Brasil, Moema morreu no meio do mar

Lo único que me duele de morir es que no sea de amor
G.G. Márquez – el amor en los tiempos del cólera

saber em que se anda os nossos corpos. andar sendo corpo. ter ideias? É sempre que pensamos?⁶¹ Ou quase de vez em quando? Pensar por estranhamentos, por cataclismos, erosões, erupções, por quebras, pensar por viagem – quando vamos a um lugar que nunca fomos, pensar pelo que nunca vimos, por isso, pelo que jamais esquecemos, pela memória que nunca tivemos. Por algumas vezes corpos. Outro dia uma coisa se passou. E se andasse por ai nu? Sim. O nu sincero e tranqüilo. A simples vontade de andar nu. nudez como condição humana. Sai nu outro dia. Os vizinhos do prédio, em uma quarta pela manhã, não perceberam a diferença em meus passos, nem quando abri a porta ou mesmo quando cheguei na varando para colocar o lixo na composteira. o zelador que tem seu horário de trabalho não chega depois das 08:00 não notou e achou que era fantasia de carnaval atrasada ou de um bloquinho que se contentava a conta-gotas; retrogradamente, numa volúpia de quem roda o vídeo para trás: atordoado e boca seca, abri a porta do mesmo modo, caminhei da porta de saída à cozinha, da cozinha ao quarto, do quarto ao banheiro, ao box, ao quarto, ao terreiro, e encontrava andando como sempre como todos e nada como um movimento inverso, nu.

O nu como experimentação dos corpos, como uma estilização da vida, um trabalho sobre si a cada instante. viver o presente. um cuidado consigo que só o é pois com os outros, junto, em cada encontro, sendo assim, nem natural nem construído, necessariamente, mas o que é inerente de cada encontro. Uma ética do comum. Um cuidado em transitório, uma pratica de expansão de vida. o presente como única direção temporal e, ao mesmo tempo, um lançar-se ao não saber, ao não conhecer

(...)poderia entender como algo que não se trata de um “homem civilizado”, uma marca de um “selvagem”, recorte temporal que diz de quando o homem vivia ainda às intempéries da natureza e começou a organizar-se a partir de certos critérios e modos de vida coletiva a ponto de ter não só aquilo que não pode ser falado, mas também como o

⁶¹ Deleuze em Diferença e Repetição nos diz que um pensamento só acontece pelo estranhamento, pela “violência”, que não pensamos sempre e que isso não se dá de boa vontade.

que não pode ser visto, nu. no entanto: encontra-se mais próximo, seria o mais próximo de nós, o de mais difícil apreensão, pela sua própria obviedade – o mais próximo de nós, não seria o corpo – o corpo intensivo? Afetos que me ressoam desde então. Encontros.. experimentar – ao invés de falar sobre – eis ao que estou condenado⁶² – ressoa ...não se trata de experimentações o tempo todo?. O tempo e nossas precárias organizações, da vida, de tal intensidades. Passado, futuro? nossas capacidades racionais não estão conectadas; “experimentação poética”: o nu, essas experimentações com o corpo nem desvios tampouco erros, mas outros movimentos, outros gestos, corpos intensivos, o inominável e o não imaginável, táticas de guerra em um ruído, provocar dissonâncias, outras contigüidades, outros espaços, experimentar. Nu no sentido de trazer o que está tão na cara quanto “proibido”..o que é nu, só o é coletivamente.. mas o é permitido em certas intimidades.. em certas individualidades.. um nu singular, heterogêneo e político, em boa medida, nos é proibido.. que tipo de nudezas nos são proibidas atualmente? Protestar contra tamanha opressão? Andar nu imperceptivelmente..eis que infiltramos nas nuances indiscretas da vida, ao bom estilo de um cavalo de tróia,

andar nu não é “civilizado” na medida em que as regras e leis que vivemos há séculos nos impõe um “medo” do corpo nu. uma necessidade: a vida coletiva: o partilhar estranhezas singulares e heterogêneas, tão distantes quanto próximas: comum. Mas cuidado ao andar nu. me chamaram de louco, tendo um surto, perverso, tarado, por ser um psicopata ou algo do tipo, “nesse caso serás preso” e o fui ... Estratégias e lógicas de controle: dominação de cada um e da vida tão antigas quanto cotidianas, abarcadas por sutilezas que nos levam em bondes, arrastamos nossos corpos, rastejamos quase, tudo em troca do que nos dizem ser “o melhor pra nós: uma vida feliz, um carro, uma casa..”

já que tocamos em um ponto delicado, as opressões e as estratégias de gestão e controle dos corpos e da vida, uma digressão por um momento, alguns passos atrás para, talvez, poder dar alguns saltos .

era uma vez um rei..uma rainha.. algumas princesas e súditos.. toda uma plebe e clero..um mundo a se devanear em torno de uma famosa e caquética representação ..deus no céu e na terra?. Ah.. deus.. a..deus.. como diz um dito em um bar em algum

⁶² LINS, Daniel. Antonin Artadu, o artesão do corpo sem órgãos, Ed Lume. 2000. p. 9

lugar do mundo: deu é amor.. deu é amor? Não importa.. e se nos damos para a vida.. e se nos déssemos de inteireza com aquilo que somos? Temos coragem de consumir nossas ações em nossos atos? ..

o que somos? podem nos ver de todos os lugares. somos um maltrapilho de peles, ossos, carnes, esquadrihados por leis, ordens, palavras de ordens, de comando, por medo. quem tem medo da morte?..eu posso matar quem quiser.. em tempos antigos já dizia um tal rei de qualquer lugar.. eu sou o soberano desse mundo..tenho o poder soberano⁶³ Tenham medo de mim, me respeitem, pois o sei que o fingem fervorosamente sabiamente...e lá vivia, em seu castelinho de cartas, João de a-deus em uma época que ser rei é poder matar. mas ...quais são os “reis” de hoje em dia? quem manda matar? Mas e quando não se apenas mata, mas passa-se a gerir, a esvaziar as possibilidades de condição de modos inventivos de vida.⁶⁴ de lutas que se dão no campo de um esquecimento do corpo que se dão no cotidiano e a todo momento em todos os espaços..? – que revoluções moleculares e espetaculosas podemos? Digo muito bem: mato quando quiser, eis minha vontade sendo cumprida de várias maneiras, inclusive desta “ó..meu reizinho.. diga aê ao nosso cumpadi deus, teu tão próximo e aproximado criador dos céus e da terra.. oxe.. quando num lugar desses em terras tupiniquins..quando atordoado por um sol que ele não sabe que criou pois não tem pele que agüente e nessa nossa época nem existia um tal protetor solar.. mas vou para o céu. Fiz minhas caridades.. rezei. .aprofundei-me em minhas naufragadas leis santas, de uma naufragada e ressentida moral..sigo o calendário e os bons costumes sou um tal proverbizado.. encontrei-me. Sou feliz. ja não vivo mais a procura. me sigo sem ver, sem sentir, sem ouvir e falar: sou seu súdito meu rei..”

Tempos se passaram.. e agora, veja lá.. se não podem mais acreditar nesse teu rei – descobrimos suas manetices e façanhas, teu grande mentecapto⁶⁵, não acreditamos mais em ti.. – se todas as insatisfações e loucuras de vários povos.. suas iras e

⁶³ Foucault discute tal poder no livro “Em defesa da sociedade”. Tal poder consiste, basicamente, diz o autor, em fazer morrer e deixar viver” ou seja, o poder que estava encarnado em uma figura tinha livres poderes sobre os corpos de seus súditos, podendo fazer o que bem entendesse com eles

⁶⁴ Ver em defesa da sociedade: aula 17 março 1976, Michel Foucault

⁶⁵ Referência ao livro de Fernando Sabino. O grande mentecapto: relato das aventuras e desventuras de Geraldo Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações.

ganâncias.. suas imundices e trejeitos .. seus corpos mais cheios de tesão e fedendo a merda.. tudo que os dentes podres os quadros escondiam ..veja lá.. se isso ainda pode existir.. não crer nos reis.. ele que veio de um lugar que nem sabemos. .tem tantas vestimentas..e de ouro.. fazemos de nossas perfídias os momentos mais obscuros de um tal complicado nó de marinho em busca de uma baleia branca – mas onde ela está?

Já aqui nesse ponto da vida mundana e cotidiana, nos chamaram loucos, os reis e rainhas e os que ainda nisso tudo acreditavam, claro, pois fizemos máquinas ..inventamos matemáticas e por instantes de veleidades rubricamos a assinatura do rei sem a presença dele.. falsificamos sua moral..vilipendiamos hienamente como quem em terras distantes pendia em redes, vindos de lugares distantes diziam que essa terra é o paraíso ou mesmo um tal mundo perdido..logo ali pertinho, passando ao léu de todo esse turbilhão de outros lugares, quem nem sequer sabia o que era rezar, um tal eloquente de terras estrangeiras chamado em terras novas de Caramuru, viu-se fazendo amor com Moema e Paraguaçu..⁶⁶ Moema morreu afogada indo atrás dos dois quando se viu abandonada por Caramuru.. um amor a três que não cabia nas leis morais de uma monogamia tão real quanto ilusória... – ah Moema .. soubera eu em que terras vivias e não teria a vida esse nossos contornos atuais –.. foram os dois, Caramuru e Paraguaçu, para o velho mundo numa nau que trouxe o estrangeiro..moraram juntos, tiveram filhos e os filhos de Caramuru e Paraguaçu nasceram europeus.. comeram o pão que o diabo amassou.. trabalharam nas últimas latrinas de um memorial de um convento⁶⁷ que foi feito à base de roubo, por meio de um processo escravocrata que se estende até hoje, torturas e evangelizações de todos os tipos – o ouro para tal igreja vinha em navios, transportados – de lugares vários daquele lugar que ninguém sabia o que era e assim bem depois o chamaram Brasil – vocês sabem onde fica tal lugar? – até o lugar de outrora, já assim como que mergulhado nas latrinas dos vasos da moral – Mafra, Portugal..⁶⁸...

desde então, a família de Paraguaçu e Caramuru cresceu e meteram-se nas engenharias, nas físicas, nas matemáticas, nos conhecimentos objetivos, verificáveis e

⁶⁶ Ver <https://peregrinacultural.wordpress.com/2009/04/18/dia-do-indio-o-amor-de-moema/>

⁶⁷ Referência ao livro de José Saramago “ Memorial do convento. Ed Reunidas, 1994

⁶⁸ <http://www.funorte.com.br/files/PDF/biblioteca/memorial-do-convento.pdf>

quantificáveis expressos por suas leis naturais que estão aí para serem descobertos pela *verdade* .. contestaram, com tal *ciência*, os poderes e as falas mais divinas dos reizinhos mais lancinantes, as auroras mais pérfidas de superioridade.. os tempos mudaram, não sentiam-se mais que apenas homens de *ciência*, queriam as formas e as homogeneidades, os iguais, as igualdades em todos os lugares, muito mais do que as transformações, as diferenças, mas questionavam, ainda sim, as luxurias e futilidades, mas não percebiam as delicadezas de um poder que se amalgamava desde sempre com outro que se constituía e se transformava, ao mesmo tempo que era algo diferente, não era mais o mesmo.. se perguntavam os ditos donos de fábricas, pequenos rasuras dos falseados reis espalhadas em vários lugares: como controlar tanta gente? Como aumentar minha riqueza por meio da exploração de tanta gente? Como sair dos parques meios de enclausurar apenas..? tanto investimento em torno de poucas pessoas presas, por algum tempo desqualificadas de si próprias.. pois não importava.. o que importava era o hermetismo que ia surgindo em torno das cidades..

as invenções que deixavam os autoritarismos mais lancinantes na sola da poeira de um forró que ainda estava por se dar nome nas terras tupiniquins.. ou mesmo nos passos mais sensuais e encoxadas com movimentos que nos fazem virar a cabeça e os olhos – cuidado menino, não vá antes da hora (sussurrava no ouvido a dama que languidamente deixava seu corpo tomar a forma do que se dizia sensualidade) de um tal tango que não é parente do suco tang.. os filhos de Paraguaçu tomaram posse.. viraram homens de bens.. enquanto os de Moema não nasceram.. ficaram esperando a altivez de Caramuru atravessar o atlântico que tinha outro nome – águas, apenas – em tempos sem ainda mapa por se comprar em qualquer esquina.. toda essa ninharada foi crescendo aqui e ali.. em toda terra do lado de cá.. pois do lado de lá –de lá e de cá de onde? Dos que tem os olhos puxados.. dos que comem ópio.. dos que tem peixeiras abaianadas afiadas e curvadas.. dos que vivem em terras de areia.. dos que vivem em ilhazinhas tão pequenas e numerosas que não dá um bairro de tua escarrada Europa civilizada.. – esses que do lado de cá perpetravam coisas que parecem que criaram vida própria: uma tal maneira de viver que naufragada em polissemia monótona.. uma repetição de troços que lembrava a parafernália do progresso.. aí desses corpos: corpos que foram chamados de monstros que combinavam o impossível com o que já era da ordem do interdito,

daqueles indivíduos a corrigir: .. ah.. esses que merecem entrar sob o fino trato do que cabe na régua e aqueles onanistas..⁶⁹

Nome estranho para se dizer de criancinhas que no seio das mais puritanas famílias.. o que em algum lugar por ai chamou-se de “sagrada familia” e que em outro tempo teve o correlativo de “familia mineira”.. não aquietavam com suas vontades insandecidas de cutucar a succulenta, bater bolo, tocar sininho..bater uma, descabelar o palhaço, .; ai são tantos os nomes que se disserem que fui eu que o disse aqui eu o nego de pé junto.. pois não posso mais esconder se tenho as mãos peludas.. como ia dizendo.. essas coisas que foram se criando por ai afora.. essas maluquices,.. tudo que enquadrava apenas cada um e todo mundo, os anormais, tomado em sua matéria mais simples e singular , heterogênea – que é o corpo –, tudo isso se deu e se maltraqueou numa complexidade toda.. sendo a sexualidade que comporta duas experiências que à vida que são fundamentais tanto para os indivíduos considerados individualmente em seus prazeres carnavais, quanto pelo fato da espécie como um todo, ou seja, da manutenção da vida.. o que era do prazer próprio e o que era do controle da vida.. do que diz de sua própria reprodução ..e continuidade.. tudo se escandiu .. tudo se desmantelou e tomou ares de uma outra coisa que junto com o que funcionava antigamente.. da cabeça degolada, do controle individual dos corpos, por meio deles, tendo a ver com ele também, mas também se diferenciando radicalmente, não excluindo por completo, mas compondo, sendo uma coisa só ao mesmo tempo, mas formas de expressão diferenciadas, o controle dos corpos e a gestão da vida.. o poder soberano, o biopoder e as estratégias de governamentalidade.. tudo isso hoje – e até quando não se sabe.. no seu gole de café da manhã, no simples ir e vir e nas notícias que espalham medo no carro assaltado esse podia ser o seu, você tem seguro?

Compra já e se garanta – sozinho, compre compre, desconto só hoje! e as notícias do tempo vão bem e vão mal, mais um negro assassinado, morto com um tiro na face – ó mães Marias, Tatis, Joanas, mas não se importe, depois dos comerciais um shake revoluciona sua possibilidade de ter um corpo saudável sem sair de casa, não se preocupe com seu dia a dia corrido e podes ter já na quina da janela da pia ou dentro do

⁶⁹ Sobre os monstros, os indivíduos a corrigir e os onanistas ver <https://drive.google.com/file/d/0B24K3c2g-4LAdEZkR1ZYVzBhaXM/view>

seu armário abarrotado de comida que compartilhas com pequenos insetos, compre teu carro IPI reduzido..

..do que se passa no corpo, tais intensidades, que podem nos levar a adotar uma postura de combate ante a vida, pois se há os perigos inerentes às linhas de fuga, também há uma experimentação em que a dinâmica da prudência está em jogo, fazendo questionar aqui e ali, problematizar alguns pontos, na perspectiva de provocar o pensar com o intensivo do corpo. Pensar com o corpo no sentido de intensificar a proposta de não só atuar e provocar mudanças, transformações na vida de pessoas que chegam nos diversos locais em que estão inseridos os profissionais psicólogos, mas também em que medida eles próprios se mudam, se transformam com seus atos.. um pensamento que só o é na medida em que também se insere naquilo que propõe, ou seja, de mudança, invenção e reinvenção de si constante, é como inserir o processo no produto e o produto no processo.

isso parece que se explodiu em si mesmo e espalhou-se .. como fogos de artifício.. numa artificialidade que agora tem ares high-tec sorria você está sendo filmado, vigiado, controlado, gerido, controlado.. e o nosso tão querido reizinho de Mafra perdeu-se por aí.. ninguém sabe mais dele.. nem mesmo daquele que se escandinava-se dizendo que por aqui ficava, se para o bem de todos fosse, ó, quanta pretensão e arrogância, ficava..pois bem, podia ter ido e por lá ficado..nunca ter vindo.. que suas mãos só trouxeram e nos contaminaram de um ódio que não conhecíamos ..de Portugal a África, ao Brasil, de um trejeito que não nos tínhamos dado conta.. ó, que delicadeza foi tal controle.. não mais na ordem da carne do povo que gritava só e desfigurava-se em maltrapilho em torno do pão.. agora essas high-tec, esses ares que se por um lado trazem renovação e fazem o andar da carruagem humana tecer seus fios nos teares dos fabricantes de camisa de força, não somente nossos corpos, corpinhos esses que querem um pouco de prazer e calma.. mas agora em torno de nossas vidas.. de nossos mais indiscriminados prazeres e atos invisíveis.. todo esse controle.. toda uma população e todo um nome que é todo mundo e ninguém..população..(Foucault: “*Em defesa da sociedade*”) essas maravilhas que nos fazem nadar na lama quando pensamos que não há nem nunca houve o que se diz de liberdade.. ah.. tema estranho de dizer.. quando desde épocas imemoráveis se perguntam e ainda o fazem .. e é o que fazemos

por aqui: por qual motivo – desejam as mulheres, as crianças, xs negrxs, xs lgbs, os loucos e as moléculas – sua própria sujeição?

Como são os homens geridos, criados, tomados a ter medo? imitam tais afetos? Confundem toda uma série de manuscritos e ditos populares, mensagens estelares.. e associam, transferem e trazem para um tempo estranho e identificam tudo que é medo com coragem? Outro dia, vendo um vídeo pediam para adultos correrem, atirarem pedras, brigarem e etc, como *meninas*.. os atos, os gestos, tudo que foi feito, foi na perspectiva de uma depreciação das mulheres, tudo.. nada mais nada menos.. em seguida pediram a meninas, crianças de até alguns anos a fazerem o mesmo..

tudo que se fazia era da ordem de uma força, de um perseverança e garra que em nada tinham a ver com os atos dos adultos.. meu pai oxalá, meu pai ogum, budas e gurus, mães das águas doces e salgadas, tudo que se passa nesses corpos não se definem por medo e coragem .. não se resume esses fatos a esses pontos, mas dizem tanto o que queremos.. mas o que queremos? Queremos nada mais que pensar se nesse nosso tempo atual se haveria, e como, tal contragosto corajoso – uma nudez desinteressada? Imperceptível? –.. coragem não é algo por de menos.. se *a vida quer de nós coragem*⁷⁰ poderia ela querer algo mais? a vida quer mais de nós algo além de coragem.. isso que vem do coração.. esses atos que nos são impactantes por serem sem pensar.. sem ideias ou hipóteses preestabelecidas?

Cinestoscópio amalgamia, alquimia, niilóbio, atrocidades farmacêuticas, faixa de gaza em nossas casas, microfascismos em nossos peitos.. coragem, irmãos, coragem, *ser gauche na vida*⁷¹ atropelos ..se a o ato de coragem é o que vem do coração, tanto

⁷⁰ ROSA, Guimarães: Grande sertão: veredas

⁷¹ “Poema de sete faces”:

Drummond: Poesia até agora, José Olympio, 1948:

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,

racionalismo teria nos roubado em nossos mais enluarados atos, nossos sóis de outrora? Ou seriam esses atos tão cotidianos quanto endiabrados, pois, ah...deveras a vida fosse assim como pensamos.. os riscos, os perigos, as cautelas estão no mesmo instante desses atos que nos proliferam, tudo que nos compõem tem lá, bem junto e inseparável às miudezas e às grandezas.. toda nossa fala.. todas as palavras e bricolagens.. um anti-herói.. um anti-livro. . um anti-édipo, um anti-conto.. um anti computador sentimental ⁷²

Questões.. essas coisas não costumam chegar de ante-mão.. não são primeiras nem segundas.. mas falam junto, estão conosco a cada momento.. podemos, a partir dos afetos que temos, ter um pensamento? Moema no meio do mar.. filhos de Paraguaçu descendentes em Portugal.. Espanha.. Alemanha.. toda as guerras que vivemos .. todas as prisões que inventaram.. quando prendem, querem prender o que em nós, mais do que nós? e seguindo, e se tal linha de montagem viesse para lugares outros uma loucura

não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus,
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo

⁷² VELOSO, Caetano. canção: não identificado

em nome próprio, prendem não mais nas loucuras de instituições e vilipendias, somos mais.. somos só.. angariados por um poder que nos deixa soltos..mas que contraditoriamente nos vigia, controla, das possibilidades mil.. poder disciplinar, biopoder.. biopolítica.. ou ecopolítica planetária..⁷³ tendências que nos engolem desde nossa voluptias até mesmo nosso conatus..⁷⁴ tudo em torno de uma circulação controlada, ordenada da vida e dos modos de viver.. aos poucos, até que tais práticas se instalem em nossos mais desalmados coraçõezinhos que de tanto agrotóxicos palavreiam normas e não sabemos mais o gosto de uma fruta chamada liberdade, ou melhor, *práticas de liberdade*.. como afetar-nos com uma alegria que de tão potente, singela e corajosa contra o medo, as opressões cotidianas?

Uma vida como obra de arte? uma estilização da vida na perspectiva da transformação e invenção de si? *si* esse que somos nós, pois somos multidões, somos vários e heterogêneos, não há uma essência de quem ou do que somos, Moema, vês agora, que tudo que acontece, é o que tem que acontecer? Que destrambelho devemos ter a audácia para combatendo nossos microfacismos, nossos medos e argúrias mais arraigadas, para imantar e mergulhar nosso cotidiano nessa malha sutil e viva? Eis o paradoxo do viver..

Que desterritório, como criar para si – ou para nós – um corpo sem órgãos?⁷⁵ Como criar para si ou para nós uma *zona autônoma temporária* (termo no qual Hakim Bey⁷⁶ fala sobre os piratas que antigamente faziam roubos e em seguida festas em ilhas e pedaços de terras que chegavam a acontecer em torno de três anos – mais ou menos não importa – mas espaços de terras que não eram atravessados por esses códigos atordoados por esses controles de corpos e de vidas..) experimentar.. ir além dos nossos comuns.. ir em terras distantes, olhar cara a cara o desconhecido.. provar o sabor doce e amargo que terras outras não nos sabem, ainda.. aumentar nossas potências a cada experimentação.. tudo é um jogo.. um lançar de dados.. temos nossas éticas.. nossas

⁷³ PASSETTI, Edson. Sociedade de controle e abolição da punição

⁷⁴ L. Bove desenvolve em conferencia proferida no Instituto *Sedes Sapientia em 2008 com o título: sobre o principio do conhecimento dos afetos em Espnisoa: causalidade e esforço sem objeto na Ética III .in: Espinosa e a psicologia social: ensaios de ontologia politica e antropogenese.*

⁷⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix: Mil Platos, capitalismo e esquizofrenia. vol 3.

⁷⁶ http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf

práticas e direções.. tudo é máquina.. por meio de .. máquina de máquina que movimentos desdobrar atualmente? Uma ética do cotidiano seria corporear um conhecimento sensível que não apenas *individual*, mas que singularmente político, coletivo..deixando às razões e às ciências intuitivas, não de lado, mas guardadas ao momento que acharmos eventualmente prático para atos menores, falas menores, corpos menores..tudo que vai contra uma malfadada hegemonia em torno do mesmo, do igual, do repetitivo, das lógicas de destruição da vontade de vida, de potência.

Macabéa⁷⁷ chorou em meus ombros.. não sabia o que falar.. tinha um sentimento de não ser, contentava-se com migalhas ou com pequenos passos.. seu corpo que nem para prostituição servira foi trabalhar e vender-se numa exploração qualquer de quem vem do nordeste brasileiro.. seus sonhos o destino roubou..toda a sorte prevista pela cartomante..ah.. soubera sua amiga que tudo isso foi em vão ..soubera sua mãe o destino que o feto que mal mexia na barriga, teria abortado como o pai quis e mandava? Nasceste por nascer e agora entregue aos luxos de um destino roubado, morreu como que na sarjeta..morre assim nossa coragem atualmente? Morre de que morte nossa vontade de potência? Ou na luta diária e cotidiana em função de tanto ardor, nossos corpos, intensidades roubadas, são natimortos que nossos pais execraram, mas que a despeito disso, insistimos, insistimos em nossas práticas e trejeitos, com tiques que nos escapam da monotonia? Temos tempo de ter coragem? Temos corpo para coragem atualmente? Ou na grande maioria do tempo, tudo que nos chega de fora destrói nossa perseverança para continuar a nos conectar com nossa astúcia em detrimento do que é abominável e triste? Mundo, mundo, vasto mundo!

77

http://www.sistemapiaget.com.br/site/images/stories/2014/professores/ronan/a_hora_da_estrela_clearice_lispector.pdf

Queres criar?⁷⁸

Estou totalmente estupefato, maravilhado! Tenho um precursor, e que precursor! Eu não conhecia quase nada de Espinosa: que eu seja agora impelido a ele, foi um ‘ato instintivo’. Não só sua tendência geral é a mesma que a minha – fazer do conhecimento o mais potente dos afetos -, como me reencontro em cinco pontos capitais de sua doutrina; este pensador, o mais fora da norma e solitário, é-me nesses aspectos justamente o mais próximo [...] In summa: minha solidão, que, como sobre o cume de elevadas montanhas, tantas e tantas vezes tornou minha respiração difícil e me fez sangrar, é, ao menos agora, uma “dualidão”

Carta de Nietzsche a Overbeck, 30 de julho de 1881

Nessa parte do texto, inicia nosso ato delirante.

Quieres marchar, Hermano mio, a la soledad? Quieres buscar el camino que lleva a ti mismo? Detente un poco e escuchame..

El que busca, facilmente si pierde a si mismo..todo irse a la soledade es culpa: asi habla el rebano. Y tu has formado parte del rábano durante mucho tiempo.

Pero ¿tu quieres recorrer el camino de tu tribulacion que es el camino haci ti mismo? Muestrame entonces tu derecho e tu fuerza para hacerlo!

Mas alguna vez la soledade te fatigará, alguna vez tu orgullo se curvara y tu valor rechinara los dientes. Alguma vez gritará “estoy solo!”

Guardate de los Buenos y justo. Com gusto crucifican a quienes se inventan una virtud para si mismos – odian al solitário.

Y guardate también de los asaltos de tu amor. Com demasiada prisa tiende el solitário la mano a aquel com quien se encuentra.

⁷⁸ Tal parte do texto é uma cópia de partes do texto de Nietzsche que consta no Zarathustra texto chamado “*del camino del creador*”.

A ciertos hombres no te es licito darles la mano, sino solo la pata: y yo quiero que tu pata tenga tambien garras..

Vete a tu soledade com tu amor y com tu crear, Hermano mio, solo mas tarde te seguira la justiça cojeando.

Vete com tus lagrimas a tu soledade, Hermano mio, yo amo a quien quiere crear por encima de si mismo e por ello perece.

Asi hablo Zaratustra..

Ato delirante

El primero de la estirpe está amarrado en un árbol y al último se lo están comiendo las hormigas

G.G.Márquez – Cien años de soledad

Perpassando por questões que vão desde o modo como algumas questões relativas à experimentação surgiram e como o rumo do texto foi se alterando a partir de minha vinda pro RJ, bem como a escrita foi surgindo nesse tempo aqui, me alimentando de vários elementos, posso dizer que experimentar não é facil. Mas também digo o contrário, que experimentar é a coisa mais fácil de toda a vida.

Percebo que há muita coisa que se tem medo. Experimentar, pensar, é algo que se tem medo. Se colocar nesse movimento é algo muitas vezes evitado. É algo que se exige uma completa ou sutil transformação, mas que, em tese, mexe muito conosco. Estar aberto a tais intensidades, ser prudente, passar pelos animais nietzchianos, burro ou camelo, leão e chegar na criança.. o burro que carrega o peso da moral, que a repete (estaríamos aqui no primeiro gênero do conhecimento espinosista?) chegar ao leão que quebra, se revolta a tais normas (o conhecimento científico poderia ser algo salutar pra poder lutar contra toda forma de modo de vida imposto, fétido?) ahh.. as crianças .. e suas constantes renovações, transformações, transvalorar todos os valores.. isso é criar..

só quando se cria um corpo sem órgãos, e nele se mantém é que se pode dizer do terceiro gênero do conhecimento.

Aqui, podemos dizer que passamos pela experimentação – e continuando nela em processo, pois quando se termina uma experimentação? Quando não mais pensamos? – tudo isso nos faz entrar em uma maquinaria própria que, a meu ver, tem outros movimentos, outros ritmos que os do aparelho de captura do Estado, outros movimentos que a máquina do Estado ou do capitalismo. O que as experimentações fazem, sem que se perceba inicialmente, é que ela inventa uma máquina de guerra que conjura esses movimentos da máquina de sobrecodificação do Estado. Experimentar não se trata de ser a primeira das maravilhas, mas experimentar pode nos levar a pensar, experimentar nos tira das ilusões da consciência, das ilusões do primeiro gênero de conhecimento, pode nos levar a ter um modo de vida ético que nos faça transvalorar nossos valores, nossas morais, em nosso cotidiano, nas nossas relações, conosco mesmo, experimentar pode nos fazer agenciar com bons encontros, com a potência da vida, com a leveza de um passarinho que voa às 16h ou que canta às 04:00 h da manhã.

Criar dispositivos que nos façam combater esses ressentimentos, isso de modo implosivo, na vida, na escrita, nos atos, nos posicionamentos. Na coragem. Quanto do que falamos e problematizamos está colado ao que vivemos? Temos coragem para tal? Como criar tal corpo corajoso? Em boa medida a universidade tem esse processo de nos separar do que vivemos, ou melhor, de mil maneiras essa máquina de captura está presente nas universidades. Se posso “pensar” de um lado e “viver” de outro, isso não serve. Isso não tem nada a ver com experimentação, com corpo, tampouco com ética, ainda mais com a ética que Espinosa nos apresenta.

Que coragem podemos criar em nosso cotidiano? Tudo bem que a vida tenha suas regras e modos rotineiros de seguir.. mas precisa ser desse tal modo em que vivemos atualmente? É aceitável que hoje em dia milhões, no Brasil, África e em outras partes do mundo morram de fome? As questões que envolvem os processos educativos, os sistema prisional, a saúde pública.. nosso modo de governo.. gente!: governo?.. políticos? precisamos disso, até quando? É aceitável essa discrepância que se tem no que diz respeito ao acesso à direitos básicos? Pior é ver um sistema, uma máquina que

cria pessoas com desejo de sujeição. Que clamam por mais opressão, por mais ódio, ressentimento, por uma vida inteira a ferro e fogo..

Não se trata de uma ilusão.. de um sonho acordado ou de se fazer ciente no meio do sonho..e nao saber em que “realidade” se está. Trata-se de algo que muitos falam e escrevem sobre. Nao precisa ir muito, já os citei bastante aqui. O excomungado. O que morreu doido. O que se suicidou. O que teve um ataque cardíaco. A que não tem nome e morreu atropelada. A que morreu afogada. Os que foram dizimados, os que foram mortos e lutaram, os que lutam em cada momento nesse instante contra as opressões do Estado. Não há dúvida. Não se trata de algo a se colocar mais em questão. Os índios estão perdendo suas terras, os negros são dizimados em uma política de extermínio. O racismo é sutil e violentíssimo. Os processos de morte se dão desde concretamente, até mesmo o esquecimento, o banimento da vivência de suas culturas, línguas, gestos, danças, comidas.. tudo se solidifica .. todo mundo com chapinha no cabelo, quero dizer que a multiplicidade vai tomando uma única forma, hegemônica, univocidade.

Nesse sentido, as propostas de tal texto é caminhar por falar dessas questões de movimentos, lutas, desejos de sujeição e resistências: resistências históricas e cotidianas, banalizáveis por muitos, glórias indiscretas e temporárias por outros, exemplos de vida que se rizomatizam desde a concretude dos asfaltos – cheios de sangue, por sinal – até às internets da vida. Ao ato de colocar fogo no próprio corpo, à queda de ditadores.

Experimentação é nada mais, nada menos, que atualizar um virtual. É um acontecimento. Ou podem ser. Depende de como anda o processo. Um acontecimento, um não se faz só. Não se experimenta só. Tal como não se muda toda um modo de viver do nada, não é atoa que “se não fosse Dandara, eu levava chicotada” como canta MC Carol. As lutas de ontem são os direitos de hoje, ainda que em boa medida, não postos em prática.. ainda que se tenha tal prática de extermínio contra negras e negros, índios, transexuais, travestis...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **No meio do caminho**. In: *Alguma poesia*. 1ª ed. Ed. Companhia das Letras. São Paulo. 2002.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Ed. Argos. Chapecó. 2009.

BEY, Hakim. **Zona Autônoma Temporária**. Ed. Conrad Editora do Brasil. São Paulo. 2002

BOVE, Loran. **Sobre o princípio do conhecimento dos afetos em Espinosa: causalidade e esforço sem objeto na Ética III**. Texto disponível em: http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=08&ordem=6. Acesso em 17.07.2016.

CESAR, Ana Cristina. **Olho muito tempo**. In: *A teus pés*. Ed. Brasiliense. 1982.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças; LOBO, LOBO, Lilia Ferreira; NASCIMENTO, Maria Lívia do. **Por uma invenção ética para os Direitos Humanos**. In: *Psicol. clin.* vol.20 no.2 Rio de Janeiro 2008

INVÍSEL, Comitê. **Aos Nossos Amigos: Crise e Insurreição**. N-1 Edições, São Paulo. 2016

DELEUZE, Gilles. **Sacher-Masoch – o frio e o cruel**. Jorge Zahar editor. Rio de Janeiro. 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Devir**. In: *Mil platôs* vol 4. Ed. 34 São Paulo. 1997.

DELEUZE, Giles. **Diferença e Repetição**. 2ª ed. Ed. Graal. Rio de Janeiro. 2006

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: Filosofia Prática**. Ed Escuta São Paulo, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**, Perspectiva, São Paulo 1974

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Rizoma**. In: *Mil platôs* vol 1. Ed. 34 São Paulo. 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix: **'El Anti-Edipo: capitalismo y esquizofrenia**. Barcelona. Ed. Paidós Ibérica, S/A. 1972,

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Como criar para si um corpo sem órgãos**. In: *Mil platôs* vol 3. 4ª ed. Ed. 34 São Paulo. 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Tratado de nomadologia: a máquina de guerra**. In: Mil platôs vol 5. 4ª ed. Ed. 34 São Paulo. 2008.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. Ed 34, São Paulo,

DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikhailovitch. **Memórias do subsolo**. 1ª ed. Ed. 34. São Paulo. 2009.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikhailovitch. **Recordação das casa dos mortos**. 3ª edição. Ed. Saraiva. 2015

ESPINOSA, Benedictus. **Ética**. Ed. Autêntica. Belo Horizonte. 2009

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. 1ª Edição. Ed Martins Fontes. São Paulo. 2011

FOUCAULT, Michel. **Aula 17 de março de 1976**. In Em defesa da sociedade. 4ª ed. Ed. Martins Fontes. São Paulo. 2005.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. 1ª ed. Ed. Martins Fontes. São Paulo. 2008

FOUCAULT, Michel. **Os anormais. Curso no collège de France. (1974-1975)** 1ª ed. Ed. Martins Fontes. São Paulo. 2001

FUGANTI, Luís. **Ética como potência e moral como servidão**. disponível em: <http://www.luizfuganti.com.br/escritos/textos/68-etica-como-potencia-e-moral-como-servidao> acesso em 10.09.2016

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. 3º edição. Ed brasiliense. São Paulo. 1985

HESSE, Hermann. **O lobo da estepe**. Ed. Record. Rio de Janeiro. 1995

LINS, Daniel. **Artaud, o artesão do corpo-sem-órgãos**. Ed. Rev. E atual. pelo autor. Ed. LUMME EDITOR . São Paulo. 2011,

MARCHI, Alice de. **Clínica e política: uma experiência limítrofe**. Revista NAVCV Minas Gerais, nº 1. No prelo.

NIETZSCHE, Friedrich. **ECCE HOMO** MJ Ediciones, 2ª ed. España. Madrid. 2001

NIETZSCHE, Friedrich. **Así Habló Zarathustra: Un libro para todos y para nadie**. Alianza editorial. Madrid. 2012

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos (ou como filosofar com o martelo)**. Ed. Companhia das letras. Ed. Releme Dumará. Rio de Janeiro. 2000

ORWEL, George. **1984**. Ed. Penguin Books. USA. 2009

PASSETI, Edson. **Transformações da biopolítica e emergência da ecopolítica**. Texto disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/15120> . Acesso em 09.11.2017

PASSETI, Edson. **Sociedade de controle e abolição da punição**. Perspec. vol.13 no.3 São Paulo Jul/Set. 1999

PAVANELLI, Camila. **Sobre impostos, racismo e um conselho de minha avó**. Texto disponível em: <https://recordarrepetirelaborar.wordpress.com/2013/11/29/fernanda-lima/>. Acesso em 15.08.2016

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Ed. Nova Aguillar. Rio de Janeiro

SABINO, Fernando. **O grande mentecapto**. Relato das aventuras e desventuras de Geraldo Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. Bertrand Braasil, Rio de Janeiro, 1987,

DISCOGRAFIA

GIL, Gilberto. “**Aqui e agora**” por Madan. In Refavela. Warner Strategic Marketing Brazil. 1977, CD.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. **Ponta de areia**. Gravadora: Emi Odeon, Brazil, 1975, CD.

FILMOGRAFIA

Quando Nietzsche chorou. Direção e produção: Pinchas Perry. EUA, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RMqIE5dUF9A>. Acesso em 20.05.2016